

FELIPE GOEDERT MENDES

**A TRAJETÓRIA ESPORTIVA DE ATLETAS DE CATEGORIAS
DE FORMAÇÃO NO VOLEIBOL BRASILEIRO**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau de Mestre em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Edison Roberto de Souza.

**FLORIANÓPOLIS
2017**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
Através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da
UFSC.

Mendes, Felipe Goedert

A Trajetória Esportiva de Atletas de Categorias de
Formação no Voleibol Brasileiro / Felipe Goedert
Mendes ; orientador, Edison Roberto de Souza -
Florianópolis, SC, 2017.

124 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de
Santa Catarina, Centro de Desportos. Programa de Pós-
Graduação em Educação Física.

Inclui referências

1. Educação Física. 2. Desenvolvimento Esportivo.
3. Formação esportiva. 4. Voleibol. I. Souza, Edison
Roberto de. II. Universidade Federal de Santa Catarina.
Programa de Pós-Graduação em Educação Física. III.
Título.

Felipe Goedert Mendes

A TRAJETÓRIA ESPORTIVA DE ATLETAS DE CATEGORIAS DE FORMAÇÃO NO VOLEIBOL BRASILEIRO

Esta dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de Mestre em Educação Física, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Física.

Florianópolis, 23 de fevereiro de 2017.

Prof. Dr. Luiz Guilherme Antonacci Guglielmo
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação Física

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Edison Roberto de Souza - Orientador
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a Dr.^a Alexandra Folle
Universidade do Estado de Santa Catarina

Prof. Dr. Juarez Vieira do Nascimento
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Dr. Michel Milistetd
Universidade Federal de Santa Catarina

Dedico este trabalho aos meus pais, Adélio e Adriana, e a meu irmão, Vitor, pela minha educação, apoio e por se manterem sempre presente na minha trajetória de vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me proteger, estar presente comigo, proporcionando oportunidades na minha vida.

Aos meus pais, Adélio Nogueira Mendes, Adriana Goedert Mendes, meu irmão, Vítor Goedert Mendes e, meus avós Waldomiro Goedert (*in memoriam*), Olga Thiesen Goedert (*in memoriam*), Antônio Nogueira Mendes, Iraides de Jesus Nogueira, pelos ensinamentos, exemplo que são, caráter, educação na qual pude sempre ter acesso.

À Marina Christofoletti dos Santos, por estar presente por toda esta etapa comigo tendo um papel fundamental, me apoiando, motivando, com muito companheirismo, paciência, cumplicidade, ser meu momento de desafogo, na qual se não fosse por ela, não estaria aqui neste momento.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Edison Roberto de Souza, por acreditar em mim, desde a minha graduação como orientador de TCC até o mestrado, também como está função, e além desse acompanhamento, de ser um grande amigo, conselheiro,

Ao Laboratório de Pedagogia em Esportes (LAPE) e seus integrantes, Rodolfo, Otávio, Vinicius, Matheus, Alexandre, Vitor, Miraira, Marília, Dehia, Willian, Eduardo, Gabriela, Jeferson, Karla, Alexandra, Raquel, Ricardo, Thayná, Ana Flávia, Dai e ao professor Júlio Rocha, por todo o convívio, amizade, conselhos e companheirismo durante esta fase. Agradeço em especial a Carine por todo o suporte, atenção para esta dissertação tendo um papel fundamental na sua elaboração.

Aos meus colegas do Grupo de Pesquisa e Desenvolvimento de Futebol e Futsal (GPDFP), Fábio, Gabriel Dutra, Vinicius Frizzon e aos Professores Juliano Fernandez e Michel Saad pela amizade, discussões sobre futebol, e convívio neste período de mestrado.

Aos professores da Pós-Graduação, Michel, Juarez, Jaison, Gelcemar, Edison, Valmor, Cintia, Aline, Cassiano e Borgatto, pelos ensinamentos que me ajudaram imensamente na construção deste trabalho e por outras experiências pessoais e profissionais que levarei comigo em minha carreira.

A Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), ao Centro de Desportos (CDS), ao Programa de Pós-graduação em Educação Física (PPGEF) e seus servidores técnicos-administrativos por proporcionar excelente estrutura para meus estudos.

A CAPES/CNPQ na qual financiaram todo o processo do mestrado.

RESUMO

O objetivo do estudo foi analisar a trajetória esportiva de atletas de voleibol das categorias de formação de clubes de reconhecimento nacional. Estudo quantitativo descritivo, desenvolvido com 78 atletas das categorias juvenil e infanto-juvenil. O instrumento aplicado foi um questionário (COLLET, 2015), baseado no modelo de desenvolvimento da participação desportiva (CÔTÉ, 1999). A estatística descritiva contou com prevalências absolutas e relativas, médias e desvio padrão. Na análise inferencial, as variáveis contínuas nas fases com normalidade dos dados foram testadas t de *student* pareado, e, para análise da trajetória, o teste de ANOVA *Oneway*. Nas variáveis categóricas a associação foi extraída do teste qui-quadrado para o Grau de Influência dos Componentes Psicossociais de cada fase e da regressão logística multinomial. Considerando o intervalo de confiança de 95% e os níveis de significância adotados foram de 5%. Os resultados apontam que nos Anos de Experimentação 84,6% dos atletas praticaram ≥ 4 atividades físicas, 59,74% praticantes de voleibol $+\geq 2$ modalidades diferentes, sem diferença estatística na quantidade e tempo de atividades não-estruturadas e estruturadas e no grau de influência dos agentes psicossociais, em todos os componentes. Assim, a maioria indicou o grau "Moderado" no voleibol e "Alto" nas demais modalidades. Já nos Anos de Especialização, 66,67% tiveram contato com ≥ 4 práticas de atividades físicas e 74,36% afirmaram a vivência com a prática de voleibol e $+\geq 2$ modalidades. A quantidade de atividades estruturadas ($1,48 \pm 0,09$) foi significativamente maior que as atividades não-estruturadas ($1,01 \pm 0,12$), e o tempo das atividades estruturadas, com média de $15,24 (\pm 1,07)$ horas/sem, foi significativamente superior do que as atividades não-estruturadas, com média de $10,48 (\pm 1,30)$ horas/sem. O grau de influência dos pais/irmão/familiares foi "Alto", de treinadores foi de "Muito Alto" e de amigos "Muito Alto"; sem diferença estatística entre os componentes e o voleibol. As demais modalidades tiveram dos pais/irmão/familiares um grau "Alto", dos treinadores "Alto" e dos amigos "Moderado". Nos Anos de Investimento, 37,50% dos atletas praticaram 2 a 3 atividades físicas e 38,89%, somente voleibol. A quantidade das atividades estruturadas e não-estruturadas apresentaram diferença estatística nas médias de quantidade ($1,20 \pm 0,62$ vs $0,37 \pm 0,84$, respectivamente) e tempo ($16,28 \pm 0,91$ vs $0,37 \pm 0,84$, respectivamente). Os graus de influência dos componentes psicossociais no voleibol foi de "Muito Alto" para pais/irmão/familiares, treinadores e amigos, já 40% das outras modalidades, consideraram os pais/irmão/familiares "Alto", 60%

indicaram os treinadores como “Muito Alto” e 60% indicaram “Moderado”, os amigos. A trajetória representada pela comparação das fases indicou diferença estatística na redução da quantidade de atividades dos Anos de Experimentação e Especialização quando comparados aos Anos de Investimento. Conclui-se que os atletas tiveram suas trajetórias traçadas por uma infância com muitas atividades físicas, praticando voleibol paralelamente às outras modalidades e no decorrer do tempo, trilhando num caminho em direção a especialização no voleibol e, em decorrência, aumentando o tempo com as atividades estruturadas e diminuindo a prática das atividades não-estruturadas. Os componentes psicossociais tiveram importante papel de apoio, com aumento do grau na modalidade de voleibol. Esses achados podem fornecer pistas na perspectiva do processo de recrutamento de atletas pelas federações e clubes, bem como, contribuir aos programas de formações de atletas, sobretudo, ao considerarem no processo, as experiências esportivas e relações interpessoais durante seu desenvolvimento.

Palavras-chave: Desenvolvimento Esportivo; Formação esportiva; Voleibol.

ABSTRACT

The aim of the study was to analyze the sporting trajectory of volleyball athletes of the formation categories from clubs of national recognition. Descriptive quantitative study, developed with 78 athletes from the juvenile and infantile-juvenile categories. The applied instrument was a questionnaire (COLLET, 2015), based on the model of development of sports participation (CÔTÉ, 1999). The descriptive statistics had absolute and relative prevalence, means and standard deviation. In the inferential analysis, the continuous variables in the phases with normality of the data were tested t of paired student, and, for analysis of the trajectory, the ANOVA test Oneway. In the categorical variables the association was extracted from the chi-square test for the Degree of Influence of the Psychosocial Components of each phase and the multinomial logistic regression. Considering the 95% of confidence interval and the significance levels adopted were 5%. The results indicate that in the Investment Years 84.6% of the athletes practiced ≥ 4 physical activities, 59.74% practicing volleyball + ≥ 2 different modalities, with no statistical difference in the amount and time of unstructured and structured activities and in the influence degree of psychosocial agents on all components. Thus, most indicated the "Moderate" degree in volleyball and "High" degree in other modalities. In the Specialization Years, 66.67% had contact with ≥ 4 physical activity practices, 74.36% affirmed their experience with volleyball practice and + ≥ 2 with other modalities. The amount of structured activities (1.48 ± 0.09) was significantly higher than the unstructured activities (1.01 ± 0.12), and the time of the structured activities, with a mean of 15.24 ($\pm 1, 07$) hours/week, was significantly higher than unstructured activities, with a mean of 10.48 (± 1.30) hours/week. The degree of influence of parents / sibling / relatives was "High", of coaches was "Very High", and friends "Very High"; with no statistical difference between the components and volleyball. The other modalities had parents / sibling / family members a "High" degree, of the coaches "High", and friends "Moderate". In the Investment Years, 37.50% of the athletes practiced 2 to 3 physical activities and 38.89%, only volleyball. The amount of structured and unstructured activities presented a statistical difference in the mean values (1.20 ± 0.62 vs. 0.37 ± 0.84 , respectively) and time (16.28 ± 0.91 vs. 0.37 ± 0.84 , respectively). The levels of influence of the psychosocial components in volleyball were "Very High" for parents / siblings / family members, coaches and friends, 40% of the other modalities considered parents / siblings / relatives "High", 60% indicated coaches as "Very High", and 60% indicated

friends "Moderate". The trajectory represented by the comparison of the phases indicated a statistical difference in the reduction of the activities number of the Years of Experimentation and Specialization when compared to the Years of Investment. It is concluded that the athletes had their trajectories traced by a childhood with many physical activities, practicing volleyball in parallel with other modalities and in the course of time, walking on a path towards specialization in volleyball and, consequently, increasing the time with activities Structuring and reducing the practice of unstructured activities. The psychosocial components played an important supporting role, with an increase in the degree of volleyball. These findings may provide clues from the perspective of the recruitment process of athletes by the federations and clubs, as well as contribute to the training programs of athletes, especially when considering in the process, sports experiences and interpersonal relationships during their development.

Key-words: Athlete Development; Sport development; Volleyball.

LISTAS DE ANEXOS

Anexo A – Protocolo de autorização de pesquisa do CEPESH	101
Anexo B – Questionário da Carreira Esportiva de Atletas de Voleibol.....	102

LISTA DE APÊNDICES

Apêndice A - Termo De Consentimento Livre e Esclarecido	96
Apêndice B – Termo de Assentimento	98

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Esporte contemporâneo.....	22
Figura 2 - Modelo de Desenvolvimento da Participação Desportiva	27
Figura 3. Quantidade de atividades físicas praticadas por atletas de voleibol das categorias de formação de clubes de reconhecimento nacional durante os Anos de Experimentação (n=78)	49
Figura 4. Quantidade de atividades físicas praticadas por atletas de voleibol das categorias de formação de clubes de reconhecimento nacional durante os Anos de Especialização. (n=78)	58
Figura 5. Quantidade de atividades físicas praticadas por atletas de voleibol das categorias de formação de clubes de reconhecimento nacional durante os Anos de Investimento (n=78)	66
Figura 6. Associação do número de atividades físicas dos Anos de Investimento comparado praticadas pelos atletas de voleibol das categorias de formação de clubes de reconhecimento nacional entre as fases da trajetória esportiva (n=228)	74

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Descrição, mensuração e categorização utilizada das variáveis independentes do estudo.....	40
Quadro 2. Descrição, mensuração e categorização utilizada das variáveis dependentes do estudo.....	41

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Valores do Coeficiente de Validade de Conteúdo.....	39
Tabela. 2 - Perfil sociodemográfico de atletas de voleibol das categorias infanto-juvenil e juvenil de clubes de reconhecimento nacional (n=78)	46
Tabela 3. Características funcionais e de profissionalização de atletas de voleibol das categorias infanto-juvenil e juvenil de clubes de reconhecimento nacional (n=78)	47
Tabela 4. Tipo de esportes praticados por atletas de voleibol das categorias de formação de clubes de reconhecimento nacional durante os Anos de Experimentação (n=78)	49
Tabela 5. Quantidade e tempo de práticas semanais de atividades estruturadas e não-estruturadas praticadas pelos atletas de voleibol das categorias de formação de clubes de reconhecimento nacional no contra turno escolar nos Anos de Experimentação (n=78)	52
Tabela 6. Grau de influência dos componentes psicossociais de acordo com a modalidade praticada durante os Anos de Experimentação de atletas das categorias de formação de clubes de reconhecimento nacional (n=78)	55
Tabela 7. Tipo de esportes praticados por atletas de voleibol das categorias de formação de clubes de reconhecimento nacional durante os Anos de Especialização (n=78)	59
Tabela 8. Quantidade e tempo de práticas semanais de atividades estruturadas e não-estruturadas praticadas pelos atletas de voleibol das categorias de formação de clubes de reconhecimento nacional no contra turno escolar nos Anos de Especialização (n=78)	60
Tabela 9. Grau de influência dos componentes psicossociais de acordo com a modalidade praticada durante os Anos de Especialização de atletas das categorias de formação de clubes de reconhecimento nacional (n=78)	63
Tabela 10. Tipo de esportes praticados por atletas de voleibol das categorias de formação de clubes de reconhecimento nacional durante os Anos de Investimento (n=72)	67
Tabela 11. Quantidade e tempo de atividades estruturadas e não-estruturadas praticadas pelos atletas de voleibol das categorias de formação de clubes de reconhecimento nacional no contra turno escolar nos Anos de Investimento (n=78)	68

Tabela 12. Grau de influência dos componentes psicossociais de acordo com a modalidade praticada durante os Anos de Investimento de atletas das categorias de formação de clubes de reconhecimento nacional durante os Anos de Investimento (n=78)	71
Tabela 13. Associação entre as fases da trajetória com os tipos de modalidades esportivas de atletas das categorias de formação de clubes de reconhecimento nacional (n=72)	76
Tabela 14. Quantidade e horas de práticas semanais de atividades estruturadas e não-estruturadas de atletas de voleibol das categorias de formação de clubes de reconhecimento nacional durante as fases da trajetória esportiva (n=78)	78
Tabela 15. Associação entre as fases da trajetória esportiva com o grau das influências dos componentes psicossociais de acordo com a modalidade praticada por atletas das categorias de formação de clubes de reconhecimento nacional (n=78)	81

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CDS	Centro de Desportos
CEPSH	Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos
DMSP	Developmental Model of Sport Participation
DP	Desvio Padrão
LAPE	Laboratório de Pedagogia do Esporte
MDPD	Modelo de Desenvolvimento da Participação Desportiva
NUPPE	Núcleo de Pesquisa em Pedagogia do Esporte
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	27
1.1 APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA	27
1.2.1 Objetivo Geral	29
1.2.2 Objetivos Específicos	29
1.3 JUSTIFICATIVA DO ESTUDO	29
1.4 DEFINIÇÃO DOS TERMOS	31
1.5 DELIMITAÇÃO DO ESTUDO.....	31
2. REVISÃO DE LITERATURA	32
2.1 ESPORTE E FORMAÇÃO HUMANA.....	32
2.2 MODELO DE DESENVOLVIMENTO DE PARTICIPAÇÃO DESPORTIVA (MDPD).....	35
2.2.1 Anos de Experimentação (1º Etapa de formação)	39
2.2.2 Anos de Especialização (2º Etapa de formação)	42
2.2.3 Anos de Investimento (3º Etapa de formação)	44
3. MATERIAIS E MÉTODO	46
3.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO	46
3.2 PARTICIPANTES DA PESQUISA	46
3.3 INSTRUMENTOS	47
3.4 VARIÁVEIS DO ESTUDO	49
3.4.1 Definição das variáveis Independentes	49
3.4.2 Definição das variáveis Dependentes	50
3.6 PROCEDIMENTOS PARA COLETA DE DADOS	51
3.7 TRATAMENTO DOS DADOS.....	52
3.8 TRATAMENTO ESTATÍSTICO	52
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	54
4.1 CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES DO ESTUDO.....	54
4.2 ANOS DE EXPERIMENTAÇÃO	58
4.3 ANOS DE ESPECIALIZAÇÃO	67
4.4 ANOS DE INVESTIMENTO	76
4.5 TRAJETÓRIA ESPORTIVA.....	85
APÊNDICES	111
ANEXOS	118

1. INTRODUÇÃO

1.1 APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA

A formação esportiva de uma atleta é algo a ser trabalhado longitudinalmente, ou seja, a longo prazo (MESQUITA, 1998; MILISTETD, 2007; WALL; CÔTÉ, 2007; BETTEGA et al, 2015a). Nesse processo, crianças e jovens são protagonistas de suas trajetórias esportivas, formadas a partir das suas capacidades intrínsecas, nas quais estão compreendidas o potencial genético e os fatores extrínsecos como engajamento pessoal nas atividades esportivas, relações interpessoais e o contexto de prática durante seu percurso na vida com atividades física, lúdicas e esportivas (VIEIRA; VIEIRA; KREBS, 1999; PHILLIPS et al, 2010; BURGESS; NAUGHTON, 2010; COUTINHO et al, 2014; CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2015; TURNNIDGE; VIERIMAA, 2016).

As investigações acerca da trajetória de atletas no esporte têm sido alavancadas nos últimos anos (BRUNER et al, 2010) por meio de diferentes lentes, concentrando sua atenção nos fatores intrínsecos e extrínsecos para o desenvolvimento de crianças e jovens (DAVIDS; BAKER, 2007). Assim, os estudos sobre modelos de formação esportiva têm comprovado a importância do planejamento da trajetória esportiva que acompanhe o atleta desde a iniciação até a fase adulta, ápice do esporte de rendimento (BOJIKIAN, 2013).

Dentre os modelos desenvolvidos e apresentados na literatura, pode-se destacar o Modelo de Desenvolvimento de Participação Desportiva (MDPD), desenvolvido por Côté e colaboradores (CÔTÉ, 1999; CÔTÉ et al, 2003; CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007). Este modelo se destaca devido à possibilidade de compreender a trajetória do atleta, integrando, além dos fatores pessoais, a complexidade do contexto que envolve seu desenvolvimento e incorporando não somente o efeito do engajamento pessoal em esportes e atividades físicas em termos de número de participação, estrutura e projeto de práticas e treinamento da criança, mas, sobretudo, o poder das relações psicossociais a partir do apoio dos pais, treinadores e amigos em seu desenvolvimento, delimitando, desta forma, cada etapa do modelo (CÔTÉ; MURPHY-MILLS; ABERNETHY, 2012).

O MDPD considera três resultados diferentes da trajetória de vida no esporte ao considerar a participação de elite e participação recreativa e o abandono esportivo. Além disso, propõem quatro etapas na trajetória da criança/jovem distintas: os atletas participam de uma variedade de esportes durante os anos de experimentação (idade 6-12), caso mantenha

essa gama de esportes durante os anos de lazer (13 +), se houver um número decrescente de esportes durante os anos de especialização (idade 13-15) e anos de investimento (idade 16-18) (CÔTÉ, 1999; CÔTÉ et al, 2003; CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007).

No contexto brasileiro, a estrutura organizacional esportiva é mantida pelo Comitê Olímpico do Brasil (COB), pelo Ministério do Esporte, pelas Confederações e Federações e pelos clubes, ligas e associações (MEIRA; BASTOS, 2011; BOJIKIAN, 2013). Embora tenham sido criados programas de apoio à formação de atletas no país, entretanto eles encontram algumas limitações em suas atuações, ou por serem pontuais, ou por não terem a abrangência do território nacional. Com isso não há, como em outros países, um planejamento nacional na formação de atletas, ficando a critério de cada modalidade e suas especificidades, a projeção desse trabalho (BOJIKIAN et al, 2007; BOJIKIAN, 2013). A partir dessa constatação Bojikian (2013), Martin, Carl e Lehnertz (2008), Barbanti, (2005) e Böhme, (2004; 2011) compactuam da ideia que a adoção de um modelo de formação a longo prazo, a formação de atletas de excelência esportiva no Brasil, seria contemplada e consolidada com mais qualidade e eficácia.

Apesar de não haver uma ação coordenadora central do esporte no País, algumas modalidades esportivas, como o voleibol, conseguem superar as dificuldades existentes e alcançar resultados importantes no cenário internacional (PERES; LOVISOLO, 2006).

Nesse contexto do esporte brasileiro, o voleibol apresenta-se como uma modalidade que alcançou sucesso tanto no número de praticantes, quanto na quantidade de títulos internacionais de forma incontestável e, aparentemente, paradoxal com a realidade do desenvolvimento esportivo no Brasil, quando comparada às condições inerentes à mesma, nos países de primeiro mundo (BOJIKIAN et al, 2007; MILISTETD et al, 2010). Os autores apontam ainda que a renovação constante de atletas no voleibol, não tem alterado os resultados projetados para as equipes adultas, mantendo assim, a formação de jogadores qualificados.

Deste modo, considerando a importância da problemática apresentada sobre a trajetória esportiva e a modalidade do voleibol no contexto brasileiro, o presente estudo buscou responder a seguinte questão: **Como se desenvolve a trajetória esportiva de atletas nas categorias de formação de clubes de reconhecimento nacional de voleibol?**

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral

Analisar a trajetória esportiva de atletas das categorias de formação de clubes de reconhecimento nacional no voleibol.

1.2.2 Objetivos Específicos

- Identificar as experiências em atividades físicas e esportivas e a influência dos componentes psicossociais relacionados aos atletas de categorias de formação de clubes de reconhecimento nacional no voleibol nos Anos de Experimentação;

- Averiguar as experiências em atividades físicas e esportivas e a influência dos componentes psicossociais durante os Anos de Especialização dos atletas de categorias de formação de clubes de reconhecimento nacional no voleibol;

- Verificar as experiências em atividades físicas e esportivas e a influência dos componentes psicossociais nos Anos de Investimento dos atletas de categorias de formação de clubes de reconhecimento nacional no voleibol;

- Comparar as experiências em atividades físicas e esportivas e a influência dos componentes psicossociais durante as fases da trajetória esportiva dos atletas de categorias de formação de clubes de reconhecimento nacional no voleibol.

1.3 JUSTIFICATIVA DO ESTUDO

A contribuição social do estudo foi desenhada na perspectiva de compreender a importância e o significado da trajetória de crianças e jovens no campo esportivo em clubes de reconhecimento nacional, na modalidade de voleibol. Nessa dimensão, paralelamente, pode constituir-se em subsídio aos profissionais da área do treinamento e, sobretudo, as instituições esportivas formadoras de atletas (clubes, escolas, escolinhas) com informações pertinentes relacionadas à organização esportiva e administrativa para o recrutamento, tem como a formação de atletas de voleibol. Logo, por ser tratar de uma temática pouco explorada, principalmente no Brasil, pode representar um dos primeiros estudos que abordam especificamente este com os jogadores de categorias de formação no voleibol no contexto brasileiro, trazendo, dessa forma, uma contribuição importante sobre a formação dos atletas e suas trajetórias

esportivas. Além de permitir o esclarecimento de pontos acerca das condutas apropriadas para desenvolver por parte das instituições esportivas formadoras de atletas, o desenvolvimento de atletas na formação de voleibol.

Nesta direção, o estudo almejou analisar a trajetória esportiva de atletas das categorias de formação de clubes com reconhecimento nacional no voleibol, desvendando informações pertinentes às características relacionadas à trajetória esportiva, como a experiência em atividades físicas e esportivas vividas durante seu percurso, seus componentes psicossociais que influenciaram nessa trajetória.

Na perspectiva de contribuir com pesquisas relacionadas à trajetória esportiva de atletas no voleibol, sobretudo, pela escassez de estudos sobre a temática, utilizou-se como referencial teórico o MDPD, desenvolvido nos estudos de Côté (1999), Côté e colaboradores (2003) e Côté, Baker e Abernethy (2007), principalmente, por suas inúmeras citações e referências (BRUNER et al, 2010; COUTINHO, 2014) e pela grande quantidade de pesquisas empíricas produzidas (WRIGHT; CÔTÉ, 2003; BAKER; CÔTÉ; DEAKIN, 2005; WALL; CÔTÉ, 2007; BERRY; ABERNETHY; CÔTÉ, 2008; FRASER-THOMAS; CÔTÉ; DEAKIN, 2008; COUTINHO, 2014), na tentativa de compreender a trajetória esportiva de atletas a longo prazo no contexto brasileiro, em especial, no voleibol.

O modelo consiste em tentar compreender a trajetória esportiva, sobretudo, o seu desenvolvimento (CÔTÉ; MURPHY-MILLS; ABERNETHY, 2012), interagindo com informações referentes aos efeitos de treino (quantidade e tipo de prática), mas também o poder das relações interpessoais (apoio dos pais, treinadores e amigos) no percurso esportivo dos atletas. Portanto, além da perspectiva pontual da trajetória esportiva de jovens na categoria infantil e infanto-juvenil, pretende-se também, compreender o imbricamento e as interfaces destas variáveis na obtenção dos resultados positivos no desempenho esportivo de cada um, além de, desvendar de pistas para compreensão do desenvolvimento dos atletas da modalidade, no clube investigado.

No contexto de sua relevância social e acadêmica, o estudo surgiu na vontade de aprofundar conhecimento e responder as inquietudes sobre o objeto da pesquisa em decorrência de minha história com o voleibol, da infância até os tempos atuais. A partir dessa relação, foi desenhado e estruturado, considerando as minhas experiências docentes junto a projetos de extensão de voleibol do Centro de Desportos (CDS) com o público infanto-juvenil, como graduando do Curso de Educação Física, por meio do estágio docência na Pós-Graduação, com a disciplina do

Ensino de Esportes, por estudos produzidos com pares no Laboratório de Pedagogia do Esporte (LAPE) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e, sobretudo, com o trabalho desenvolvido como preparador físico na equipe técnica da Cimed/Florianópolis Esporte Clube que de 2005 a 2012, teve uma assombrosa hegemonia no voleibol nacional com um título na Liga Nacional, quatro na Superliga e um Sulamericano de Clubes.

1.4 DEFINIÇÃO DOS TERMOS

Categoria de Formação: Categorias que compõe a iniciação esportiva, englobando assim, as categorias mirim (sub15), infantil (sub17), infanto-juvenil (sub19) e juvenil (sub21). No estudo foi considerado categoria juvenil, atletas com idade máxima de 21 anos, e infanto-juvenil, atletas com idade até 19 anos.

Componentes Psicossociais: São os agentes (pais/irmão/familiares, treinador e amigos) que atuam de maneira fundamental na trajetória esportiva.

1.5 DELIMITAÇÃO DO ESTUDO

Este estudo delimitou-se em analisar a trajetória esportiva referente às experiências em atividades físicas e esportivas e o grau de influência dos componentes psicossociais de atletas do sexo masculino da categoria infanto-juvenil, atletas com idade até 19 anos, e juvenil, atletas com do sexo masculino com idade máxima de 21 anos, de clubes de reconhecimento nacional do voleibol brasileiro.

2. REVISÃO DE LITERATURA

A revisão da literatura foi construída a partir de dois subcapítulos, Esporte e Formação Humana e Modelo de Desenvolvimento de Participação Desportiva (MDPD), os quais ofereceram subsídio teórico na compreensão, interpretação e às respectivas análises das evidências encontradas na pesquisa e, sobretudo, como possibilidade de triangular com estudos desenvolvidos aos temas propostos.

No primeiro subcapítulo, Esporte e Formação Humana, a discussão aborda o desenvolvimento esportivo a partir da compreensão desse fenômeno, apontando os motivos de inserção ao esporte, discutindo os problemas relacionados à iniciação esportiva precoce e apontando modelos de desenvolvimento esportivo que se encontram na literatura científica. O segundo discute o Modelo de Desenvolvimento de Participação Desportiva (DMPD), trazendo as características do modelo com a perspectiva de formação de atletas em longo prazo. Nessa perspectiva, este subcapítulo foi dividido em 3 subtópicos, no qual foi abordado as três etapas de formação esportiva com suas propriedades e estudos empíricos sobre os mesmos.

2.1 ESPORTE E FORMAÇÃO HUMANA

Desde a década de 1980 o esporte tem apresentado novas perspectivas e significados, reafirmando seu *status* de fenômeno sociocultural, sendo parte da vida das pessoas e elemento integrador da esfera social, contribuindo para a recuperação e o fortalecimento de identidades nacionais na nova configuração geográfica mundial (MACHADO; GALATTI; PAES, 2015). A iniciação esportiva no Brasil ocorre em diferentes ambientes na perspectiva de promover formação e aprendizagem. Além da escola na qual o papel cabe à Educação Física, existem outros contextos formativos, entre eles, clubes ou escolinhas de iniciação esportiva (PAES, 2006).

Diante desta perspectiva, deve-se considerar o esporte, como um fenômeno, envolvendo diversos contextos, com inúmeros personagens e significados (WALL; CÔTÉ, 2007; SOUZA et al, 2016). Assim, tornando-se uma das principais ferramentas fora do ambiente escolar de desenvolvimento entre jovens e crianças ocupando um lugar importante em suas vidas, no seu processo de socialização e na construção das identidades e das relações sociais, segmentado pelas condições de gênero, idade, etnia e cultura ou nível socioeconômico (FRASER-THOMAS; CÔTÉ, 2008; CÔTÉ, 2013; GRAÇA, 2013).

Frente aos processos que envolvem o fenômeno esportivo, Galatti (2010) afirma que o esporte traz uma profunda e importante influência na vida das pessoas, contribuindo na construção do caráter, da saúde e do patriotismo. Na perspectiva de transcender a fronteira do alto rendimento, buscando se expressar como fenômeno promotor de inclusão social, o esporte contempla a promoção da saúde e o desenvolvimento intelectual e humano (TUBINO, 1987, 2010; GAIA; MARQUES; TANI, 2008) e dessa forma, desempenha o papel de se potencializar e promover atividade física, desenvolver as *personal skills* e apurar as habilidades motoras e o desempenho esportivo de crianças e de adolescentes (CÔTÉ, FRASER-THOMAS, 2007).

Diante da pluralidade de possibilidades deste fenômeno, Galatti (2010) busca sintetizar os múltiplos significados do esporte contemporâneo e seus benefícios, organizando-os em sete grupos que podem se relacionar e coincidir: educação, socialização, lazer, profissão, representação, saúde e estética. Como é visto na figura a seguir:

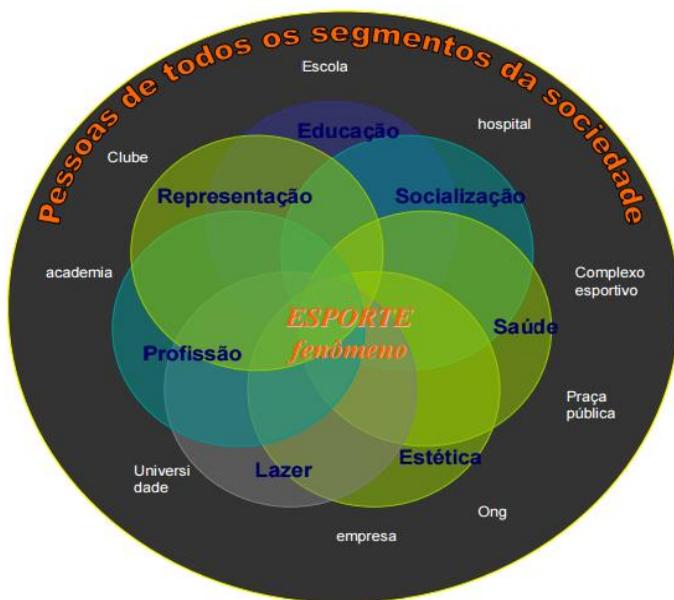


Figura 1 - Esporte contemporâneo (Modelo publicado por Galatti, 1999)

No universo dos esportes, existem diversas modalidades coletivas, como voleibol, handebol, basquete, entre outros que alcançaram

relevância na cultura contemporânea, em especial no Brasil. Quando ensinados e orientados de forma coerente, podem contribuir melhor no desenvolvimento de espírito de equipe, disciplina gerada pela aceitação das regras, elaboração de recursos internos para resolver dificuldades e analisar as situações que levam ao desenvolvimento de raciocínio que por sua vez, conduzem a ações (BALBINO, 2001; LOVATO; GALATTI, 2007) de cooperação e de inteligência (GARGANTA, 1995) para seus praticantes.

Logo, o ingresso de crianças e de adolescentes no universo esportivo deve despertar o lado inovador, desafiador, para assim, projetar a imaginação e a criatividade para além das fronteiras do esporte. Nesta transcendência, a busca irá sinalizar o reconhecimento do sucesso e do insucesso, do superior e do inferior, da vitória e da derrota, encontrando uma naturalidade de vivência e de aceitação (BENTO, 2013). Porém, considerando o contexto atual da iniciação esportiva, em que as crianças têm iniciado cada vez mais prematuramente a prática, a estruturação e da sistematização do processo com base na Pedagogia do Esporte (PAES, 2002; SCAGLIA, 2003; GALATTI; PAES; DARIDO, 2010; GALATTI et al, 2014; MACHADO et al, 2014; BETTEGA et al, 2015b) deve ser desenhado e planejado na perspectiva da formação do sujeito e sua complexidade.

Contudo, paradoxalmente, não só de glórias vive o esporte e, nessa sua face, Paes (2006), comenta criticamente a realidade observada do esporte nos cenários formais e não-formais, apresentando como problemas: ausência de um espaço físico adequado; inexistência de materiais didáticos; dificuldade dos professores em compreender o esporte como um fenômeno humano e plural nos seus significados; importância exacerbada acerca dos resultados do jogo, vitórias e derrotas; especialização prematura quanto a aspectos técnicos-táticos e não-diversificação na iniciação esportiva.

A partir desta constatação, a discussão sobre a especialização precoce na academia é atual, sobretudo, por não respeitar o nível de desenvolvimento da criança, antecipando ou anulando as fases de seu processo de formação esportiva, situação corroborada no estudo de Nunomura, Carrara e Tsukamoto (2010) com 46 treinadores de ginástica artística, na qual constatou-se a necessidade de orientação para uma especialização precoce na modalidade.

Para eles, a idade de início do treinamento especializado deve variar de acordo com a cultura e a modalidade esportiva, devendo ser natural ao processo de especialização em determinada modalidade após um período de vivências lúdicas variadas. A especialização precoce é

desaconselhada, pois acarreta uma série de consequências negativas aos praticantes como redução do repertório motor; aumento da incidência de lesões (CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007), prejuízos gerais ao desenvolvimento da criança (SEABRA; CATELA, 1998); desmotivação (COELHO, 1988) e prejuízos à formação escolar (WEINECK, 1999).

A partir desta premissa, encontra-se na literatura diversos estudos de formação de atletas a longo prazo, Bruner et al, (2010) em uma revisão de literatura encontrou sete modelos diferentes (CÔTÉ, 1999; SALMELA, 2002; ABBOTT; COLLINS, 2004; BAILEY; MORLEY, 2006; MORGAN; GIACOBBI, 2006) para a formação esportiva.

Dentre estes modelos, destaca-se o desenvolvido por Côté (1999), chamado de *Developmental Model of Sport Participation* (DMSP), traduzido como Modelo de Desenvolvimento da Participação Desportiva, que consiste em tentar compreender a trajetória esportiva, sobretudo o seu desenvolvimento (CÔTÉ; MURPHY-MILLS; ABERNETHY, 2012), na qual interage informações sobre os efeitos de treino e, informações psicossociais durante a trajetória esportiva, logo dentro dessas características optou-se por utilizar este modelo como base teórica para este trabalho.

Este modelo é o mais citado por pesquisadores (COUTINHO, 2014; BRUNER et al, 2010) e com maior número de pesquisas empíricas (WRIGHT; CÔTÉ, 2003; BAKER; CÔTE; DEAKIN, 2005; WALL; CÔTÉ, 2007; BERRY; ABERNETHY; CÔTÉ, 2008; FRASER-THOMAS; CÔTÉ; DEAKIN, 2008 COUTINHO, 2014).

2.2 MODELO DE DESENVOLVIMENTO DE PARTICIPAÇÃO DESPORTIVA (MDPD)

O Modelo de Desenvolvimento de Participação Desportiva, originalmente concebido como *Developmental Model Of Sport Participation* (DMSP) aborda o processo de formação dos jogadores em longo prazo (CÔTÉ, 1999), considerando, o desenvolvimento harmônico das capacidades intrínsecas dos atletas e as condições do ambiente de prática na qual estão inseridos (BETTEGA et al, 2015a). Esta temática se tornou uma das questões principais para os formuladores de políticas esportivas e gestores esportivos em todo o mundo. Desta maneira, o sistema de desenvolvimento do esporte, tendo como objetivos principais aumentar o número de participantes no esporte e melhorar a qualidade do desempenho esportivo (GREEN, 2005).

Encontra-se na literatura pesquisadores que veem o esporte infanto-juvenil como o passo inicial em programas de desenvolvimento

de talentos, visando o desenvolvimento do desempenho dos atletas de elite (FORD et al, 2009). Outros investigadores defendem que os programas de esportes juvenis devem maximizar o tempo gasto na atividade física como uma forma de diminuir os problemas relacionados com a falta de exercício entre os jovens (JANSSEN; LEBLANC, 2010).

Na perspectiva de se compreender a transição dos atletas das categorias de formação ao nível de excelência esportivas, discutida pelo mundo, foi concebido o *Developmental Model of Sport Participation* (DMSP), traduzido como Modelo de Desenvolvimento da Participação Desportiva, ilustrado na Figura 2:



Figura 2 - Modelo de Desenvolvimento da Participação Desportiva (DMPD) (modelo publicado por Côté, 1999).

O Modelo que propõe, três possíveis resultados das trajetórias de participação esportiva: a participação recreacional, o desempenho de elite

e o desempenho elite através da especialização precoce. Para essas decorrências, o modelo sugere três trajetórias distintas: Anos de Experimentação; Anos de Especialização, Anos de Investimentos; e Especialização Precoce e Investimento.

Milistetd colaboradores (2010), salientam a importância da passagem gradual e sistemática dos atletas por diferentes etapas de formação, com características diferenciadas, desde os níveis iniciais de prática até ao alcance da excelência esportiva. Assim, os programas esportivos devem ser flexíveis o suficiente para se adaptarem aos interesses e as idades individuais. Nestes anos são considerados elementos essenciais para participação esportiva, benefícios físicos e psicossociais (CÔTÉ, 1999; CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007; CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007).

As etapas propostas pelo modelo se baseiam na idade das crianças/adolescentes e alguns fatores físicos e psicossociais que podem influenciar na participação de esportes de atletas, como: 1) O envolvimento em diferentes esportes (Diversificação vs. Especialização); 2) A prática deliberada, que se caracteriza por atividades que com características repetitivas, sistematizadas, bem definidas, em um nível de dificuldade apropriado para o indivíduo, e proporcionam oportunidades de *feedback*, detecção e correção de erros apropriados (CÔTÉ; BAKER, ABERNETHY, 2007; CÔTÉ et al, 2010); 3) O jogo deliberado, que pode ser conceituado como uma modalidade de atividade esportiva que envolve atividades físicas iniciais de desenvolvimento que são intrinsecamente motivadoras ao praticante, proporcionam gratificação imediata e são especificamente projetadas para maximizar o prazer como por exemplo Futebol de rua (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007; MILISTETD et al, 2010); 4) Tipo de atividade que domina a sua prática esportiva (Prática Deliberada vs. Jogo Deliberado).

Outro fator de influência na trajetória esportiva são as influências dos componentes psicossociais, na qual o modelo descreve como sendo os pais, o treinador e os amigos/pares atores com fundamental papel neste processo, que sua atuação varia dos Anos de Experimentação para Anos de Investimento. Na maioria das culturas, os pais são considerados uma influência crucial, uma vez que eles são responsáveis por iniciar seus filhos em esportes e fornecem os recursos necessários para nutrir seu desenvolvimento esportivo (FRASER-THOMAS; CÔTÉ; DEAKIN, 2008b; BARREIROS; CÔTÉ; LAUER et al, 2010; FONSECA, 2013). Durante o desenvolvimento da infância à idade adulta, o papel dos pais muda de uma liderança para um protagonismo de apoio (CÔTÉ, 1999).

Fora do contexto familiar, treinadores e colegas exercem uma influência crucial na nutrição de talentos no esporte, especialmente, através da adolescência. Os treinadores são responsáveis pela concepção de práticas, encorajando seus atletas a treinar a longo prazo e dando instrução (BARREIROS; CÔTÉ; FONSECA, 2013), além disso, também desempenham um papel determinante em relação às oportunidades oferecidas, o que, em última análise, contribui para favorecer ou inibir o desenvolvimento dos atletas.

Finalmente, os amigos/colegas são de particular interesse em relação aos processos motivacionais, geralmente são fontes de prazer, encorajamento e apoio, contribuindo para níveis mais altos de comprometimento (PATRICK et al, 1999; GOULD; DIEFFENBACH; MOFFETT, 2002; CÔTÉ, et al, 2003; BARREIROS; CÔTÉ; FONSECA, 2013).

Por meio desses componentes, o modelo apresenta duas trajetórias, a participação de recreio e desempenho de elite, na qual têm a mesma base denominada anos de experiência (idades entre 6 a 12), que por meio disto, os atletas participam de uma variedade de esportes com o foco, principalmente, em atividades lúdicas, não-estruturadas e o jogo deliberado.

Após esta fase, os participantes esportivos podem traçar o caminho pelo nível recreacional chamado de “Anos de Recreação”, na qual com idade superior a 13 anos, o objetivo está centrado na promoção da saúde e no prazer pela prática. As características dessa fase são consideradas como uma extensão da fase anterior, “Anos de Experiências” (CÔTÉ, FRASER-THOMAS, 2007). Ainda, entendem que durante os anos de experimentação e de recreio, os treinadores são principalmente do tipo solidário e encorajador. Já os pais têm um papel fundamental com a introdução de seus filhos em atividades esportivas ao fornecer aos mesmos recursos e equipamentos necessários (CÔTÉ, 1999; CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007; CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007).

Caso o jovem caminhe por um percurso mais voltado para o desempenho, o MDSP apresenta uma segunda trajetória na qual percorre pelos Anos de especialização, período entre 13-15 anos (Figura 2). Nesta fase apresenta como principal propósito servir como uma transição para o próximo estágio (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007), na qual existe a ênfase no jogo deliberado e na motivação intrínseca dos primeiros anos na qual cede, gradualmente, lugar à prática deliberada e à motivação orientada para o rendimento. Nomeadamente ao nível dos esportes coletivos, os atletas de alto nível relevam a importância da vivência diversificada no que diz respeito a práticas esportivas, nas etapas iniciais,

no desenvolvimento da capacidade de tomada de decisão (HILL, 1993; MESQUITA; GRAÇA, 2002; MILISTETD et al, 2010).

A terceira e última etapa, os Anos de investimento, consiste na fase para atletas com idade entre 16 a 18 anos, na qual se tem muita prática deliberada, apenas uma modalidade esportiva e poucas brincadeiras e jogos lúdicos (CÔTÉ, 1999; CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007; CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007). Estas duas trajetórias têm resultados diferentes em termos de desempenho, mas socialmente e psicologicamente semelhante em benefícios para a saúde e sua motivação para a prática esportiva (CÔTÉ, 1999; CÔTÉ; HAY, 2002; CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007; CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007).

Uma terceira trajetória possível consiste em desempenho de elite através da especialização precoce (lado direito da Figura 2). Nos esportes na qual o desempenho máximo é alcançado antes da puberdade (Ginástica artística, Patinação artística entre outras), a especialização precoce é muitas vezes necessária para alcançar o desempenho de elite. Este caminho é caracterizado por elevadas quantidades de prática deliberada e baixas quantidades de jogo deliberado em um contexto que se concentra no desempenho (CÔTÉ, 1999; CÔTÉ; HAY, 2002; CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007; CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007). Ainda, os autores a cima indicam que abdicando a fase de anos de experimentação, pode ocorrer um desenvolvimento psicossocial não tão positivo (CÔTÉ, 1999), com algumas lesões por sobrecarga (BOMPA, 2000; CÔTÉ, FRASER-THOMAS, 2007), nessa perspectiva, resultando na redução da saúde do atleta e diminuição do prazer pela prática esportiva (CÔTÉ, 1999; CÔTÉ; HAY, 2002; CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007; CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007).

Entretanto, em qualquer estágio de desenvolvimento, independente da trajetória, um caso que existe a possibilidade de ocorrer é o abandono do jovem ao desporto e/ou a atividade física completamente (CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007). Desta forma, os autores apontam na constituição de uma falha que impede alcançar os objetivos dos programas de jovens ao esporte, a promoção da saúde física a longo prazo dos participantes.

2.2.1 Anos de Experimentação (1º Etapa de formação)

Tendo em vista que a especialização precoce e a ênfase excessiva nas ações de prática deliberada, durante os primeiros anos de envolvimento do esporte podem levar a problemas de saúde ou a

abstinência (CÔTÉ; FRASE-THOMAS, 2007). A partir dessa premissa, Côté e Fraser-Thomas (2007) apontam a importância em várias atividades esportivas e de brincadeiras na forma de jogo deliberado durante a infância, na qual é provável que tenha imediato desenvolvimento e benefício de saúde a longo prazo.

Nessa perspectiva o MDSP, denomina a primeira fase como Anos de Experimentação, período este, que consiste entre os 6 até os 12 anos de idade, nas quais as crianças são dominantes a pluralidade de vivências motoras, bem como a prática do jogo deliberado (CÔTÉ, 1999; CÔTÉ; HAY, 2002; CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007; CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007). Na qual existe a motivação intrínseca para a prática de atividades esportivas e físicas. Logo sendo caracterizado pela participação ou tendo experiências uma série de esportes e atividades diferentes ao contrário de se especializar em um esporte durante todo o ano, logo os Anos de Experimentação, geralmente envolvem grandes quantidades de jogo deliberado e menores quantidades de prática deliberada (CÔTÉ; HAY, 2002; CÔTÉ et al, 2010).

Além disso, nas influências psicossociais o treinador tem um papel crítico na otimização do desenvolvimento dos atletas através do esporte (CÔTÉ, 2002; CÔTÉ, et al, 2010). Os autores têm sugerido que durante os anos de experimentação o papel do treinador é de apoio, de cuidar e de encorajador. Os pais apresentam um papel crucial nessa fase, dando oportunidade ao seu filho de experimentar vários esportes e fornecendo os recursos necessários para nutrir seu desenvolvimento esportivo (FRASER-THOMAS; CÔTÉ; DEAKIN, 2008b; BARREIROS; CÔTÉ; FONSECA, 2013). Já os amigos, nos Anos de Experimentação, são uma das principais razões pelas quais as crianças participam de esportes organizados e desorganizados, assim como permanecem envolvidas e motivadas para praticar esportes mais tarde em seu desenvolvimento (CÔTÉ et al, 2003; FRASER-THOMAS; CÔTÉ; DEAKIN, 2008a; BARREIROS CÔTÉ; FONSECA, 2013)

Alguns estudos empíricos mostram as características das experiências esportivas e de atividades físicas (LEITE; SAMPAIO, 2012; COUTINHO et al, 2016), enquanto outros autores (BARREIROS; CÔTÉ; FONSECA, 2013), verificam o grau de influência dos componentes psicossociais durante a trajetória esportiva, além da percepção de treinadores referente a estas propriedades para o mesmo período (MILISTETD et al, 2010).

Neste viés, Leite e Sampaio (2012) buscaram examinar a quantidade e o tipo de atividades físicas envolvidas ao longo da trajetória esportiva de 1170 atletas de ambos os sexos de basquete portugueses com

idade média de 17,3 anos distribuídos em diferentes faixas etárias. Os achados da pesquisa indicam que a maioria dos jogadores (>70%), independentemente da caracterização da pesquisa, começaram a praticar esportes nos Anos de Experimentação, na qual sugere um compromisso precoce com o esporte, na qual mais de 50% da amostra tiveram 2 ou mais experiências com atividades esportivas neste período (6-12 anos), tendo 28.7% dos jogadores praticados 120-180 minutos de treinamentos semanais. Além disso, mais de 60% desses jogadores de basquete praticaram uma combinação de esportes distintos (coletivos, individuais, de combate e basquetebol) nos mesmos anos. Por fim, o estudo indicou que a maioria (>65%) começou a participar de competições nesta fase.

Coutinho e colaboradores (2016) procuraram analisar as percepções de como a natureza das atividades desportivas realizadas por 60 jogadores de voleibol no contexto português que ajudaram no seu desenvolvimento. Os resultados encontrados indicam que atletas, durante os anos de experimentação, tiveram uma maior média no número de atividades estruturadas (3,0) comparado as atividades não-estruturadas (1,6). Já quando levanta as horas das atividades, mostrou-se um maior no predomínio de horas de atividades não-estruturadas (1773 horas/ano) em relação as atividades estruturadas (1419 horas/ano). Esses achados são consistentes com os princípios do MDPD (CÔTÉ, 1999), que sugere duas trajetórias de participação no esporte relacionadas ao desenvolvimento do talento: (1) Elite através da diversificação precoce e do jogo deliberado, e (2) o desempenho da elite através da especialização precoce e da prática deliberada.

Na busca da perspectiva de treinadores “experts” sobre a temática, Milistedt et al, (2010) em seu estudo, entrevistaram 10 treinadores “experts” brasileiros para examinar a concepção dos treinadores acerca das etapas de formação desportiva a longo prazo do jogador de Voleibol. Nele, os resultados apontaram uma importância na vivência de experiências motoras diversificadas e ao treino das capacidades coordenativas na 1ª etapa de formação (Anos de Experimentação). Dessa forma, a proporcionar às crianças uma formação baseada numa diversificação de funções, de jogos e suas adaptações, além da vasta gama de ações motoras.

Na busca de desvendar os componentes psicossociais nesta fase, como a influência de pais, amigos e treinadores, o estudo de Barreiros, Côté e Fonseca (2013) buscou, além de examinar as atividades e os padrões de treinamento, pontuar as influências psicossociais que caracterizaram a trajetória nos esportes competitivos de atletas. Foram entrevistados 42 atletas de ambos os sexos de diferentes esportes. Os

achados do estudo mostram que 78,8% dos atletas apontaram para apoio dos familiares, na qual incentivo foi menor que o demonstrado pelos treinadores 82,4%, na concepção dos atletas. Já quando perguntado sobre seus amigos, os peritos perceberam seus pares como influências importantes no seu desenvolvimento.

2.2.2 Anos de Especialização (2º Etapa de formação)

Os Anos de Especialização compreendem o período entre 13 a 15 anos de idade do modelo MDPD, é, também, identificado como a 2º Etapa de Formação por ser tratar de uma fase intermediária entre os anos de Experimentação (1º Etapa de Formação) e os Anos de Investimento (3º Etapa de Formação).

A literatura específica da área sugere o início para competições federadas entra os Anos de Experimentação e os Anos de Especialização, ou seja, 12 a 14 anos de idade. (BOMPA, 2000; CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007; MILISTETD et al, 2012) quando os jovens já conseguem suportar a carga física e psíquica de estresse envolvida no ambiente competitivo (BOMPA, 2000; CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007).

A principal função desta fase é tratar-se de transição da 1º e 3º Etapa (CÔTÉ, 1999; CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007; CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007), logo os autores trazem como características dos Anos de Especialização uma diminuição nas atividades lúdicas, com um aumento das atividades sistematizadas, ou seja, um equilíbrio entre as atividades de brincadeiras e treinamento. Além disso, a motivação intrínseca prevista nos Anos de Experimentação vai sendo substituída pela motivação orientada para o rendimento. Dessa forma, inicia-se uma diminuição na diversidade de práticas esportivas, tendo assim uma, ou duas modalidades esportivas, verificando-se equilíbrio entre o jogo deliberado e a prática deliberada (MILISTETD et al, 2010).

Os componentes psicossociais nesta fase vão alterando sua importância e sua atuação na trajetória do atleta. Diferentemente dos Anos de Experimentação, o papel dos pais muda de um papel de liderança para um papel de seguidor e apoiador durante os anos de especialização, no qual a facilitação de um ambiente ótimo para o desenvolvimento dos atletas é a maior preocupação (CÔTÉ et al, 2003). Neste contexto, os pais que apoiam a autonomia (ou seja, os pais que apoiam o envolvimento esportivo dos seus filhos e lhes permitem ter um papel ativo nas suas decisões) têm sido associados como uma influência positiva no

desenvolvimento do esporte infantil (FRASER-THOMAS; STRACHAN; JEFFERY-TOSONI, 2013)

Os treinadores alteram sua participação no processo, deixam de atuar como apoiadores, cuidares e encorajadores do esporte, para um papel mais qualificados, de conhecedores e de orientadores para o desempenho (CÔTÉ et al, 2003; FRASER-THOMAS; CÔTÉ; DEAKIN, 2008a; FRASER-THOMAS; CÔTÉ; DEAKIN, 2008b). Os pares, nesse período, tornam-se fundamentais, principalmente como fontes de apoio ao satisfazerem as necessidades emocionais e motivacionais do atleta (FRASER-THOMAS; CÔTÉ; DEAKIN, 2008a; KEEGAN et al, 2010; BARREIROS; CÔTÉ; FONSECA, 2013).

Na pesquisa de Leite e Sampaio (2012) foi encontrado informações pertinentes referentes a quantidade e o tipo de atividades físicas envolvidas ao longo da trajetória esportiva na segunda etapa de formação. Os achados da pesquisa indicam que a maioria dos jogadores (>75%), praticavam somente 1 esporte (Basquete), na qual 73% praticam 180 ou mais minutos de sessões de treinamentos semanais. Além disso, 96% já participavam de competições nesta fase. Assim, o estudo indica para caminhos semelhantes aos propostos no MDPD, no que diz respeito aos Anos de Especialização, 2º Etapa de formação.

O estudo de Coutinho e colaboradores (2016), segue os mesmos achados, entretanto, por analisar as percepções de 60 jogadores de voleibol no contexto português de acordo com a natureza das atividades desportivas realizadas. Assim a pesquisa revelou que essa população apresenta, nos anos de especialização (2º Etapa de formação), uma média de 2,3 ($\pm 1,4$) atividades estruturadas, com 1419 (± 602) horas, desse tipo de atividades no ano. Números estes superiores aos relacionados à quantidade de atividades não-estruturadas, durante a mesma fase, 1,6 ($\pm 1,1$) em média, porém menor que a média de horas dessa atividade por ano, 1062 comparado as atividades estruturadas.

Em estudos com treinadores “experts” brasileiros, Milistetd et al, (2010) examinaram a concepção de 10 treinadores acerca das etapas de formação desportiva a longo prazo do jogador de voleibol. Os resultados indicaram, para a faixa etária de 13 a 15 anos, referentes aos anos de especialização (2º Etapa de formação), quatro componentes de desenvolvimento, pela seguinte ordem: especialização desportiva, aprimoramento técnico, compreensão tática e trabalho físico específico.

Ao analisar à influência dos componentes psicossociais durante a trajetória esportiva de atletas de esportes olímpicos, Barreiros, Côté e Fonseca (2013) mostraram que 84% tiveram apoio dos pais, valor superior ao encontrado no suporte contemplado por treinadores (81,7%)

durante os 13-15 anos, já a influência dos amigos foi considerada moderada pelos entrevistados. Dessa forma, a pesquisa pode contemplar a influência desses atores nos Anos de Especialização,

2.2.3 Anos de Investimento (3º Etapa de formação)

A terceira etapa de formação, denominada Anos de Investimento consiste na última fase proposta para o MDPD da trajetória da formação esportiva, que se inicia por volta dos 16 até os 18 anos de idade (COTÊ, 1999; COTÊ; HAY, 2002; COTÊ; BAKER; ABERNETHY, 2003). Nela o comprometimento com a modalidade é total, ou seja, somente a prática de uma modalidade esportiva, por meio de uma prática deliberada sistemática com uma alta demanda de carga horária para a modalidade. Dessa forma, abre-se mão das atividades lúdicas e não-estruturadas para a dedicação total a modalidade alvo (CÔTÉ, 1999; CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007; CÔTÉ, FRASER-THOMAS, 2007). Dessa forma, é a mais indicada para o início da especialização funcional, tendo em vista a passagem do atleta por uma formação de base, além do desenvolvimento de aspectos coletivos e individuais da modalidade (MILISTETD et al, 2009).

Assim como nos Anos de Especialização, nos Anos de Investimento os treinadores apresentam um papel fundamental, tendo como características serem mais qualificados, conhecedores e orientadores para o desempenho (CÔTÉ et al, 2003b; FRASER-THOMAS; CÔTÉ; DEAKIN, 2008a; FRASER-THOMAS; CÔTÉ; DEAKIN, 2008), assim como os pais/irmãos e familiares que possuem a função de motivação e apoio a modalidade escolhida. Similarmente, os amigos que se encontram foram do contexto esportivo são consideradas importantes fontes de apoio ao satisfazerem as necessidades emocionais e motivacionais do atleta (FRASER-THOMAS; CÔTÉ; DEAKIN, 2008a; KEEGAN et al, 2010; BARREIROS; CÔTÉ; FONSECA, 2013).

Leite e Sampaio (2012) obtiveram resultados referentes à quantidade e o tipo de atividades físicas envolvidas ao longo da trajetória esportiva nos Anos de Investimento. Dessa forma, encontrou-se que mais de 90% dos atletas praticavam somente basquete, na qual, em torno de 70%, tinham 240-300 minutos de sessões de treinamentos por semana. Assim, 99% já participavam de competições esportivas neste período. Com isso, os achados apontam para uma aproximação do MDPD (CÔTÉ, 1999), na qual compreendo um período de muita prática deliberada com atividades estruturadas e pouca diversificação de práticas esportivas.

Coutinho et al, (2016) realizaram uma pesquisa com 60 jogadores de voleibol em Portugal, afim de analisar as percepções dos jogadores de acordo com a natureza das atividades desportivas realizadas. Assim apontou-se que os atletas tiveram, em média, 1,6 ($\pm 0,9$) atividades estruturadas com 1750 ($\pm 897,1$) horas/ano. Esses resultados são superiores quando comparados aos achados na quantidade de atividades não-estruturadas (1,3 \pm 1,1, em média) e, também, ao número de horas praticada por ano (548 \pm 109,0 horas/ano). Dessa forma, mostrou-se que na terceira etapa de formação, os atletas apresentam maior número e horas de práticas deliberadas, sendo estes consistentes ao modelo de do Modelo de Desenvolvimento da Participação Desportiva (CÔTÉ, 1999).

Em estudos com 10 treinadores “experts” brasileiros, Milistetd e colaboradores (2010) examinaram a concepção dos treinadores acerca das etapas de formação desportiva a longo prazo do jogador de voleibol. Assim os treinadores mostraram que os jogadores devem ter um alto refinamento técnico, fazer um grande investimento de tempo e de esforço, no sentido de realmente se prepararem para se tornarem atletas de alto nível. Além disso, o treino integrado também foi destacado nesta etapa na qual indicaram que a estruturação do treino dos atletas necessita ser orientada para a otimização do desempenho, devendo seus conteúdos serem abordados conjuntamente.

Com relação à influência dos componentes psicossociais nesta idade, o estudo de Barreiros, Côté e Fonseca (2013) buscou, além de examinar as atividades e os padrões de treinamento, pontuar as influências psicossociais durante trajetória nos esportes competitivos de atletas. O estudo desvenda que 88% mostraram um apoio dos pais, número superior aos encontrados referente ao suporte dos treinadores (76%) entre os 16-18 anos de idade, já a influência dos amigos foi considerada alta pelos atletas. Assim, percebeu-se a importância do apoio dos três componentes (Pais, treinador, amigos) durante a esta etapa da trajetória dos atletas.

3. MATERIAIS E MÉTODO

Neste capítulo, apresenta-se o desenho do estudo e seus procedimentos metodológicos adotados que possibilitaram a construção da investigação. Para tanto, foi necessário um arcabouço teórico de sustentação e a tomada de decisão na definição dos sujeitos do estudo e dos instrumentos de coleta de dados e o seu processo de análise.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO

Quanto a sua natureza, é um estudo aplicado, no qual os problemas abordados foram tratados quantitativamente para a investigação das informações sobre a trajetória esportiva, obtidas, junto aos atletas das categorias de formação de clubes de elite de voleibol.

Com relação à abordagem do problema, a opção se deu pelo paradigma quantitativo, que se centrou em traduzir as informações em números, posteriormente classificados e interpretados (SILVA et al, 2011), com utilização de técnicas estatísticas no tratamento dos dados.

Em seus objetivos, o estudo foi desenhado como uma pesquisa descritiva na análise do objeto de um grupo estabelecendo relações entre as possíveis variáveis (GIL, 2010). E nesse contexto, buscou-se diagnosticar e analisar as interações sociais, pessoais e contextuais na trajetória esportiva dos atletas.

Esta pesquisa também se caracterizou como exploratória, nas quais nos contornos gerais, distinguiu-se pela sua focalização na percepção das experiências e atitudes dos sujeitos no âmbito de suas relações com os demais, nos contextos da trajetória esportiva de formação no voleibol nos clubes de elites e como é construída essa realidade social, o que fazem e porque o fazem (ROSADO; MESQUISTA; COLAÇO, 2012).

3.2 PARTICIPANTES DA PESQUISA

A seleção dos participantes da pesquisa foi do tipo intencional os quais foram pré-selecionados de acordo com os critérios relevantes para o objeto de investigação, podendo o seu tamanho ser fixado antes da coleta de dados (BERRIA et al, 2012). Os participantes do estudo foram compostos por 78 atletas com média de idade 19.24 ± 0.9 anos das categorias infanto-juvenil e juvenil de equipes de reconhecimento nacional.

Foram considerados clubes de reconhecimento no âmbito nacional as equipes que compreendem os seguintes critérios:

- Pertencer aos estados brasileiros nos quais nos últimos 5 anos figurou entre o primeiro e quinto lugar no Campeonato Brasileiro de Seleções (CBS) nas categorias infanto-juvenil e juvenil do sexo masculino;
- Fornecer atletas para as seleções brasileiras de categorias de formação;
- Utilizar jogadores das suas categorias de formação na equipe adulta;
- Ter sido finalista do Campeonato Estadual da categoria infanto-juvenil ou juvenil do seu estado no ano de 2015;
- Estar participando da SuperLiga de Voleibol 2015/2016;
- Já ter conquistado um título da SuperLiga de Voleibol.

A partir desses critérios, quatro equipes brasileiras formadoras de atleta do voleibol foram convidadas a participar desta pesquisa, entretanto somente três aceitaram participar da do presente estudo.

3.3 INSTRUMENTOS

Na realização dessa pesquisa foi utilizado como instrumento para obtenção dos dados o questionário sobre a formação esportiva de atletas de elite do voleibol (COLLET, 2015) (apêndice A), dessa maneira obtendo um panorama da trajetória esportiva dos atletas pertencentes a esta pesquisa. O questionário foi adotado para essa pesquisa, por sua eficiência na gestão do tempo e também por possibilitar anonimato dos sujeitos participantes e com alta possibilidade de retorno da amostra (BERRIA et al, 2012).

Dessa maneira, foi solicitado aos atletas da categoria infanto-juvenil e juvenil de três clubes de voleibol de reconhecimento nacional que respondessem o questionário, instrumento este, que tem como o aporte teórico o MDPD (CÔTÉ, 1999; CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007; CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007). A ferramenta passou pelo processo de desenvolvimento e validação de conteúdo, na qual aborda a clareza de linguagem, pertinência prática e relevância teórica (CASSEPBORGES, BALBINOTTI, TEODORO, 2009), assim, contemplando os fatores da trajetória esportiva em cada faixa etária. As questões dos questionários alcançaram os seguintes coeficientes de validação de conteúdo, apresentados na tabela 1 a seguir:

Tabela 1: Valores do Coeficiente de Validade de Conteúdo

Questão	Clareza De Linguagem	Pertinência Prática	Relevância Teórica	TOTAL
Parte inicial	0,95	0,93	0,95	0,94
1	0,95	0,92	0,88	0,92
2	0,97	0,92	0,90	0,93
3	0,93	0,92	0,9	0,92
4	0,92	0,92	0,92	0,92
5	0,95	0,93	0,93	0,94
6	0,97	0,92	0,9	0,93
7	0,93	0,93	0,92	0,93
8	0,92	0,92	0,92	0,92
9	0,95	0,93	0,93	0,94
10	0,97	0,88	0,87	0,91
11	0,93	0,93	0,92	0,93
12	0,92	0,92	0,92	0,92
Total	0,94	0,92	0,91	0,93

Fonte: Elaborado por COLLET (2015), a partir das avaliações do questionário.

Assim, pretendeu-se desenhar a trajetória esportiva dos atletas com suas experiências em atividades físicas e esportivas, bem como os componentes psicossociais. Este instrumento, com 12 questões abertas e fechadas, permitiu alcançar os objetivos propostos por meio de indagações, instigando o sujeito a fornecer informações relevantes e fundamentais para a concretização do estudo (THOMAS; NELSON, 2002), abordando quatro dimensões:

- a) Dados sobre informações sócio demográficas, nos quais estão contemplados os indicadores: Nome, sexo, data e local de nascimento, local onde passou maior parte da sua infância, pré-adolescência e adolescência, informações acerca do início da modalidade e financiadores;

b) Anos de experimentação, na qual representa a infância, elencando as atividades praticadas até 12 anos, explorando informações sobre as experiências em atividades físicas e esportivas, componentes psicossociais e o contexto durante essa fase;

c) Anos de Experimentação, expõe a fase da pré-adolescência, compreendendo alcançar os aspectos relevantes experiências em atividades físicas e esportivas, componentes psicossociais e o contexto durante essa fase, entre a faixa etária de 13 a 15 anos;

d) Anos de Investimento, na qual aborda questões na adolescência, acerca das experiências em atividades físicas e esportivas, componentes psicossociais e o contexto entre 16 a 18 anos de idade.

3.4 VARIÁVEIS DO ESTUDO

3.4.1 Definição das variáveis Independentes

Quadro 1. Descrição, mensuração e categorização utilizada das variáveis independentes do estudo.

Variável	Mensuração	Categorização Utilizada
Tipo de esportes praticados	Referido pelo participante	Voleibol; Voleibol + 1 modalidade; Voleibol ≥ 2 modalidades; Modalidades \neq de voleibol
Número de Atividades Físicas Praticadas	Referido pelo participante	0; 1; 2; 3; ≥ 4
Fases da Trajetória Esportiva	Referido pelo participante	Anos de Experimentação (Até 12 anos); Anos de Especialização (13 a 15 anos); Anos de Investimento (16 a 18 anos)

Fonte: O autor

3.4.2 Definição das variáveis Dependentes

Quadro 2. Descrição, mensuração e categorização utilizada das variáveis dependentes do estudo.

Variável		Mensuração	Categorização Utilizada
Fases da Trajetória Esportiva		Referida pelo participante	Anos de Experimentação (Até 12 anos); Anos de Especialização (13 a 15 anos); Anos de Investimento (16 a 18 anos)
Quantidade de atividades	Estruturadas	Referida pelo participante	Não categorizada (Variável Contínua)
	Não-estruturadas praticadas		
Tempo de atividades	Estruturadas	Referido pelo participante	Não categorizada (Variável Contínua)
	Não-estruturadas praticadas		
Grau de Influência dos Componentes Psicossociais	Pais/Irmão/Familiares; Treinadores/Professores; Amigos	Referido pelo participante	Voleibol (Muito Baixo; Baixo Moderado; Alto; Muito Alto); Outras modalidades esportivas (Muito Baixo; Baixo Moderado; Alto; Muito Alto)

Fonte: O autor

3.5 ASPECTOS ÉTICOS

O projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos (CEPSH) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), obtendo aprovação a partir do protocolo de autorização (Anexo A) realizado no dia 08 de setembro de 2016, por meio do parecer 1.718.040. Ressalta-se que a participação dos atletas na investigação foi viabilizada a partir da assinatura do Termo de Consentimento Livre e

Esclarecido (Apêndice C), além do termo de assentimento (Apêndice D) para os menores de idade e seus responsáveis legais, conforme a Resolução nº 466 de 2012, do Conselho Nacional de Saúde.

Buscou-se também, garantir aos participantes o anonimato da sua identidade e das informações pessoais, destacando que os dados foram utilizados e manipulados somente pelos pesquisadores e para fins científicos, evitando, assim, qualquer tipo de constrangimento.

3.6 PROCEDIMENTOS PARA COLETA DE DADOS

Para dar início à realização da pesquisa, no período de maio a junho houve um levantamento de dados no site da Confederação Brasileira de Voleibol "CBV" (www.cbv.com.br), para obter informações sobre quais equipes estariam elegíveis como de reconhecimento nacional para as coletas de dados com seus atletas.

Dessa forma, os atletas das categorias infanto-juvenil e juvenil de quatro equipes foram elegíveis a participar da pesquisa. Em seguida, foi estabelecido o contato via e-mail e/ou ligação telefônica com os clubes de voleibol, para assim, apresentar os objetivos da pesquisa e formalizar o convite de participação das mesmas. Com o aceite do clube, houve a coleta de assinatura do documento de Declaração de Ciência da Instituição para participação na pesquisa, com esclarecimento das condições que a pesquisa necessitava para ser desenvolvida. Nessa etapa, uma das equipes recusou o convite para participar, que totalizando assim, 78 atletas das três equipes de reconhecimento nacional que participaram do presente estudo.

Na sequência um novo contato foi feito com os clubes, a fim de realizar o agendamento da coleta de dados, ocorrida no período compreendido entre os dias 25 de setembro à 2 de outubro, respeitando o planejamento de treinos e as viagens de cada equipe. A coleta contou com a permanência do pesquisador durante dois dias no local de treinamento dos clubes. Nestes dias, após as sessões de treinamento, o mesmo foi acompanhado pelo responsável legal pela equipe, treinadores e atletas (categorias infanto-juvenil e juvenil) para o local de aplicação do questionário. O local foi padronizado em todas as equipes, constituindo uma sala com ambiente confortável e reservado para cada atleta.

Previamente à entrega dos termos e do questionário, o pesquisador explicou a pesquisa aos atletas, bem como os objetivos e os procedimentos metodológicos necessários. A seguir, foi concedido aos atletas o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice A), além do termo de Assentimento (Apêndice B) (para os menores de

idade e seus responsáveis legais), para que houvesse a leitura e assinatura do (s) mesmo (s).

Desta maneira, com o preenchimento dos termos de Consentimento Livre e Esclarecido e do Termo de Assentimento, foi aplicado o questionário com os atletas das categorias infanto-juvenil e juvenil, o qual tratou da Carreira Esportiva de Atletas de Voleibol. O pesquisador esteve presente todo o processo de coleta de dados, junto aos atletas, colocando-se à disposição para esclarecer eventuais dúvidas

3.7 TRATAMENTO DOS DADOS

Após o período de coleta, os dados foram tratados de forma quantitativamente e transcritos para a planilha do software Microsoft Excel 2012 categorizados por idade cronológica (até 12 anos, de 13-15 anos e 16-18 anos), para o processo de interpretação e tratamento estatístico.

3.8 TRATAMENTO ESTATÍSTICO

A análise descritiva dos dados contou com valores absolutos e relativos (%) das variáveis categóricas, médias e desvio padrão com respectivos intervalos de confiança de 95% (IC95%) das variáveis contínuas.

Para a análise inferencial, como primeiro procedimento nas variáveis contínuas, foi realizado o teste de Shapiro-Wilk para apontar a normalidade dos dados. Na sequência, aplicou-se o teste t de student pareado para comparar, em cada fase da Trajetória Esportiva dos atletas, as médias das categorias da quantidade de atividades estruturadas e não-estruturadas praticadas, e do tempo de atividades estruturadas e não-estruturadas praticadas. Para as variáveis categóricas de agentes psicossociais, foi realizado o teste qui-quadrado para identificar a existência de diferença estatística entre a prática de voleibol e outra modalidade esportiva. Para a comparação entre as fases da Trajetória Esportiva com a média do número de atividades físicas praticadas, e a média da quantidade de horas de atividades estruturadas e não-estruturadas de atletas de voleibol de formação, foi realizada pela ANOVA *Oneway*. O teste post hoc de Bonferroni posteriormente foi aplicado para apontar entre quais fases da trajetória houveram as diferenças estatísticas descritas pelo teste de ANOVA *Oneway*.

Para buscar associação entre as fases da trajetória esportiva (Anos de Experimentação vs. Anos de Investimento; Anos de Especialização vs.

Anos de Investimento) com os tipos de modalidades esportivas dos participantes do estudo, foi utilizada a regressão logística multinomial. Ainda, o mesmo teste estatístico foi realizado para identificar a tendência existente entre as fases de trajetória esportiva com número de atividades físicas praticadas, respeitando o pressuposto da existência de uma linearidade da variável categórica ordinal independente para o modelo. Para os testes, foi utilizado o Software *Statistical Package for Social SciencesTM* (SPSS 21.0) e adotado um nível de significância de 5%.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados da pesquisa foram apresentados em cinco subcapítulos para, a fim de melhor esclarecer e apresentar as informações referentes a eles. O primeiro remete-se a descrição dos participantes do estudo, na qual trouxe considerações acerca das características sócio demográficas, funcionais e de sua profissionalização. Já o segundo subcapítulo abordou os Anos de Experimentação, nele foi averiguado as experiências físicas e esportivas, assim como os componentes psicossociais até esta etapa, ou seja, os 12 anos de vida. No terceiro, Anos de Especialização, foram abordadas as atividades físicas e esportivas passadas, referente a idade de 13 a 15 anos dos atletas, e da mesma maneira, os componentes psicossociais desta fase. Como quarto subcapítulo, discutiu-se as atividades físicas e esportivas e os componentes psicossociais entre os 16 a 18 anos de vida dos atletas, ou seja os Anos de Investimento. O último subcapítulo refere-se à trajetória esportiva, nele foram comparadas as informações dos Anos de Experimentação, Especialização e Investimento, na qual foram expostas a testes estatísticos inferenciais para, assim, obter os resultados das experiências de atividades físicas e esportivas e dos componentes psicossociais.

4.1 CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES DO ESTUDO

Dessa forma, teve-se como participantes do estudo, os atletas das equipes infanto-juvenil e juvenil de três clubes de reconhecimento nacional de voleibol que se aceitaram a participar, com um total de 78 atletas do sexo masculino, com média de idade 19,24 ($DP \pm 0,9$) anos, isso deu-se ao fato dos participantes do estudo ser composto somente atletas das categorias infanto-juvenil, ou seja, atletas com no máximo 19 anos, e juvenil, idade inferior a 21 anos de idade.

A Tabela 2 descreve os resultados referentes às informações sociodemográficas de atletas de voleibol das categorias infanto-juvenil e juvenil de clubes de reconhecimento nacional.

Tabela. 2 Perfil sociodemográfico de atletas de voleibol das categorias infante-juvenil e juvenil de clubes de reconhecimento nacional (n=78).

	n	%
Ensino Fundamental		
Escola Pública	38	48,72
Escola Particular	40	51,28
Ensino Médio		
Escola Pública	40	51,28
Escola Particular	38	48,72
Macrorregiões Demográficas		
Norte	2	2,56
Nordeste	4	5,13
Centro-Oeste	6	7,69
Sul	15	19,23
Sudeste	50	64,10
Outros Países	1	1,28
Auxílio financeiro		
Salário	24	30,77
Moradia	5	6,41
Outro	3	3,85
Salário + Moradia	36	46,15
Nenhum	10	12,82

Em relação aos resultados encontrados, acerca das informações sóciodemográficas (Tabela 2), dos 78 atletas de categorias de formação de clubes reconhecimento nacional 51,28% frequentaram escola particular e 48,72% colégios públicos. Já durante o ensino médio os valores se inverteram, no qual 48,72% estudaram em instituições privadas enquanto 51,28% frequentaram escolas públicas.

Quando analisada a Macrorregião Demográfica de nascimento dos atletas (Tabela 1), encontrou-se uma maior concentração de natalidade na região Sudeste (64,10%), seguido pelo Sul (19,23%), Centro-Oeste (7,29%), Nordeste (5,13%) e Norte (2,56%) do Brasil, com apenas um atleta de outra nacionalidade. Este achado pode estar relacionado ao fato da localidade dos clubes.

A maioria dos atletas a respeito do auxílio financeiro, apresentam remuneração representada por salário ou salário com moradia (76,92%). Corroborando tais pressupostos, por meio de um estudo com 52 atletas de alto rendimento de voleibol masculino do Estado de São Paulo encontrou-se que a maioria teve remuneração e cobrança por desempenho a partir

dos 14 anos (MARQUES et al, 2014), idade similar ao encontrado nos participantes do presente estudo. Assim é um indicativo de formalização do compromisso competitivo entre o jogador e quem o remunera.

Ao averiguar a idade de com início a ser federado no voleibol, os atletas alcançaram em média 13,57 (DP±0,22) anos, a qual indica o início da prática sistematizada do Voleibol para este período. Os achados corroboram aos encontrados por Milistetd et al. (2010) que apontam, na percepção de treinadores brasileiros “experts”, uma faixa etária média para o início da prática esportiva regular desta modalidade (12,95 ± 0,64). Outros esportes coletivos inclinam-se para uma iniciação da prática sistematizada entre 10 e 12 anos (MILISTETD et al, 2010; BAKER; CÔTÉ; ABERNETHY, 2003), e desta maneira, o presente estudo caracteriza a prática sistemática de forma tardia, comparado a outras modalidades esportivas.

Além disso, o resultado é condizente ao encontrado na literatura específica da área que sugere o início para competições federadas entre 12 a 14 anos de idade. (BOMPA, 2000; CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007; MILISTETD et al, 2012) quando os jovens já conseguem suportar a carga física e psíquica de estresse envolvida no ambiente competitivo (BOMPA, 2000; CÔTÉ, BAKER, ABERNETHY, 2007)

A Tabela 3 descreve os resultados referentes às características funcionais e de profissionalização de atletas de voleibol das categorias de formação de clubes de reconhecimento nacional.

Tabela 3. Características funcionais e de profissionalização de atletas de voleibol das categorias infanto-juvenil e juvenil de clubes de reconhecimento nacional (n=78).

	n	%
Categorias de Formação		
Juvenil	45	57,7%
Infanto-juvenil	33	42,3%
Antigos Clubes		
1 Clube	18	23,08
2 Clubes	39	50
3 Clubes	18	23,08
4 Clubes	2	2,56
5 Clubes	1	1,28
Funções Que Já Atuou		
Atual Função	17	21,79
2 Funções	31	39,74
3 Funções	18	23,08
4 Funções	10	12,82
5 Funções	02	2,56
Atual Função		
Levantador	16	20,51
Meio-de-Rede	22	28,21
Ponta	22	28,21
Saída/Oposto	10	12,82
Líbero	08	10,26

Ao apresentar características funcionais e de profissionalização de atletas de voleibol das categorias de formação de clubes de reconhecimento nacional, a Tabela 3 mostrou que em torno de 57% (n=45) são da categoria juvenil, enquanto 43% (n=33) são da categoria infanto-juvenil. Mostrando, dessa forma, um equilíbrio na quantidade de jogadores de cada categoria.

Ao analisar os dados pode-se perceber que há uma maior incidência nos atletas que atuaram no máximo em dois clubes, resultando em 73,8% (n=57). Enquanto 26,2 % (n=21), ou seja, os demais participantes atuaram em mais de dois clubes foram identificados de seguinte forma: 23,08% (n=18) em 3 clubes; 2,56 (n=2) em 4 times e apenas 1,28 (n=1) em 5 equipes.

Ao verificar por quantidade de funções já atuadas ao longo de sua trajetória esportiva, a pesquisa encontrou que 53% (n=42) atletas tiveram até duas funções diferentes. Tal resultado reflete uma possível especialização funcional dos participantes do estudo durante sua trajetória. Este resultado diverge dos achados de Marques et al, (2014) em seu estudo com 52 atletas de alto rendimento do voleibol, o qual encontrou que a maioria, durante sua trajetória esportiva, atuou em mais de uma função no voleibol, mostrando assim, que atletas que chegaram ao alto nível tiveram uma formação esportiva pautada na diversificação funcional.

Além disso, na perspectiva dos treinadores de acordo com Milistetd et al, (2010) existe uma preocupação em proporcionar às crianças uma formação baseada numa diversificação de funções, além da vasta gama de ações motoras, na qual diverge dos atletas de categorias de formação de clubes de reconhecimento no contexto brasileiro. Para tanto, tal resultado pode ser considerado um procedimento negativo para a formação esportiva (SANTANA, 2008).

Os participantes, referente à atual posição, mostraram que a maioria tem como função serem pontas (28,21%), mesmo número para os meio-de-rede, seguidos pelos levantadores (20,51%), Saída/Oposto (12,82%), e, por fim, o líbero (10,26%). Estes achados corroboram com Bizzocchi (2008) os quais apontam o sistema de jogo 5x1 o mais utilizado por equipes de voleibol, neste esquema o maior número de funções são os pontas e os meio-de-rede. Já comparado ao estudo de Marques et al. (2014) com 52 atletas de alto rendimento no voleibol, na qual houve um maior número de levantadores e opositos, e menor de líberos. Esta diferença pode estar relacionada ao fato da maioria dos atletas não responderam esta questão do estudo anterior.

4.2 ANOS DE EXPERIMENTAÇÃO

Neste subcapítulo, são apresentadas e discutidas as experiências físicas e esportivas, assim como o grau de influência dos componentes psicossociais que constituíram os Anos de Experimentação (até 12 anos de vida) da trajetória esportiva dos atletas de categorias de formação de clubes de reconhecimento no contexto brasileiro.

A Figura 3 apresenta a quantidade de atividades físicas praticadas por atletas de voleibol das categorias de formação de clubes de reconhecimento nacional durante os Anos de Experimentação. A maior proporção (84,62%) esteve naqueles que tiveram contato com quatro ou

mais atividades físicas até os 12 anos. Seguido pelos jovens que praticaram três atividades físicas (12,82%) e, por fim, os que tiveram contato com duas práticas distintas de atividade física, que correspondem a 2,56% dos participantes do estudo. Nenhum atleta respondeu praticar uma atividade física ou não ter experiências com essas atividades, durante os Anos de Experimentação. Foram consideradas atividades físicas todas as práticas descritas pelos atletas, incluindo esportes, jogos e brincadeiras, lutas, danças, ginásticas, entre outras (Figura 3).

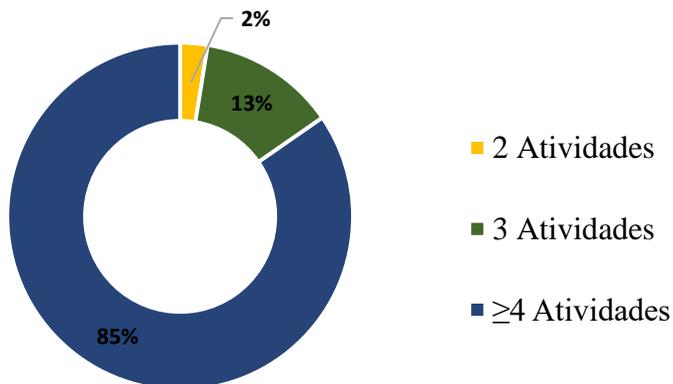


Figura 3. Quantidade de atividades físicas praticadas por atletas de voleibol das categorias de formação de clubes de reconhecimento nacional durante os Anos de Experimentação (n=78).

Os achados no presente estudo divergem aos encontrados por Leite e Sampaio (2012), no qual contou com 1170 atletas de ambos os sexos de basquete portugueses e apontaram que em torno de 50% dos jogadores tiveram duas ou mais experiências com esportes na primeira etapa de formação. Dessa forma, os resultados indicam uma formação diversificada nos participantes da pesquisa, quanto a experimentação na quantidade de atividades físicas praticadas.

Para reforçar estas informações, a Tabela 4 descreve os resultados referentes ao tipo de esportes praticados pelos atletas de voleibol das categorias de formação de clubes de reconhecimento nacional durante os Anos de Experimentação. Neste viés, os resultados apontam para uma maior concentração, 59,74% (n=46), de atletas foi daqueles que praticaram voleibol e duas ou mais modalidades diferentes, seguidos por atletas, 31,17% (n=24) que tiveram contato com somente modalidades diferentes de voleibol, ou seja, não tiveram contato com voleibol durante

os Anos de Experimentação. Também pode identificar que os jovens, 7,79% (n=6) que apontaram praticar voleibol e mais um esporte, restando apenas um atleta (1,30%) que praticou somente voleibol durante seus Anos de Experimentação.

Tabela 4. Tipo de esportes praticados por atletas de voleibol das categorias de formação de clubes de reconhecimento nacional durante os Anos de Experimentação (n=78).

Variável	Total	
	n	%
Tipo de Esportes Praticados		
Voleibol	1	1,30
Voleibol + 1 modalidade diferente	6	7,79
Voleibol + ≥ 2 modalidades diferentes	47	59,74
Modalidades \neq de voleibol	24	31,17

Nota: n: frequência absoluta; %: frequência relativa.

Estes resultados se aproximam aos encontrados por Leite e Sampaio (2012), no qual mais de 60% dos jogadores de basquete de Portugal praticaram uma combinação de esportes distintos (coletivos, individuais, de combate e basquetebol) na mesma etapa de formação, desta maneira, indicando uma experimentação diversificada nestes dois contextos. Esses achados estão alinhados com os resultados de estudos empíricos em esportes coletivos, mostrando a diversificação precoce como um possível caminho para o desempenho de atletas “experts” esportivos (BAKER et al, 2003a; LEITE; BAKER; SAMPAIO, 2009; LEITE; SAMPAIO, 2012; COUTINHO et al, 2014; COUTINHO et al, 2015).

Os resultados evidenciaram que o envolvimento precoce em modalidades esportivas que não seja o esporte de profissionalização (voleibol) pode contribuir na trajetória de atletas juvenil e infanto-juvenil da modalidade, ou seja, uma experimentação tardia na modalidade alvo. Isso pode estar relacionado ao fato do voleibol ser uma modalidade na qual os atributos físicos, como estatura e envergadura estarem associados à prática da modalidade em alto rendimento (BIZZOCCHI, 2008), e nesta etapa, ainda não ocorre a maturação biológica via de regra - geralmente aos 13 anos de idade (MACHADO; BARBANTI, 2007).

Dessa forma, tanto os resultados referentes à quantidade de atividades físicas praticadas, como dos tipos de esportes praticados, suportam uma formação diversificada dos participantes desta pesquisa.

Tal formação, já é decorrente e discutida na literatura específica da área, na qual uma etapa, identificada como Anos de Experimentação, contribui para a trajetória de atletas que alcançam o rendimento esportivo (CÔTÉ, 1999; CÔTÉ; HAY, 2002; CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007; CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007; CÔTÉ et al, 2010; LEITE; SAMPAIO, 2012; COUTINHO, 2016).

Portanto, deve-se evitar uma especialização precoce nessa fase, ou seja, praticar, experimentar, conhecer a maior série de esportes e atividades diferentes enfatizando, assim, uma formação oposta à especialização precoce (CÔTÉ, 1999; CÔTÉ; HAY, 2002; CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007; CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007; CÔTÉ et al, 2010). Essas práticas podem estar na forma de variados esportes, jogos e brincadeiras, danças, lutas, ginásticas, entre outros. Desta maneira, torna-se fundamental no que diz respeito ao desenvolvimento da capacidade de tomada de decisão nas práticas esportivas em etapas iniciais (HILL, 1993; MESQUITA; GRAÇA, 2002; MILISTETD et al, 2010).

O caminho de diversificação precoce tem sido associado a vários benefícios, incluindo um envolvimento prolongado no esporte, experiências percebidas de esportes mais agradáveis e positivas no início e um desenvolvimento físico, psicológico e social saudável (FRASER-THOMAS et al, 2008a, 2008b; BAKER et al, 2009). Um envolvimento esportivo precoce e diversificado também pode proteger os atletas contra as consequências potencialmente negativas da especialização precoce, tais como lesões físicas, diminuição do prazer no esporte e abandono (LAW et al, 2007; FRASER- THOMAS et al, 2008a, 2008b)

Além disso, os resultados do presente estudo corroboram com os pensamentos de treinadores de voleibol “experts” brasileiros, no qual, para eles, nesta fase (Anos de Experimentação) deve-se ter vivência de experiências motoras diversificadas (MILISTETD et al, 2010). Ainda, para eles, que estão envolvidos efetivamente com o processo de formação de atletas, deve-se proporcionar às crianças uma formação baseada numa diversificação de funções, de jogos e suas adaptações, além da vasta gama de ações motoras.

Na concepção dos MDPD, nesta etapa da trajetória esportiva deve-se ter atividades de caráter lúdico, com diversas experimentações de atividades físicas, com pluralidade de vivências motoras (CÔTÉ, 1999; CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007; CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007), tendo experiências de uma série de esportes e atividades diferentes ao invés de especializar-se em uma modalidade durante toda a fase. Logo, o presente estudo acompanha a proposta da teoria dos MDPD, na qual os

Anos de Experimentação geralmente devem envolver grandes quantidades de jogo deliberado, caracterizados por atividades não-estruturadas, e menores quantidades de prática deliberada, na qual são realizadas atividades estruturadas (CÔTÉ; HAY, 2002; CÔTÉ et al, 2010).

A Tabela 5 apresenta os resultados encontrados relacionados a quantidade e as horas de atividades estruturadas e não-estruturadas praticadas pelos atletas de categorias de formação de voleibol no Brasil nos Anos de Experimentação. Os achados não acusaram diferença estatística ($p=0,054$) entre o número de atividades estruturadas ($1,38\pm 0,14$) e as atividades não-estruturadas ($1,78\pm 0,16$), e também não houve diferença estatística ($p=0,925$) entre as horas de atividades estruturadas ($11,68\pm 1,18$) e não-estruturadas ($11,83\pm 1,14$) nos atletas de voleibol de categorias de formação de clubes de reconhecimento brasileiro até seus 12 anos de idade cronológica. Dessa forma, identifica-se um equilíbrio entre a prática dessas duas atividades.

Tabela 5. Quantidade e tempo de práticas semanais de atividades estruturadas e não-estruturadas praticadas pelos atletas de voleibol das categorias de formação de clubes de reconhecimento nacional no contra turno escolar nos Anos de Experimentação ($n=78$).

Variável	Média	DP \pm	<i>p</i> -valor
Quantidade de atividades			0,054
Atividades estruturadas	1,38	0,14	
Atividades não-estruturadas	1,78	0,16	
Horas de atividades			0,925
Atividades estruturadas	11,68	1,18	
Atividades não-estruturadas	11,83	1,14	

Nota: DP: desvio padrão; *p*-valor extraído do teste *t* de student pareado; nível de significância adotado de 5%.

O presente estudo encontrou similaridade na quantidade e horas de práticas não-estruturadas e estruturada, ou seja, não houve diferença significativa entre essas variáveis. O que pode ser negativo e contradiz a indicação do modelo no que tange as atividades não-estruturadas. O foco de prática deliberada nos Anos de Experimentação implica algumas consequências negativas como redução do repertório motor; aumento da incidência de lesões (CÔTÉ, FRASER-THOMAS, 2007), prejuízos gerais ao desenvolvimento da criança (SEABRA; CATELA, 1998;

VIEIRA; BOJIKIAN, 2008) e desmotivação (COELHO, 1988; CÔTÊ; ERICKSON; ABERNETHY, 2013).

Os resultados referentes ao número de atividades no contra turno escolar divergem aos encontros em atletas profissionais de voleibol portugueses (COUTINHO et al, 2016), no qual, nos Anos de Experimentação, apresentam, em média $3,00(\pm 1,8)$ atividades estruturadas e $1,60(\pm 1,0)$ atividades não-estruturadas. Tal achado pode estar relacionado ao fato do presente estudo avaliar somente as atividades no contra turno escolar, enquanto o de Coutinho et al, (2016) considerou, também, as atividades praticadas durante as aulas de Educação Física como estruturadas.

Quando levantado o tempo das atividades físicas praticadas, os estudos também divergem, com valores superiores nas atividades não-estruturadas (2522 ± 1048 horas/ano) e as atividades estruturadas (1079 ± 113 horas/ano) se comparados ao presente estudo (COUTINHO et al, 2016). Assim como o número de atividades praticadas, também não foi encontrada diferença estatística entre as duas características de atividades neste estudo no contexto português.

Ao considerar apenas as atividades estruturadas, no estudo de Leite e Sampaio (2012) com jogadores profissionais de basquete em Portugal, os autores identificaram que 28,7% dos atletas praticavam entre duas e três horas desse tipo de atividade por semana durante os Anos de Experimentação. Valor este, apresenta ser inferior aos encontrados no presente estudo, há uma possível justificativa para tal divergência pode ser o fato desta pesquisa contabilizar somente as atividades exercidas no contra turno escolar, enquanto Leite e Sampaio (2012) analisaram também as atividades exploradas na Educação Física escolar.

Para Barbanti (2005) as crianças até os Anos de Experimentação devem praticar, em torno, de três a quatro horas por semana, valor este abaixo aos encontrados nos participantes do presente estudo. Esta diferença ocorre pois para o autor, nesta idade a criança deve vivenciar o maior número de atividades possíveis e se dedicar a escola, dessa forma, sem criar pessoas frustradas, como esportistas e sem a devida formação educacional.

Para a fase de Experimentação, o MDSP indica uma trajetória cercada de atividades lúdicas prazerosas, ou seja, o jogo deliberado (COTÊ, 1999). É reconhecida a importância do engajamento em atividades não-estruturadas durante a infância para o desenvolvimento de um atleta (CÔTÊ; BAKER; ABERNETHY, 2007, 2013), o que não foi visto no presente estudo, mas sim, um equilíbrio entre as atividades no

contra turno escolar de atletas de categorias de formação de clubes de reconhecimento nacional no voleibol.

A importância das atividades não-estruturadas durante os Anos de Experimentação é vista pelas suas características, por serem atividades lúdicas, na qual são dirigidas pessoalmente, com livres escolhas e mediada pelos próprios praticantes, proporcionando a eles a oportunidade de decidir e inventar da maneira que mais lhe satisfaz. Essa prática leva a um envolvimento completo, ativo e intenso na atividade que proporciona boas condições para o aprendizado (CÔTÉ; ERICKSON; ABERNETHY, 2013). Além disso, os autores apontam que a flexibilidade na estrutura e na forma das experiências esportivas iniciais, bem como seu alto grau de novidade e imprevisibilidade, expõem as crianças a muitas situações físicas, sociais e emocionais novas, que fornecem uma plataforma para o desenvolvimento de capacidades cognitivas (MILISTETD et al, 2010), aprendizagem e desenvolvimento global no esporte (CÔTÉ, 1999).

Do ponto de vista da aquisição de habilidades, o envolvimento neste tipo de atividades dirigidas por crianças permite que as mesmas experimentem esportes em vários contextos, com liberdade para inventar, adaptar, criar e negociar atividades e regras para atender seus desejos e necessidades (CÔTÉ; ERICKSON; ABERNETHY, 2007, 2013).

A Tabela 6 apresenta o grau de influência dos componentes psicossociais durante os Anos de Experimentação de atletas das categorias de formação de clubes de reconhecimento nacional. O achado referente ao apoio dos pais/irmão/familiares para a prática do voleibol indicou que 11 atletas (28,21%) consideraram “Moderado”; 10 (25,64%) indicaram “Alto”, mesmo valor para os que consideraram “Muito Alto”; ainda, 4 (10,26%) apontaram a influência na categoria “Baixo”, similar aos que consideraram “Muito Baixo”. Já para as demais modalidades a influência dos mesmos agentes psicossociais mostrou que 10 (43,48%) indicaram ser “Alto”; 5 (21,74%) “Moderado”; 4 (17,39%) “Muito alto” e; 2 atletas (8,70%) indicaram “Baixo”, sendo este valor o mesmo para os que consideraram “Muito Baixo”.

A influência dos treinadores para o voleibol referida pelos atletas, mostrou que 13 atletas (33,33%) indicaram ser “Moderado”; 10 (25,64%) ser “Alto”, mesmo valor encontrado para os que consideraram “Baixo”; 4 crianças (10,26%) indicaram ser “Muito Alto” e, 2 (5,13%) ser muito “Baixo”. Já a influência dos treinadores nas demais modalidades esportivas, 6 (26,09%) indicaram ser “Muito Alto”, mesmo valor para os atletas que consideraram “Alto” e também “Moderado”, 3(13,04) “Baixo” e 2(8,70%) “Muito Baixo”. Para os amigos a influência foi considerada para a prática de voleibol “Moderada” para 15 atletas (38,46%),

11(28,21%) indicaram “Baixa”; 7(17,95%) “Alta”, 4(10,26%) “Muito Alta” e 2 (5,13%) “Muito Baixo”. Diferentemente das demais modalidades que mostraram ter 6 atletas que consideraram “Alta”, mesmo valor dos que apontaram ser “Moderado”, 4 (17,39%) “Muito Alto”, similar aos encontrados para os que demonstraram ser “Baixo” e 3 (13,04%) ser “Muito Baixo”.

Todo o valor referente ao grau de influência para a prática de voleibol e demais modalidades esportivas foram aferidas na Escala Likert (Tabela 6) dos atletas de categorias de formação de voleibol de clubes de reconhecimento nacional durante Anos de Especialização.

Tabela 6. Grau de influência dos componentes psicossociais de acordo com a modalidade praticada durante os Anos de Experimentação de atletas das categorias de formação de clubes de reconhecimento nacional (n=78).

Componentes Psicossociais	Grau de influência (n/%)		p-valor
	Voleibol	Demais modalidades esportivas	
Pais/Irmão/Familiares^a			0,704
1 - Muito Baixo	4 (10,26)	2(8,70)	
2 - Baixo	4 (10,26)	2(8,70)	
3 - Moderado	11(28,21)	5(21,74)	
4 - Alto	10 (25,64)	10(43,48)	
5 - Muito Alto	10 (25,64)	4(17,39)	
Treinadores^a			0,423
1 - Muito Baixo	2(5,13)	2(8,70)	
2 - Baixo	10(25,64)	3(13,04)	
3 - Moderado	13(33,33)	6(26,09)	
4 - Alto	10(25,64)	6(26,09)	
5 - Muito Alto	4 (10,26)	6(26,09)	
Amigos^a			0,477
1 - Muito Baixo	2 (5,13)	3(13,04)	
2 - Baixo	11(28,21)	4(17,39)	
3 - Moderado	15(38,46)	6(26,09)	
4 - Alto	7(17,95)	6(26,09)	
5 - Muito Alto	4(10,26)	4(17,39)	

Nota: ^a variável mensurada pela escala Likert; p-valor extraído do teste qui-quadrado; nível de significância adotado 5%

Apesar dessa ligeira diferença, não apresentou diferença estatística na influência no voleibol e nas demais modalidades esportivas entre cada componente psicossocial (pais/irmão/familiares, treinadores e amigos)

Os resultados estão em consonância os achados de Barreiros, Côté e Fonseca (2013), no qual 42 atletas, de ambos os sexos, em diferentes esportes olímpicos, mostraram que 78,8% da amostra apontou ter apoio dos Pais/Irmão/Familiares, 82,4% contar com incentivo dos treinadores. Acerca do apoio dos amigos, o estudo indicou que os atletas assinalaram o valor de 3.7 na Escala *Likert* 5-pontos, ou seja, “Moderado” (BARREIROS; CÔTÉ; FONSECA, 2013).

No incentivo para a prática de outras modalidades, um estudo com 149 adultos (FONSECA; STELA, 2015), que tinham filhos nas categorias de base sub-9, sub-11 e sub-13 de três clubes de futsal do Estado do Rio Grande do Sul, mostrou que 69,8% dos pais incentivam e oportunizam aos seus filhos que praticassem alguma outra modalidade esportiva além da modalidade alvo.

Estes achados estão de acordo com o MDPD (CÔTÉ, 1999; CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2003; 2007) e pesquisas algumas empíricas (FRASER-THOMAS; CÔTÉ, 2009; BARREIROS; CÔTÉ; FONSECA, 2013). O presente estudo sugere que os pais, treinadores e amigos desempenharam, em média, uma influência moderada durante a Anos de Experimentação de atletas categorias de formação no voleibol em clubes de reconhecimento nacional. Desta forma, corroborando com o modelo MDPD (CÔTÉ, 1999; CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2003; 2007) que suporta o papel desses agentes (treinador, pais e amigos) como papéis de apoio, cuidado e motivação para a criança.

Algumas pesquisas descrevem as características necessárias do treinador, até os 12 anos de vida da criança, como sendo gentil, alegre e carinhosa, o qual proporciona uma introdução lúdica ao esporte (FRASER-THOMAS; CÔTÉ; DEAKIN, 2008a; CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2003).

Já os pais, que também apresentaram um grau de influência moderado, possuem uma atuação crucial nessa fase, na qual oportunizam aos seus filhos a experimentação de várias atividades e esportes, por meio de recursos necessários para nutrir seu desenvolvimento esportivo (BARREIROS; CÔTÉ; FONSECA, 2013; FRASER-THOMAS; CÔTÉ; DEAKIN, 2008b). Este apoio exercido reflete nas melhores condições possíveis para o envolvimento do esporte de seus filhos, com suporte financeiro, equipamentos e transporte para sessões de treinamento e competições (COUTINHO, 2014), fundamental para um envolvimento prolongado no esporte e na trajetória de atletas (FRASER-

THOMAS; CÔTÉ; DEAKIN, 2008b; CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2003).

Por fim, os resultados deste estudo apontaram o grau de influência dos amigos pelos atletas de categorias de formação de clubes de reconhecimento nacional no voleibol como moderado. Este componente psicossocial, nos Anos de Experimentação, para a literatura, é uma das principais razões de aderência de crianças em esportes de forma estruturada e não-estruturada, assim como fundamentais agentes para o envolvimento e motivação para prática de esportes mais tarde na sua trajetória (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2003; FRASER-THOMAS; CÔTÉ; DEAKIN, 2008a; BARREIROS; CÔTÉ; FONSECA, 2013).

Assim, existindo, ainda para os autores, o interesse das crianças no envolvimento do esporte como uma ferramenta para o desenvolvimento de relações sociais positivas. Para Coutinho (2014), tanto para jogadores de voleibol de elite quanto os atletas que não eram de elite de Portugal reconheceram os amigos não apenas um motivo para o ingresso no voleibol, mas também uma importante fonte de apoio para se manterem engajados e motivados no esporte.

De maneira geral, os achados do presente estudo indicam que os atletas das categorias de formação de clubes de reconhecimento nacional possuem práticas muito semelhantes ao modelo utilizado como referencial teórico (CÔTÉ, 1999) nos Anos de Experimentação. Com tais características, o êxito na modalidade alvo indica o reflexo do complexo de vivências motoras, duração e quantidade das atividades físicas praticadas e o grau de influência dos componentes psicossociais.

4.3 ANOS DE ESPECIALIZAÇÃO

São apresentados e discutidos, nos Anos de Especialização, todas as experiências físicas e esportivas, assim como a influência dos componentes psicossociais da trajetória esportiva dos atletas de categorias de formação de clubes de reconhecimento no contexto brasileiro dos 13 aos 15 anos de vida, ou seja, a segunda etapa da formação esportiva (Anos de Especialização).

A Figura 4 descreve os resultados referentes ao número de atividades físicas praticadas por atletas de voleibol das categorias de formação de clubes de reconhecimento nacional durante os Anos de Especialização. Os resultados da pesquisa mostram que a maior proporção dos atletas (66,67%) esteve entre aqueles que tiveram contato com quatro ou mais atividades físicas entre os 13 a 15 anos. Por seqüência, dos jovens que praticaram três atividades físicas (19,23%) e

dos que tiveram contato com duas práticas distintas de atividade física, que correspondem a 14,10% dos participantes do estudo. Nenhum atleta praticou uma atividade física ou nenhuma experiência com essas atividades físicas, ou seja, todos os atletas praticavam no mínimo duas atividades entre esportes, jogos e brincadeiras, dança, luta ou ginástica durante os Anos de Especialização (Figura 4).

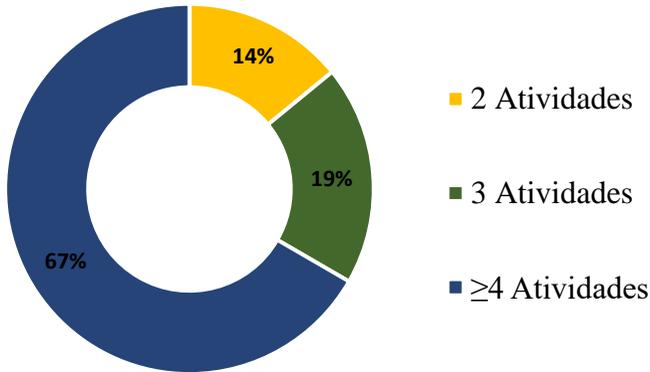


Figura 4. Quantidade de atividades físicas praticadas por atletas de voleibol das categorias de formação de clubes de reconhecimento nacional durante os Anos de Especialização (n=78).

Na figura, foi possível verificar que durante a faixa etária dos 13 a 15 anos dos atletas de categorias de formação no voleibol ainda existia uma diversificação quanto ao número de atividades praticadas, ao se constatar que 86% praticavam três ou mais atividades dentre esportes, jogos e brincadeiras, dança, luta ou ginástica (Figura 4).

Os achados, divergem dos encontrados na literatura no que diz respeito a quantidade de práticas exercidas por jovens durante seus Anos de Especialização. Algumas pesquisas empíricas como as de Leite e Sampaio (2012) composto por 1170 (um mil cento e setenta) atletas de ambos os sexos de basquete portugueses, apontam em torno de 80% dos jogadores de praticavam somente um esporte entre seus 13 e 15 anos de idade. Valor este, que se apresenta inferior aos achados do presente estudo.

Para o modelo de Côté (1999), a principal função desta fase é tratar-se da transição da 1ª e 3ª Etapa, tendo como características

fundamentais a menor diversificação na prática de atividades físicas para os atletas (CÔTÉ, 1999; CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007; CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007). Desta maneira, inicia-se uma diminuição na diversidade de práticas esportivas, com uma ou duas modalidades esportivas para exercer (MILISTETD et al, 2010).

A Tabela 7 descreve os resultados referentes ao tipo de esportes praticados por atletas de voleibol das categorias de formação de clubes de reconhecimento nacional durante os Anos de Especialização. Os achados mostraram que 74,36% (n=58) praticaram voleibol e duas ou mais modalidades diferentes; 10,26% (n=8) somente voleibol; 7,69% (n=6) praticavam voleibol e uma modalidade diferente, mesma quantidade para os que praticavam somente esportes diferentes do voleibol ou seja, não tiveram contato com voleibol durante os Anos de Especialização.

Tabela 7. Tipo de esportes praticados por atletas de voleibol das categorias de formação de clubes de reconhecimento nacional durante os Anos de Especialização (n=78).

Variável	Total	
	n	%
Tipo de Esportes Praticados		
Voleibol	8	10,26
Voleibol + 1 modalidade	6	7,69
Voleibol + ≥2 modalidades	58	74,36
Modalidades ≠ de voleibol	6	7,69

Nota: n: frequência absoluta; %: frequência relativa.

Os resultados relacionados à quantidade de atividades físicas praticadas, assim como os tipos de esportes praticados esclarecem uma etapa caracterizada pela diversificação de práticas de atividades físicas e esportivas dos atletas de categorias de formação de clubes de reconhecimento nacional durante os Anos de Especialização. Desta maneira, divergindo dos resultados de artigos empíricos da literatura científica (LEITE; SAMPAIO, 2012; COUTINHO et al, 2014), além da percepção de treinadores de voleibol sobre essa etapa da trajetória esportiva (MILISTETD et al, 2010) e ao Modelo de Desenvolvimento de Participação Esportiva (CÔTÉ, 1999) que apontam para um período com menor quantidades de práticas de atividades físicas e esportes.

Estudo de Leite e Sampaio (2012) verificou que mais de 75% dos jogadores praticavam somente basquete e, enquanto os demais praticavam uma combinação de muitos esportes. Tais achados são

discrepantes em relação ao presente estudo, sugerindo que características da modalidade e sexo podem contribuir para a diversidade de práticas. Enquanto os investigados 229 atletas portugueses, sendo eles 86 mulheres e 143 homens, de voleibol de Coutinho et al (2014) apontou que houve, em média, $1,3 \pm 0,7$ a prática esportes, independente da sua característica, durante os Anos de Especialização, sendo este valor inferior aos achando no presente estudo.

Outra divergência aos achados referentes à diversidade de práticas nos Anos de Especialização é vista sob a percepção de treinadores “experts” da modalidade (MILSITETD et al, 2010), na qual durante os Anos de Especialização são entendidos como a transição dos estímulos variados adquiridos pela prática de diferentes desportos da etapa anterior, para a especificidade do treino e do envolvimento com a modalidade alvo.

Os Anos de Especialização para o MDPD apresenta-se como o primeiro passo para a especialização, com caráter transitório entre os Anos de Experimentação para os Anos de Investimento, propondo ao atleta a prática de somente uma ou duas modalidades esportivas, ou seja, uma diminuição da diversificação relatada na fase anterior. Isto se deve ao fato do atleta já ter vivenciados uma gama de atividades e poder optar por qual deseja traçar sua trajetória, servindo, dessa forma, como transição para os Anos de Investimento (CÔTÉ, 1999; CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007; CÔTÉ, FRASER-THOMAS, 2007).

Logo, os achados referentes à diversificação de práticas realizadas durante os Anos de Especialização expressarem um valor superior ao sugerido (um a duas modalidades) no MDSP durante os 13 a 15 anos de vida da trajetória dos atletas de categorias de formação de clubes de reconhecimento nacional.

A Tabela 8 apresenta os resultados encontrados acerca da quantidade e das horas de atividades estruturadas e não-estruturadas praticadas pelos atletas de categorias de formação de voleibol no Brasil nos Anos de Especialização. Os resultados do estudo referentes a quantidade, em média, de atividades estruturadas e não-estruturadas praticadas no contra turno escolar durante os 13 a 15 anos de idade, apresentou diferença estatística no número práticas de atividades estruturadas ($1,48 \pm 0,09$) quando comparadas as atividades não-estruturadas ($1,01 \pm 0,12$) ($p=0,002$). Também houve diferença estatística no tempo dessas atividades (Tabela 8), na qual a prática de atividades estruturadas, em média, foi de $15,24 \pm 1,07$ horas por semana, valor superior as encontradas nas atividades não-estruturadas, que corresponderam à $10,48 (\pm 1,30)$ horas por semana ($p=0,005$).

Tabela 8. Quantidade e tempo de práticas semanais de atividades estruturadas e não-estruturadas praticadas pelos atletas de voleibol das categorias de formação de clubes de reconhecimento nacional no contra turno escolar nos Anos de Especialização (n=78).

Variável	Média	DP±	p-valor
Quantidade de atividades			0,002
Estruturadas	1,48	0,09	
Não-estruturadas	1,01	0,12	
Tempo de Atividades			0,005
Estruturadas	15,24	1,07	
Não-estruturadas	10,48	1,30	

Nota: DP: desvio padrão; p-valor extraído do teste t de student pareado; nível de significância adotado de 5%.

Com isso os resultados apontam para o predomínio de atividades de carácter jogo deliberado no contra turno escolar dos durante os Anos de Especialização dos participantes do estudo, na qual consiste de práticas com mediação, estruturadas e sistematizadas, corroborando (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007) com outras pesquisas empíricas sobre a temática (LEITE; SAMPAIO, 2012; COUTINHO et al, 2014; COUTINHO et al, 2016).

Em 60 atletas de ambos os sexos de voleibol português, Coutinho e colaboradores (2016), encontraram diferença estatística entre a média de prática de atividades estruturadas (2,3±1,4), comparada à média das atividades não-estruturadas (1,6±1,1), durante os 13 aos 15 anos de idade. O mesmo estudo investigou as horas anuais destas práticas, também com diferença estatística para o maior tempo de atividades estruturadas (1419,0±602,0) quando confrontados ao tempo das práticas não-estruturada (1062±588,1) durante os Anos de Especialização. Diferenças como essa também foram encontradas com os participantes da atual pesquisa, entretanto com valores superiores aos atletas de Portugal.

O estudo de LEITE e SAMPAIO (2012) apresentou resultados inferiores aos achados no presente estudo, no qual encontrou-se que, durante 13 a 15 anos de idade, 73% desses atletas praticavam 180 ou mais minutos de sessões de treinamentos semanais.

Ao avaliar a quantidade de horas de treinamentos de 229 atletas de voleibol portugueses, Coutinho et al, (2014) verificou que, em média, praticavam, aproximadamente, 8,6(±3,5) horas por semana. Logo, este

valor diverge do presente estudo, onde foram apresentados valores inferiores comparados aos participantes desta pesquisa, ou seja, os atletas de categorias de formação de clubes de reconhecimento nacional no Brasil.

O valor encontrado no presente estudo diverge dos sugeridos por Barbanti (2005), qual orienta os adolescentes, nesta faixa etária, para a prática de treinamento esportivo em torno de seis a sete horas e meia por semana. Dessa forma, conduzindo este nicho para a caminhada com o esporte e a educação escolar de forma harmoniosa.

Para a fase de Especialização, o MDPD indica uma trajetória de equilíbrio entre atividades estruturadas e não-estruturadas, ou seja, entre o jogo deliberado e prática deliberada (CÔTÉ, 1999). Isso se faz necessário, pois esta etapa tem caráter transitório entre os Anos de Experimentação e Anos de Investimento (CÔTÉ, 1999; CÔTÉ, FRASER-THOMAS, 2007; CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007, 2003; MILISTETD et al, 2010), na qual por meio de aquisição de habilidades específicas, diminuindo o envolvimento em diversas modalidades para uma maior dedicação em uma ou duas de maior interesse e os familiares encorajaram o comprometimento em um número limitado de modalidades da escolha da criança, não ocorrendo pressões pela escolha de alguma específica (CÔTÉ, 1999). Logo, os achados do presente estudo divergem aos propostos do modelo, no qual encontrou-se maior prática de prática deliberada comparado ao jogo deliberado, tanto em quantidade como em tempo.

Entretanto, os dados encontrados, corroboram aos encontrados em estudos realizados no contexto brasileiro (MILISTETD et al, 2010) com a concepção de 10 treinadores “experts” de voleibol acerca da 2º Etapa de formação (Anos de Especialização), no qual indicam uma preocupação na especialização esportiva, aprimoramento técnico, compreensão tática e trabalho físico específico. Assim, divergindo dos estudos realizado na realidade portuguesa e canadense, revelam-se que no Brasil existem características distintas do MDPD e dos resultados encontrados no contexto português.

A Tabela 9 apresenta os graus de influência dos componentes psicossociais durante os Anos de Especialização de atletas das categorias de formação de clubes de reconhecimento nacional. Os achados referentes à influência dos componentes psicossociais durante os Anos de Especialização indicam para os pais/irmãos/familiares, como apoiadores de voleibol, 34,78% (n=24) mostraram ter tido uma influência “Muita Alta”; 28,99% (n=20) consideraram Moderada”; 21,74% (n=15) “Alta”; 11,59% (n=8) “Baixo” e; somente 2,90% (n=2) indicaram ser “Muito

Baixa”. Já para as demais modalidades esportivas, os atletas mostraram que os 40% (n=2) tiveram uma influência “Alta” dos pais/irmão/familiares; 20% (n=1) indicaram ter muito “Alto”, mesmo para os que consideraram “Baixo” e também para “Muito Baixo”, nenhum atleta indicou “Moderado”.

Para o grau de incentivo dos treinadores no voleibol, 31,88% (n=22) apontaram ser “Muito Alto”; 27,54% (n=19) “Moderado”; 26,09 (n=18) “Alto”; 10,14 (n=7) “Baixo” e; 4,35 (n=3) “Muito Baixo”. Para as demais modalidades esportivas 60,00% (n=3) indicaram ser “Muito Alta”, 20,00% (n=1) “Moderado”, mesmo valor para “Muito Baixo” e; nenhuma atleta considerou ter tudo influencia “Alta” ou “Baixa”.

Já para os amigos consideraram, no voleibol, 40,50% (n=28) uma influência “Moderada”; 26,64% (n=17) foi “Alto”; 21,74% (n=15) consideraram “Muito Alto”; 8,79% (n=6) “Baixa” para a influência e; 4,35% (n=3) “Muito Baixo”. Para as demais modalidades esportivas, 60,00% (n=3) consideraram uma influência “Moderada” dos amigos; 20,00% (n=1) indicaram “Alto”, mesmo valor encontrado para os que consideraram “Muito Alto” e; nenhuma jovem indicou a influência “Baixa” ou “Muito Baixa” dos amigos.

Em nenhum componente psicossocial foi encontrada diferença significativa entre o voleibol e as demais modalidades esportivas. Todos os valores dos atletas de categorias de formação de voleibol de clubes de reconhecimento nacional durante Anos de Especialização apresentados na Tabela 9, estão apresentados sob a Escala *Likert*.

Tabela 9. Grau de influência dos componentes psicossociais de acordo com a modalidade praticada durante os Anos de Especialização de atletas das categorias de formação de clubes de reconhecimento nacional (n=78).

Componentes Psicossociais	Grau de influência (n/%)		<i>p</i> -valor
	Voleibol	Demais modalidades esportivas	
Pais/Irmão/Familiares^a			0,195
1 - Muito Baixo	2(2,90)	1 (20,00)	
2 - Baixo	8 (11,59)	1 (20,00)	
3 - Moderado	20(28,99)	0 (00,00)	
4 - Alto	15(21,74)	2 (40,00)	
5 - Muito Alto	24(34,78)	1 (20,00)	
Treinadores^a			0,276
1 - Muito Baixo	3(4,35)	1(20,00)	
2 - Baixo	7(10,14)	0 (00,00)	
3 - Moderado	19(27,54)	1(20,00)	
4 - Alto	18(26,09)	0 (00,00)	
5 - Muito Alto	22(31,88)	3 (60,00)	
Amigos^a			0,891
1 - Muito Baixo	3(4,35)	0 (00,00)	
2 - Baixo	6(8,79)	0 (00,00)	
3 - Moderado	28(40,5)	3(60,00)	
4 - Alto	17(24,64)	1(20,00)	
5 - Muito Alto	15(21,74)	1(20,00)	

Nota: ^a variável mensurada pela escala Likert; *p*-valor extraído do teste qui-quadrado; nível de significância adotado 5%

Quando analisadas as informações referentes ao voleibol e as demais modalidades, foi visto não existir diferença estatística na influência no voleibol e nas demais modalidades esportivas os componentes psicossociais (pais/irmão/familiares, treinadores e amigos). Dessa forma, mostrou-se uma igualdade no incentivo desses agentes na prática tanto da modalidade alvo como para as demais dos atletas de categorias de formação de voleibol de clubes de reconhecimento nacional nos Anos de Especialização.

Ao analisar a influência dos componentes psicossociais durante a trajetória esportiva de atletas de esportes olímpicos, Barreiros, Côté e

Fonseca (2013) mostraram que 84% destes atletas que tiveram apoio dos pais, valor superior ao encontrado no suporte contemplado por treinadores (81,7%) durante os 13-15 anos. A influência dos amigos por sua vez, foi encontrada com o valor de 3.9 na Escala *Likert*, foi moderada na percepção dos entrevistados (BARREIROS; CÔTÉ; FONSECA, 2013). Dessa forma, essa pesquisa pode contemplar a influência desses componentes psicossociais com medidas semelhantes, corroborando com os achados do presente estudo, no qual mostra importância desses agentes durante esta fase dos jovens.

Na tese de Coutinho (2014), ao examinar a influência dos componentes psicossociais na trajetória esportiva de atletas de voleibol portugueses durante os Anos de Especialização, foi encontrado que 82% deles indicaram ter o apoio dos pais; 94,3% dos amigos e; 83% dos treinadores. Corroborando assim com o presente estudo verifica-se que todas as atuações desses agentes na trajetória esportiva de atletas de voleibol são importantes.

Para o Modelo de Desenvolvimento de Participação Esportiva os componentes psicossociais nesta fase vão alterando de importância comparados aos Anos de Experimentação (CÔTÉ, 1999). Considera-se assim, que os pais possuem um papel de seguidor e apoiador, no qual promove a facilitação de um ambiente ótimo para o desenvolvimento dos atletas como prioridade (CÔTÉ et al, 2003). Neste contexto, os pais que apoiam a autonomia para a escolha da modalidade alvo têm sido associados como uma influência positiva e longa no desenvolvimento do esporte infanto-juvenil (FRASER-THOMAS; STRACHAN; JEFFERY-TOSONI, 2013)

Os treinadores, por sua vez, alteram sua participação no processo, deixando de atuar como apoiadores, cuidares e encorajadores do esporte, para assumir um papel visto pelos atletas como mais qualificado, conhecedores e orientador para o desempenho (CÔTÉ et al, 2003; FRASER-THOMAS, CÔTÉ; DEAKIN, 2008a; FRASER-THOMAS; CÔTÉ; DEAKIN, 2008b). Os amigos, nesse período, tornam-se fundamentais, principalmente como fontes de apoio ao satisfazerem as necessidades emocionais e motivacionais do atleta (FRASER-THOMAS; CÔTÉ; DEAKIN, 2008a; KEEGAN et al, 2010; BARREIROS; CÔTÉ; FONSECA, 2013).

Os achados do presente estudo corroboram com o encontrado em estudos no contexto português, assim como a literatura específica da área (CÔTÉ, 1999; CÔTÉ et al, 2003; FRASER-THOMAS; CÔTÉ; DEAKIN, 2008a; FRASER-THOMAS; CÔTÉ; DEAKIN, 2008b). Desta maneira, é reforçada a importância desses componentes psicossociais como

influenciadores na trajetória esportiva, em destaque os Anos de Especialização, por representarem diferentes papéis para o apoio aos atletas de categorias de formação de voleibol de clubes de reconhecimento nacional, na qual pode ser como apoiadores ou a manutenção na prática dos esportes ou, até mesmo, satisfazendo as necessidades emocionais dos jovens esportistas.

De maneira geral, os achados do presente estudo indicam que os atletas das categorias de formação de clubes de reconhecimento nacional possuem, ainda nessa fase, uma prática diversificada, com predomínio da prática deliberada em detrimento do jogo deliberado. Tais achados divergem ao modelo adotado como referencial teórico (CÔTÉ, 1999) nos Anos de Especialização. Por sua vez, o grau de influência dos componentes psicossociais foi visto tanto neste estudo quanto para o MDPD, como um papel importante para esse período da trajetória esportiva dos atletas.

4.4 ANOS DE INVESTIMENTO

O subcapítulo acerca dos Anos de Investimento irá apresentar os resultados que correspondem à terceira etapa de formação. Este contará com as experiências físicas e esportivas, assim como a influência dos componentes psicossociais que constituíram esta etapa da trajetória esportiva dos atletas de categorias de formação de clubes de reconhecimento no contexto brasileiro.

A figura 5 apresenta as informações sobre a quantidade de atividades físicas praticadas pelos atletas que compõe os participantes deste estudo durante os Anos de Investimento. Os resultados da pesquisa mostram que, durante a idade de 16 a 18 anos, a quantidade de atletas que praticavam dois tipos de atividades físicas foi de 37,50%, número este, similar ao encontrado em jovens que praticavam três atividades. Seguidos por aqueles que praticavam quatro ou mais atividades (22,22%) e somente (2,78%) praticavam somente uma atividade física. Nenhum jogador indicou que praticava nenhuma atividade, ou seja, todos os atletas praticavam no mínimo uma atividade entre esportes, jogos e brincadeiras, dança, luta ou ginástica durante os Anos de Especialização (Figura 5).

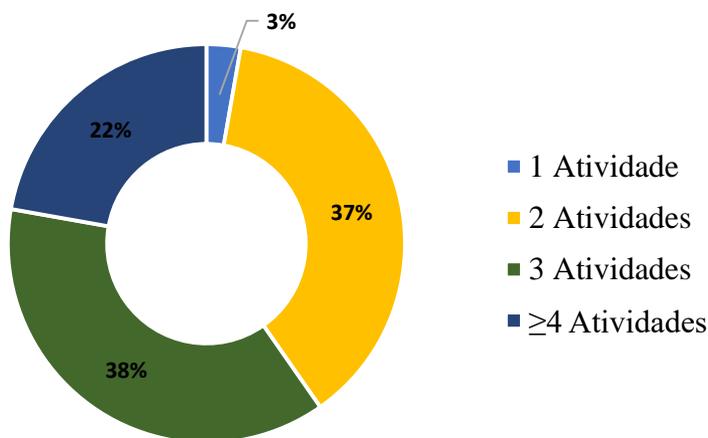


Figura 5. Quantidade de atividades físicas praticadas por atletas de voleibol das categorias de formação de clubes de reconhecimento nacional durante os Anos de Investimento (n=78).

A disposição dos participantes do estudo indica que essa foi uma etapa na qual existiu pouca diversificação quanto à prática de atividades, isto é, esportes, jogos e brincadeiras, dança, luta ou ginástica. Porém, deve ser considerado que devido aos critérios sugeridos para esta pesquisa, todos estariam envolvidos com a prática/treino de voleibol. Logo, indica-se um período que conta com pluralidade na prática de atividades físicas pelos atletas de voleibol das categorias de formação de clubes de reconhecimento nacional durante os Anos de Investimento.

Essa fase, para o Modelo de Desenvolvimento de Participação Esportiva, consiste na última fase da trajetória esportiva, na qual se inicia por volta dos 16 e se estende até os 18 anos de idade (COTÊ, 1999; COTÊ; HAY, 2002; COTÊ; BAKER; ABERNETHY, 2003), apresentando um comprometimento total com a modalidade alvo e refletindo na pouca variabilidade na prática de outras atividades. Dessa forma, os achados do presente estudo que indicam pouca diversificação na prática de atividades físicas corroboram com o modelo.

Acerca da diversidade de esportes experimentados, a Tabela 10 apresenta o tipo das atividades praticadas por atletas de voleibol durante os Anos de Investimento. Os resultados evidenciaram que 38,89% (n=28) praticavam somente voleibol, 37,50% (n=27) praticavam esta modalidade

acrescida de duas ou mais distintas e, 23,61% (n=17) praticava voleibol com um esporte a mais. Nenhuma atleta registrou ter praticado somente modalidade diferentes de voleibol nos Anos de Investimento (Tabela 10). Devido à falta de preenchimento da questão, seis atletas não foram incluídos na análise dessa variável.

Tabela 10. Tipo de esportes praticados por atletas de voleibol das categorias de formação de clubes de reconhecimento nacional durante os Anos de Investimento (n=72).

Variável	Total	
	n	%
Tipo de Esportes Praticados		
Voleibol	28	38,89
Voleibol + 1 modalidade	17	23,61
Voleibol + ≥2 modalidades	27	37,50
Modalidades ≠ de voleibol	0	0,0

Nota: n: frequência absoluta; %: frequência relativa.

Estes resultados sugerem que os atletas apresentam em sua maioria a prática de somente o esporte no qual é atleta, ou seja, o voleibol. Os dados corroboram quando confrontados com a teoria que embasa este estudo, bem como os estudos em contextos e modalidades distintas.

Em Portugal, 1170 atletas de basquetebol quando questionados ao tipo de esportes envolvidos nos Anos de Investimento, apontaram que mais de 90% praticou somente basquete. Este valor é superior ao encontrado com os participantes do presente estudo, entretanto, ambos verificam que maioria praticava somente a modalidade alvo (LEITE; SAMPAIO, 2012). Dessa forma, indica-se uma etapa com exclusividade para a prática da modalidade alvo em questão.

Da mesma forma, ao investigar os esportes praticados durante os Anos de Investimento por atletas de voleibol portugueses (COUTINHO et al, 2014), houve uma média de 1,1 ($\pm 0,4$) de modalidades, indicando assim, uma prática exclusiva à modalidade, algo que ratifica mais uma vez os achados do presente estudo.

Essa congruência contextual e esportiva pode ser justificada devido esta faixa de idade compreender a última fase do desenvolvimento esportivo na qual os anos de investimento, caracterizam-se pelo comprometimento e especialização do atleta em uma única modalidade esportiva, na qual busca-se o rendimento de elite por meio do desenvolvimento da técnica e tática, dessa forma, tornando-se elementos

com características centrais nesse período do esporte de alto rendimento (CÔTÉ, 1999; CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007; CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007). Além disso, um estudo com atletas de alto rendimento de voleibol masculino no Brasil apontou que nesta idade a maioria já apresenta remuneração e cobrança por desempenho (MARQUES et al, 2014), podendo ser um indicativo de seriedade e responsabilidade para com a modalidade.

Para treinadores de voleibol (MILISTETD et al, 2010) e para a base conceitual que guia este trabalho (CÔTÉ, 1999; CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007; CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007), esta fase tem como fundamento a dedicação exclusiva dos jovens praticantes para com o voleibol. Desta maneira, corroboram-se aos achados deste estudo, no qual demonstrou que ligeira maioria apresenta somente prática da modalidade alvo, isto é, voleibol, a teoria e os estudos apresentados em diferentes visões do contexto de formação de atletas.

A Tabela 11 apresenta a quantidade e o tempo de atividades estruturadas e não-estruturadas praticadas. Os achados referentes a quantidade, em média, de atividades estruturadas e não-estruturadas praticadas pelos atletas de voleibol das categorias de formação de clubes de reconhecimento nacional no contra turno escolar nos Anos de Especialização, apresentou diferença estatística, indicando maior quantidade de práticas de atividades estruturadas ($1,20 \pm 0,62$) quando comparadas as atividades não-estruturadas ($0,37 \pm 0,84$) ($p=0,000$). Sobre o tempo de atividades (Tabela 11), foi evidenciado diferença estatística, na qual houve maior quantidade de horas de atividades estruturadas ($16,28 \pm 0,91$) comparadas às horas em atividades não-estruturadas ($0,37 \pm 0,84$) ($p=0,000$).

Tabela 11. Quantidade e tempo de atividades estruturadas e não-estruturadas praticadas pelos atletas de voleibol das categorias de formação de clubes de reconhecimento nacional no contra turno escolar nos Anos de Investimento (n=78).

Variável	Média	DP±	p-valor
Quantidade de atividades			0,000
Estruturadas	1,20	0,62	
Não-estruturadas	0,37	0,84	
Tempo de atividades			0,000
Estruturadas	16,28	0,91	
Não-estruturadas	5,51	1,13	

Nota: DP: desvio padrão; p-valor extraído do teste t de student pareado; nível de significância adotado de 5%.

Dessa forma, os achados apontam para o predomínio de atividades de caráter do jogo deliberado sob as de prática deliberada tanto na quantidade quanto no tempo dessas práticas, indicando uma fase com oferecimento de treinamento intensivo e específico, corroborando com outras pesquisas empíricas sobre a temática e o modelo teórico adotado (CÔTÉ, 1999; MILISTETD et al, 2010; LEITE; SAMPAIO, 2012; COUTINHO et al, 2014; COUTINHO et al, 2016)

Ao investigar a quantidade de atividades esportivas realizadas por 60 jogadores de voleibol português (COUTINHO et al, 2016), encontrou-se diferença estatística entre a média de 1,6 ($\pm 0,9$) práticas de atividades estruturadas com a de 1,3 ($\pm 1,1$) de atividades não-estruturadas (1,3 $\pm 1,1$, em média), assim como os achados do presente estudo. Quando aferidas as horas dessas práticas, os estudos também se conciliam, para Coutinho et al (2016) a média encontrada do tempo das atividades estruturadas foi de 1750 ($\pm 897,1$) horas por ano, maior quando confrontadas as não-estruturadas (548 $\pm 109,0$ horas/ano).

Assim, os estudos corroboram, ao apresentar superioridade quanto ao número e ao tempo de práticas das atividades estruturadas comparado às não-estruturadas no Anos de Investimento. Logo, as características concordam com as informações do Modelo de Desenvolvimento da Participação Desportiva (CÔTÉ, 1999).

Na pesquisa de Leite e Sampaio (2012) com jogadores profissionais de basquete em Portugal, foi obtida a resposta de que mais de 90% dos atletas praticavam somente a modalidade alvo durante os Anos de Investimento. Além disso, em torno de 70%, tinham 240-300 minutos de sessões de treinamentos por semana. Tais achados se

relacionam com o presente estudo ao mostrar uma maior demanda de prática deliberada e divergem quanto ao tempo desse tipo de prática, na qual o presente estudo apresenta valores superiores.

Ao avaliar a quantidade de horas de treinamentos de 229 atletas de voleibol portugueses, Coutinho et al, (2014) verificou que, em média, a prática tinha aproximadamente 10,8 ($\pm 4,8$) horas por semana. Logo, este valor diverge do presente estudo, na qual são apresentados valores inferiores quando comparados aos participantes desta pesquisa.

Ao proporcionar treinamento para jovens Barbanti (2005) aponta que para esta faixa etária (15 anos para cima), deve-se praticar 12 horas de treinamento por semana, divergindo do atual estudo que apresentou valores superiores a este. Entretanto o autor, defende que estas quantidades de horas para sessões de treinamento devem ser corrigidas para indivíduos talentosos para o esporte, tendo em vista, a necessidade de maior dedicação para o esporte. Os achados quanto à quantidade e duração das práticas da terceira etapa da trajetória esportiva de jogadores de voleibol coincidem com a concepção de treinadores de voleibol “experts” brasileiros (MILISTETD et al, 2010). Assim, demonstra-se que os atletas devem ter uma alta capacidade técnica e duração relevante destinada aos treinamentos, para desta forma se prepararem para atingir o alto nível profissional. A prática deliberada, assim como o presente estudo, caracteriza-se pela estruturação do treino dos atletas, e tem como característica a necessidade de ser orientada para a otimização do desempenho, com conteúdo de treino a serem abordados conjuntamente nos Anos de Investimento (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007).

Tais resultados do presente estudo quando debatidos com o Modelo de Desenvolvimento de Participação Esportiva encontram-se com muitas similaridades na trajetória esportiva durante os Anos de Investimento. O modelo sugerido por Côté (1999) apresenta, nesta fase, o comprometimento total com a modalidade alvo por meio de uma prática deliberada, sistemática, com uma alta demanda de carga horária para o esporte. Dessa forma, abre-se mão das atividades lúdicas e não-estruturadas para a dedicação total a modalidade em questão (CÔTÉ, 1999; CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007; CÔTÉ, FRASER-THOMAS, 2007). Logo, estas informações são congruentes às encontradas nos atletas participantes do estudo, que mostraram um ter predomínio de atividades estruturadas em quantidade e em tempo de prática comparados às modalidades não-estruturadas nos Anos de Investimento. A trajetória, nesta fase, consiste assim no predomínio de treinamento para aperfeiçoamento tático, físico e de gestos técnicos (MILISTETD et al, 2010). Com isso, este achado se mostra pertinente a

faixa etária dos atletas, ao se tratar da última fase de desenvolvimento infanto-juvenil, na qual os atletas já estão entre 16 a 18 anos de idade.

Por fim, a Tabela 12 apresenta os graus de influência dos componentes psicossociais durante os Anos de Investimento dos participantes do estudo. Os achados referentes a influência dos pais/irmão/familiares no voleibol mostraram que 66,67% (n=46) dos atletas indicaram ser “Muito Alta”, 17,39% (n=12) ser “Alta”; 7,25% (n=5) ser “Moderado” e 4,33% (n=3) ser “Baixo”, valor similar aos que consideraram ser “Muito Baixo”. Já para as demais modalidades esportivas 33,33% (n=1) indicou ser “Muito Alta”, mesmo valor para os que consideraram ser “Alta” e também “Muito Baixo”, nenhum atleta apontou para um grau de influência “Moderado” ou “Baixo”.

Os jovens apontaram para a influência dos treinadores na qual 52,17% (n=36) ser “Muito Alta”, 28,99% (n=20) ser “Alta”, 11,59% (n=8) “Moderado”, 4,35% (n=3) “Muito Baixo” e 2,90% (n=2) ser “Baixo”. Já para as demais modalidades esportivas, 33,33% (n=1) indicou ser “Muito Alta”, mesmo valor para os que consideraram ser “Alta” e também “Muito Baixo”, nenhum atleta apontou para um grau de influência “Moderado” ou “Baixo”.

Por fim, considerando a influência dos amigos para a prática do voleibol, 49,28% (n=34) ser “Muito Alta”, 34,78% (n=24) ser “Alta”, 8,70% (n=6) “Moderado”, 4,35% (n=3) “Muito Baixo” e 2,90% (n=2) ser “Baixo”. Já para as demais modalidades esportivas, 33,33% (n=1) indicou ser “Muito Alta”, mesmo valor para os que consideraram ser “Alta” e também “Moderado”, nenhum atleta apontou para um grau de influência “Baixo” ou “Muito Baixo”. Todos os valores dos atletas de categorias de formação de voleibol de clubes de reconhecimento nacional durante Anos de Investimento apresentados na Tabela 12, estão apresentados sob a Escala *Likert*.

Tabela 12. Grau de influência dos componentes psicossociais de acordo com a modalidade praticada durante os Anos de Investimento de atletas das categorias de formação de clubes de reconhecimento nacional durante os Anos de Investimento (n=78).

Componentes Psicossociais	Grau de influência (n/%)		<i>p</i> -valor
	Voleibol	Demais modalidades esportivas	
Pais/Irmão/Familiares^a			0,232
1 - Muito Baixo	3(4,35)	1 (33,33)	
2 - Baixo	3 (4,35)	0 (0,00)	
3 - Moderado	5 (7,25)	0 (0,00)	
4 - Alto	12 (17,39)	1(33,33)	
5 - Muito Alto	46 (66,67)	1(33,33)	
Treinadores^a			0,287
1 - Muito Baixo	3 (4,35)	1 (33,33)	
2 - Baixo	2(2,90)	0 (0,00)	
3 - Moderado	8 (11,59)	0 (0,00)	
4 - Alto	20 (28,99)	1(33,33)	
5 - Muito Alto	36 (52,17)	1(33,33)	
Amigos^a			0,706
1 - Muito Baixo	3(4,35)	0 (0,00)	
2 - Baixo	2(2,90)	0 (0,00)	
3 - Moderado	6 (8,70)	1(33,33)	
4 - Alto	24(34,78)	1(33,33)	
5 - Muito Alto	34(49,28)	1(33,33)	

Nota: ^a variável mensurada pela escala Likert; *p*-valor extraído do teste qui-quadrado; nível de significância adotado 5%

Ao analisar as informações acerca do grau de influência dos componentes psicossociais no voleibol foi visto que grande parte dos atletas indicaram ter uma influência “muito alta” de todos os agentes psicossociais comparado as demais modalidades. Porém, é visto uma igualdade entre estes incentivadores na prática tanto da modalidade alvo, como para as demais nos Anos de Investimento.

Em estudos com atletas de esportes olímpicos (BARREIROS; CÔTÉ; FONSECA, 2013) ao analisar a influência dos componentes psicossociais durante a trajetória desvenda que, durante os Anos de

Investimento, 88% deles demonstraram ter tido o apoio dos pais nesta etapa da trajetória esportiva, ao passo que 76% tiveram a influência dos treinadores e para os amigos, foi considerada alta, pontuação na Escala *Likert*, pelos atletas. (BARREIROS; CÔTÉ; FONSECA, 2013). Assim, os achados corroboram ao presente estudo, com a influência dos agentes psicossociais refletida ao passo que grande parte indicou uma influência muito alta nos Anos de Investimento.

Outra pesquisa semelhante com o presente estudo foi realizada com atletas de voleibol portugueses (COUTINHO, 2014), e verificou que nessa fase a influência dos componentes psicossociais para os atletas foi de 89,0% pelos pais, 91,3% pelos amigos e 89,3% pelos treinadores. Verificou-se assim, que na trajetória esportiva a influência desses agentes, como apoiadores desse caminho, é fundamental nos Anos de Investimento.

Ao considerar o Modelo de Desenvolvimento da Participação Esportiva (CÔTÉ, 1999), os resultados são congruentes durante os Anos de Investimento, no qual os treinadores apresentam uma característica fundamental serem mais qualificados, conhecedores e orientadores para o desempenho (CÔTÉ et al, 2003; FRASER-THOMAS; CÔTÉ; DEAKIN, 2008a; FRASER-THOMAS; CÔTÉ; DEAKIN, 2008b). Os amigos, principalmente encontrados fora do contexto esportivo, são consideradas importantes fontes de apoio ao satisfazerem as necessidades emocionais e motivacionais do atleta (FRASER-THOMAS; CÔTÉ; DEAKIN, 2008a; KEEGAN et al, 2010; BARREIROS; CÔTÉ; FONSECA, 2013). E por fim, os pais, agentes fundamentais nesta fase, apresentam um papel de motivação para a continuidade no esporte (BARREIROS; CÔTÉ; FONSECA, 2013; CÔTÉ, 1999).

Porém, é importante ser evidenciado que os autores que indicam os pontos fortes desses agentes perante à motivação na trajetória esportiva também mostram o inverso, onde a realização de cobrança, assim como, pressão desses componentes psicossociais, durante os Anos de Investimento, podem acarretar em um retrocesso no progresso esportivo dos atletas (FRASER-THOMAS; CÔTÉ; DEAKIN, 2008a; KEEGAN et al, 2010).

Dessa forma, é fundamental a congruência desses três componentes para a evolução, manutenção e motivação dos jovens no esporte durante os Anos de Investimento, pois com a avaliação do grau de influência desses agentes nos participantes dessa pesquisa, foi possível indicar a importância conotada (moderado/alto) por eles durante sua formação.

De maneira geral, ao analisar as informações do presente estudo acerca das características relacionadas com a trajetória esportiva de atletas de categorias de formação de clubes de reconhecimento, durante os Anos de Investimento, foi visto um momento de especialização quanto ao número de atividades praticadas e também ao tipo de esporte que se executa. Logo, houve pouca diversidade de jogos e brincadeiras, dança, ginástica e lutas, com prática de somente uma modalidade, a considerada alvo (voleibol). Dentro dessas práticas, há o predomínio de atividades estruturadas em relação a quantidade e ao tempo praticado, corroborando com estudos empíricos sobre a temática além do Modelo de Desenvolvimento de Participação Desportivo (CÔTÉ, 1999). Ainda, o grau de influência dos componentes psicossociais parece ser estabelecido, pois assim como demais estudos e a teoria utilizada (CÔTÉ, 1999), foi visto um apoio mais acentuado desses agentes à modalidade alvo quando comparado às demais modalidades esportivas, mostrando um papel importantes dos agentes psicossociais durante os Anos de Investimento.

4.5 TRAJETÓRIA ESPORTIVA

Neste último subcapítulo foi elaborada a trajetória esportiva dos atletas de formação de clubes de reconhecimento do voleibol brasileiro. Foram comparadas as experiências físicas e esportivas, bem como o grau de incentivo dos componentes psicossociais durante a trajetória esportiva de formação, ou seja, Anos de Experimentação, Anos de Especialização e Anos de Investimento.

A Figura 6 apresenta a associação do número de atividades físicas praticadas dos atletas de voleibol durante sua trajetória esportiva, na qual foi encontrada diferença estatística entre as atividades realizadas nos Anos de Experimentação e Especialização com os Anos de Investimento ($p \leq 0,001$). Essa associação permitiu a constatação da diminuição da prática de quatro atividades ou mais comparadas à 3ª etapa de formação, concomitantemente ao aumento de atletas que praticavam uma ou duas modalidades. Ainda, foi indicada pela primeira vez a prática de somente uma atividade, o voleibol.

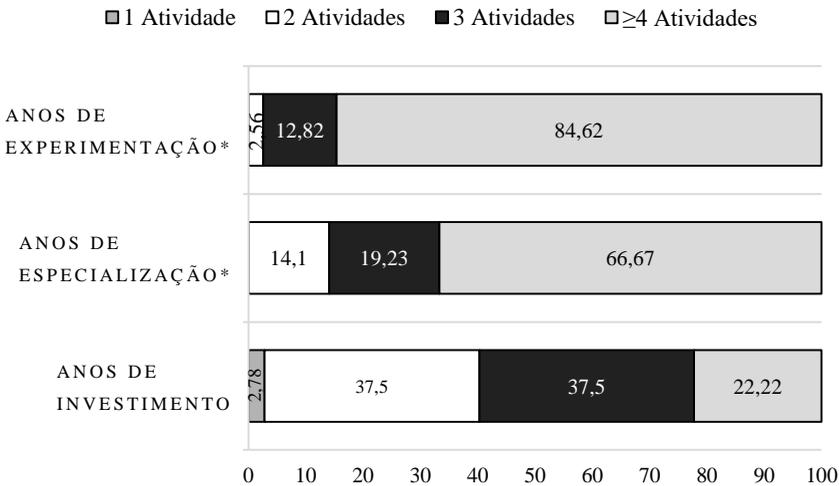


Figura 6. Associação do número de atividades físicas totais dos Anos de Investimento com as atividades praticadas pelos atletas de voleibol das categorias de formação de clubes de reconhecimento nacional durante as etapas da trajetória esportiva (n=288).

**p*-valor $\leq 0,001$

Assim, constatou-se que a trajetória esportiva dos participantes desta pesquisa foi um caminho feito por uma base constituída pela diversificação de atividades, ou seja, muitas experiências esportivas, de jogos e brincadeiras, danças, lutas e ginásticas. Com o passar das etapas (Anos de Especialização e Anos de Investimento) observou-se ainda a diminuição dos números dessas práticas, indicando uma especialização esportiva. Reforçando tal conclusão, os achados indicaram diferença estatística entre os Anos de Investimento comparado aos Anos de Experimentação e Especialização.

Estes resultados corroboram em estudos com atletas de basquete portugueses (LEITE; SAMPAIO, 2012) e com jogadores de voleibol do contexto português (COUTINHO et al. 2014). Dessa forma, nota-se uma etapa inicial preenchida de atividades físicas e esportivas. Na literatura científica, já está evidenciado a importância dessa diversificação nas etapas iniciais da trajetória esportiva, seja para o envolvimento no esporte a longo prazo apor meio da motivação intrínseca (CÔTÉ, LIDOR; HACKFORT, 2009; FRASER-THOMAS; CÔTÉ, 2009; FRASER-

THOMAS, et al, 2008a; 2008b), como aos aspectos cognitivos (HILL, 1993; MESQUITA; GRAÇA, 2002; MILISTETD et al, 2010). Além disso, Modesto e Rubio (2014) apontam que jogo e as brincadeiras por meio de atividades lúdicas favorecem a autoestima, atribuindo assim sentido palpável/evidenciado à prática efetuada. De fato, o esporte quando desenvolvido de forma positiva pode contribuir para elevar a autoestima, levando essa esfera a outros ambientes futuros (DANISH; FORNERIS; WALLACE, 2005).

Para Saad e colaboradores (2016), a escola é um dos primeiros espaços sociais frequentados por crianças, sendo ele responsável de maneira interdisciplinar que intervém nos seus hábitos. Ainda para os autores, neste contexto o papel da Educação Física consiste em oportunizar o jogo como o recurso infantil de seu desenvolvimento, formação e lazer, a qual é orientada pelos PCN (BRASIL, 2001) que enfatizam para as séries do Ensino Fundamental como o período favorável para as aprendizagens específicas de esporte, ginástica, dança e lutas. Desta maneira, a possibilidade das escolas terem uma atuação na diversificação de atividades nos Anos de Experimentação.

Os resultados do presente estudo corroboram com o modelo de Côté (1999) ao apresentar a trajetória esportiva de alto rendimento em um percurso no qual os Anos de Experimentação contemplam uma fase que comporta uma formação diversificada caminhando ao passar dos Anos de Especialização e Investimento para a especialização para a modalidade alvo.

A Tabela 13 apresenta a associação entre as fases da trajetória com os tipos de modalidades esportivas praticadas. Ao comparar a fase de Investimento com a fase de Experimentação, houve a chance de existir a prática de voleibol e outra modalidade de 9,88 (IC95%:1,09;89,23) maior, e de duas modalidades paralelamente ao voleibol de 47,68 (IC95%: 6,14;370,46) vezes maior do que apenas a modalidade alvo.

Por sua vez, quando confrontados os Anos de Especialização com os de Investimento, houve associação apenas para a prática de voleibol e duas modalidades ou mais, na qual indica que existe 7,52 (IC95%: 3,03;18,65) vezes mais chance de se optar por esta prática em detrimento de apenas o voleibol entre as fases mencionadas (Investimento vs Especialização) (Tabela 13).

Tabela 13. Associação entre as fases da trajetória com os tipos de modalidades esportivas de atletas das categorias de formação de clubes de reconhecimento nacional (n=72).

Variável	Investimento vs Experimentação		Investimento vs Especialização	
	RO (IC95%)	p-valor	RO (IC95%)	p-valor
Tipos de modalidades Esportivas		≤0,001		≤0,001
Voleibol	1,00		1,00	
Voleibol + 1 modalidade	9,88 (1,09;89,23)		1,23 (0,37;4,17)	
Voleibol + ≥2 modalidades	47,68 (6,14;370,46)		7,52 (3,03;18,65)	
Modalidades ≠ de voleibol	†		†	

Nota: RO: razão de odds; IC95%: Intervalo de confiança de 95%; †Valores sem observação na categoria de referência da análise.

Assim, os achados sugerem uma formação diversificada no que diz respeito a práticas esportivas durante os Anos de Experimentação e de Especialização, visto que foi identificada maior chance da prática de outras modalidades esportivas concomitantes ao voleibol na 1ª e 2ª Etapa de formação, quando confrontadas a 3ª Etapa de Formação. Assim, as experiências esportivas da trajetória esportiva analisadas neste estudo mostraram uma participação esportiva diversificada nos anos iniciais e uma especialização tardia no esporte alvo, o que é congruente com estudos realizados em esportes coletivos (LEITE; SAMPAIO, 2012; BARREIROS; CÔTÉ; FONSECA, 2013, COUTINHO et al, 2014; COUTINHO et al, 2015)

A idade de desenvolvimento de desempenho em esportes coletivos geralmente ocorre após o atleta ter amadurecido completamente, o que permite ao mesmo provar uma variedade de esportes antes de especializar-se no esporte principal (Anos de Especialização) e investir em treinamento da modalidade alvo (Anos de Investimento) (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007, CÔTÉ, LIDOR; HACKFORT, 2009; MILISTETD et al, 2010). Essas vivências podem levar a resultados positivos para o desenvolvimento esportivo a longo prazo, como altos níveis de motivação intrínseca e um firmamento de compromisso com esporte durante sua carreira esportiva (CÔTÉ, LIDOR; HACKFORT,

2009; FRASER-THOMAS; CÔTÉ, 2009; FRASER-THOMAS, et al, 2008a; 2008b)

O estudo de Leite e Sampaio (2012) com 1143 atletas portuguesas de diversos esportes olímpicos mostrou que o número de atividades esportivas além da modalidade alvo diminuiu significativamente à medida que avançavam em suas trajetórias esportivas, até se aproximaram do envolvimento direcionado a um único esporte. Ou seja, entre os 6 a 12 anos de idade, as crianças participaram em vários esportes, e quando estiveram perto dos 17 anos indicavam uma cultura da prática monoesportiva (LEITE; SAMPAIO, 2012). Dessa forma, esta pesquisa concorda com os resultados do presente estudo que indicam uma trajetória com inicialmente uma formação diversificada e, o encaminhamento para a prática de somente uma modalidade.

Os achados ainda corroboram quando confrontados com atletas de voleibol no contexto português (COUTINHO et al, 2015), os quais apontam para uma maior quantidade significativa de práticas esportivas nos Anos de Experimentação e Especialização comparados aos Anos de Investimento. Mais uma vez, sustenta-se a similaridades do presente estudo com o contexto português e com investigações de outras modalidades coletivas.

Treinadores de voleibol do contexto brasileiro (MILISTETD et al, 2010) confirmam que o voleibol é uma modalidade de especialização tardia. Além disso, a iniciação da sua prática sistemática é recomendada para a idade em torno de 13 anos, no início da adolescência, reiterando as indicações da literatura especializada (BOJKIAN et al, 2007; BIZZOCCHI, 2008; COUTINHO et al, 2014). Do mesmo modo, Milistetd et al (2010) mostram no seu estudo a preocupação dos treinadores em proporcionar aos atletas uma formação progressivamente mais especializada, tanto em referência às exigências da modalidade, quanto respeitando os estágios de desenvolvimento dos atletas, revelando em outra perspectiva, os achados do presente estudo.

Logo, os achados indicam um caminho no qual a especialização precoce pode não ser um requisito necessário para a especialização no voleibol (CÔTÉ, 1999; MILISTETD et al, 2010; LEITE; SAMPAIO, 2012; BARREIROS; CÔTÉ; FONSECA, 2013, COUTINHO et al, 2014; COUTINHO et al, 2015), o que deve levar os praticantes do esporte a considerar uma diversificação precoce como um caminho alternativo e mais usual para atingir um elevado nível de desempenho neste desporto. Dessa forma, a trajetória proposta por Côté (1999) é firmada, na qual baseia-se nos Anos de Experimentação práticas com ênfase na diversificação de atividades e esportes, passando pelos Anos de

Especialização, na qual já começa a especialização, e por fim, chegando nos Anos de Investimento em que ocorre a especialização para somente uma prática esportiva desejada.

Na investigação da quantidade de atividades estruturadas e não-estruturadas praticadas, foram observados valores significativamente superiores nas médias de atividades estruturadas no Anos de Experimentação quando comparadas as médias dos Anos de Especialização, ao passo que os valores foram significativamente inferiores na comparação com os Anos de Investimento (Tabela 14). Além disso, a média da quantidade das atividades não-estruturadas teve redução significativa nos Anos de Experimentação em relação as médias dos Anos de Especialização e Anos de Investimento. Por fim, essa redução se manteve entre os Anos de Especialização para os Anos de Investimento (Tabela 14).

Na análise do tempo de atividades estruturadas foi encontrado um aumento significativo entre os Anos de Experimentação quando comparados com os Anos de Especialização e os Anos de Investimento (Tabela 14). Entretanto, as médias do tempo das atividades não-estruturadas tiveram comportamento distinto, com redução significativa dos Anos de Experimentação e Especialização comparados aos Anos de Investimento.

Tabela 14. Quantidade e horas de práticas semanais de atividades estruturadas e não-estruturadas de atletas de voleibol das categorias de formação de clubes de reconhecimento nacional durante as fases da trajetória esportiva (n=78).

Variável	Anos de Experimentação	Anos de Especialização	Anos de Investimento
Quantidade de atividades			
Estruturadas	1,38 ($\pm 0,13$)	1,48 ($\pm 0,92$) ^a	1,20 ($\pm 0,62$) ^a
Não-estruturadas	1,78 ($\pm 0,15$)	1,01 ($\pm 0,12$) ^a	0,37 ($\pm 0,08$) ^{ab}
Tempo de atividades			
Estruturadas	11,68 ($\pm 1,18$)	14,60 ($\pm 1,07$) ^a	16,28 ($\pm 0,91$) ^a
Não-estruturadas	11,83 ($\pm 1,14$)	9,97 ($\pm 1,30$)	5,51 ($\pm 1,13$) ^{ab}

Nota: ^a diferença significativa com Anos de Experimentação ($p < 0,05$); ^b diferença significativa com os anos de Especialização ($p < 0,05$).

Os achados apontam para uma diminuição da quantidade de prática tanto estruturada quanto não-estruturada, reforçando a característica de

uma formação diversificada e caminhando para uma especialização durante a trajetória esportiva dos atletas participantes do estudo. Da mesma maneira, o tempo das atividades mostra uma diminuição das atividades não-estruturadas, entretanto, ocorrendo concomitantemente um aumento das atividades estruturadas. Logo, a trajetória esportiva destes atletas caminhou de uma base com caráter mais lúdico para um topo de altas cargas horárias previstas de sessões de treinamento.

Dessa maneira, os achados corroboram e ao mesmo tempo divergem com outras pesquisas empíricas sobre a temática e com o modelo teórico adotado (CÔTÉ, 1999; MILISTETD et al, 2010; LEITE; SAMPAIO, 2012; COUTINHO et al, 2016). O estudo de Coutinho et al. (2016) com atletas de voleibol de Portugal corroborou ao presente estudo por apresentar uma diminuição significativa quanto a quantidade de atividades estruturadas nos Anos de Experimentação comparados aos Anos de Especialização de Investimento. Entretanto, diverge ao não encontrar diferença estatística na quantidade de atividades não-estruturada durante as fases, visto que o presente estudo vê este valor diminuir significativamente com o passar das etapas de formação. Já com relação ao tempo de prática os estudos congruem ao fato dos jogadores acumularem mais horas de atividades estruturadas nos Anos de Especialização e Investimento comparado aos Anos de Experimentação e, também ao fato de acumularem mais horas de atividades não-estruturadas na 1ª etapa e 2ª etapa do que na 3ª etapa de formação.

Quando avaliado o tempo semanal de treinamento durante a trajetória esportiva de 1143 atletas de basquete portugueses (LEITE; SAMPAIO, 2012) constatou-se aumento significativo desta variável entre as etapas do percurso esportivo deles. Este achado corrobora com o presente estudo, no qual ambos mostram um aumento gradativo do tempo desta prática, indicando uma dedicação ao esporte, tendo em vista o aumento em horas da prática no decorrer de sua jornada esportiva.

Um estudo com treinadores de voleibol experts do contexto brasileiro de Milistetd et al, (2010) mostrou que as percepções dos mesmos acerca da trajetória esportiva de atletas de voleibol baseiam-se em uma a passagem gradual de uma prática baseada no jogo deliberado e na vivência de experiências motoras diversificadas. Eles apontam que tais experiências são com ênfase no desenvolvimento das capacidades coordenativas, para uma prática deliberada, estruturada em referência às prerrogativas de rendimento, na qual o comprometimento com a modalidade é intensificado (MILISTETD et al, 2010). Assim os achados do presente estudo encontram similaridade com tais achados, por ser visto na trajetória dos atletas de voleibol de categorias de formação de clubes

de reconhecimento nacional um aumento da prática deliberada concomitantemente a diminuição do jogo deliberado durante a trajetória esportiva.

Os resultados do presente estudo confrontados com a base teórica que encabeça esta pesquisa (CÔTÉ, 1999) apresentam similaridades no momento em que apontam para a diminuição da quantidade de práticas estruturadas e não-estruturadas durante o percurso dos Anos de Experimentação com o decorrer da trajetória até chegar aos Anos de Investimento, em que sugerem somente uma prática esportiva.

Quando abordado o tempo das práticas realizadas, foi possível observar algumas divergências, pois Côté (1999) sugere na 1ª Etapa de Formação uma alta demanda de jogo deliberado mais visível à prática deliberada, com o transcorrer da trajetória tendendo a um equilíbrio entre as duas vivências (2ª Etapa de Formação), chegando por fim na 3ª Etapa de Formação, na qual existe uma exigência esportiva integral relacionado à prática deliberada. Estas características divergem do presente estudo, pois se encontrou na trajetória esportiva dos participantes dessa pesquisa um aumento significativo na quantidade de horas de prática deliberada somente dos Anos de Especialização e Investimento quando comparados aos Anos de Experimentação. Houve nessa comparação uma diminuição significativa apenas de tempo jogo deliberado na 3ª Etapa de Formação quando confrontadas a 2ª e 1ª Etapa. Assim, foi verificado um equilíbrio referente as horas de prática deliberada entre os Anos de Especialização e Investimento e, uma estabilidade no jogo deliberado entre os Anos de Experimentação e Especialização.

Este fato pode ser atribuído à iniciação prematura das sessões de treinamento no contexto brasileiro (a partir dos 13 anos), reflexo de fatores culturais e socioambientais, seja pela crença dos pais com uma iniciação esportiva sistematizada precoce, ou por meio das características da região de nascimento. Já com relação à continuidade de jogo deliberado nos Anos de Experimentação e Especialização, os achados podem estar relacionados ao ambiente social e familiar envolvidos nesta fase pelos participantes do estudo, indicando um período que tenha estímulo de atividades lúdicas.

Pode ser visto assim, que os atletas de categorias de formação no voleibol de clubes de reconhecimento nacional apresentam uma trajetória esportiva no que tange a quantidade e o tempo de atividades estruturadas e não-estruturadas levemente distintos aos apresentados por Côté (1999),

(desempenho de elite com uma base de diversificação ou por meio de uma especialização precoce). Desta maneira, o contexto brasileiro possui indicativos de características sociais e esportivas próprias no processo de formação esportiva.

Na Tabela 15, foram apresentadas as informações referentes a associação entre as fases da trajetória esportiva com as categorias do grau de influência dos componentes psicossociais de acordo com as modalidades praticadas dos participantes do estudo. Constatou-se uma associação entre o grau de influência no voleibol dos pais/irmão/familiares nos Anos de Investimento quando comparadas aos Anos de Experimentação e Especialização.

O grau de influência dos pais na trajetória no voleibol (Tabela 15) mostrou uma redução na categoria “Moderado” entre os Anos Especialização, e um aumento do “Muito Alto” entre os anos de Experimentação e Especialização com os de Investimento. Quando analisado o grau de influência dos treinadores na modalidade de voleibol, houve uma redução na categoria “Moderado” e aumento na categoria “Muito Alto” nos Anos de Experimentação comparados com os Anos de Investimento (Tabela 15).

Tabela 15. Associação entre as fases da trajetória esportiva com o grau das influências dos componentes psicossociais de acordo com a modalidade praticada por atletas das categorias de formação de clubes de reconhecimento nacional (n=78).

Componente Psicossocial	Voleibol (n/%)			<i>p</i> -valor	Demais modalidades esportivas (n/%)			<i>p</i> -valor
	Anos de Experimentação	Anos de Especialização	Anos de Investimento ^a		Anos de Experimentação	Anos de Especialização	Anos de Investimento ^a	
Pais/Irmão/Familiares^a				≤0,001				0,866
1 - Muito Baixo	4 (10,26)	2 (2,90)	3 (4,35)		2 (8,70)	1 (20,00)	1 (33,33)	
2 - Baixo	4 (10,26)	8 (11,59)	3 (4,35)		2 (8,70)	1 (20,00)	0 (0,00)	
3 - Moderado	11 (28,21)	20 (28,99)*	5 (7,25)		5 (21,74)	0 (00,00)	0 (0,00)	
4 - Alto	10 (25,64)	15 (21,74)	12 (17,39)		10 (43,48)	2 (40,00)	1 (33,33)	
5 - Muito Alto	10 (25,64)*	24 (34,78)*	46 (66,67)		4 (17,39)	1 (20,00)	1 (33,33)	
Treinadores^a				≤0,001				0,862
1 - Muito Baixo	2 (5,13)	3 (4,35)	3 (4,35)		2 (8,70)	1 (20,00)	1 (33,33)	
2 - Baixo	10 (25,64)*	7 (10,14)	2 (2,90)		3 (13,04)	0 (00,00)	0 (0,00)	
3 - Moderado	13 (33,33)	19 (27,54)	8 (11,59)		6 (26,09)	1 (20,00)	0 (0,00)	
4 - Alto	10 (25,64)	18 (26,09)	20 (28,99)		6 (26,09)	0 (00,00)	1 (33,33)	
5 - Muito Alto	4 (10,26)*	22 (31,88)	36 (52,17)		6 (26,09)	3 (60,00)	1 (33,33)	
Amigos^a				≤0,001				0,430
1 - Muito Baixo	2 (5,13)	3 (4,35)	3 (4,35)		3 (13,04)	0 (00,00)	0 (0,00)	
2 - Baixo	11 (28,21)	6 (8,79)	2 (2,90)		4 (17,39)	0 (00,00)	0 (0,00)	
3 - Moderado	15 (38,46)*	28 (40,5)	6 (8,70)		6 (26,09)	3 (60,00)	1(33,33)	
4 - Alto	7 (17,95)	17 (24,64)	24 (34,78)		6 (26,09)	1 (20,00)	1(33,33)	
5 - Muito Alto	4 (10,26)*	2 (2,90)*	34 (49,28)		4 (17,39)	1 (20,00)	1(33,33)	

Nota: Nível de significância das variáveis extraído do teste de regressão logística multinomial e das categorias extraído dos intervalos de confiança de 95% (IC95%)(*); ^a Variável de referência na análise de regressão multinomial.

Por fim, o grau de influência amigos para o voleibol apresentou redução significativa na categoria de “Moderado” nos Anos de Experimentação e aumento da categoria “Muito Alto” nos Anos de Experimentação e Especialização comparados aos Anos de Investimento (Tabela 15). Para as demais modalidades praticadas pelos atletas investigados não houve associação entre as fases da trajetória esportiva com o grau de influência dos componentes psicossociais.

Isto mostra que com o passar das fases da trajetória esportiva dos atletas de voleibol das categorias de formação de clubes de reconhecimento nacional, houve um aumento significativo dos atletas que indicavam uma influência muito alta dos componentes psicossociais, enquanto para as demais modalidades esses indicadores se mantiveram constantes, ocorrendo este fato em todos os componentes psicossociais. Isto pode ser atribuído ao fato dos participantes do estudo terem sido inscritos na federação de seus estados aos 13 anos de idade, ato que indica um caráter competitivo da prática e um compromisso com a modalidade.

De acordo com a MDPD (CÔTÉ, 1999, CÔTÉ et al, 2003, 2007) e pesquisas empíricas anteriores (BARREIROS; CÔTÉ; FONSECA, 2013; FRASER-THOMAS; CÔTÉ, 2009; FRASER-THOMAS et al, 2008a.), este estudo sugere que os pais, treinadores e colegas desempenharam um papel importante em todo o desenvolvimento do atleta.

De acordo com a literatura científica da área (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2003; BARREIROS; CÔTÉ; FONSECA, 2013; COUTINHO, 2014) e o Modelo de Desenvolvimento de Participação Desportiva (CÔTÉ, 1999), assim como este estudo mostra que os pais, treinadores e amigos tiveram um moderado grau de influência durante toda a trajetória esportiva, apensar de encontrar pequenas divergências a algumas pesquisas referente a crescente do apoio durante este caminho.

Os achados referentes a influência dos treinadores durante a trajetória esportiva de atletas corroboram com o estudo de Coutinho (2014), no qual foi verificado um aumento significativo da influência dos treinadores na modalidade alvo ao longo da trajetória de atletas de voleibol portugueses. Entretanto, divergindo do estudo com 42 atletas olímpicos portugueses (BARREIROS; CÔTÉ; FONSECA, 2013), foi vista uma constante a influência dos treinadores ao longo das etapas de sua trajetória esportiva na percepção dos atletas. Desta maneira, em ambos os estudos constatou-se o alto grau de importância dada a este agente psicossocial para a trajetória esportiva dos atletas.

Para Côté, Baker e Abernethy (2003) e Fraser-Thomas, Côté e Deakin (2008a) a função dos treinadores nos primeiros anos da trajetória

dos atletas é proporcionar uma introdução lúdica ao esporte, além da diversificação de práticas e facilitação desenvolvimento global. A entrada no esporte organizado é considerada um momento estressante para uma criança, e por isso este ambiente motivacional e alegre oferecido pelo treinador pode fornecer experiências iniciais positivas e cativantes, refletindo para um envolvimento prolongado no esporte. Com o passar dos anos essa característica de referência vai sendo atribuída para pessoas mais qualificadas e conhecedora acerca da modalidade, que orientem para o aumento do desempenho dos atletas (CÔTÉ et al, 2003; FRASER-THOMAS; CÔTÉ; DEAKIN, 2008a; FRASER-THOMAS; CÔTÉ; DEAKIN, 2008b).

Os pais/irmão/familiares tem atuação fundamental durante a trajetória esportiva dos atletas, por poderem proporcionar condições possíveis para o envolvimento do esporte de seus filhos, oportunizando esta prática com todos os recursos necessários (FRASER-THOMAS; CÔTÉ; DEAKIN, 2008b; BARREIROS; CÔTÉ, FONSECA, 2013; COUTINHO, 2014). Tais recursos podem ser o suporte financeiro, equipamentos, transporte de e para sessões e competições de treinamento (FRASER-THOMAS; CÔTÉ; DEAKIN, 2008b; BARREIROS; CÔTÉ, FONSECA, 2013; COUTINHO, 2014). Este tipo de apoio é considerado uma condição prévia para um envolvimento sustentável e comprometido com o esporte precocemente, o qual constrói uma base sólida para um envolvimento prolongado na prática esportiva e desenvolvimento de talentos (FRASER-THOMAS; CÔTÉ; DEAKIN, 2008b; CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2003).

Por sua vez, o estudo acerca da influência dos pais/irmão/familiares de Barreiros, Côté e Fonseca (2013) não encontrou diferença estatística em relação a influência desses componentes em nenhuma das três fases (Anos de Experimentação, Anos de Especialização e Anos de Investimento) durante a trajetória esportiva de atletas de diversos esportes olímpicos. Logo, foi divergente do presente estudo, que encontrou maior apoio desses agentes nos Anos de Investimento quando comparado as outras duas fases anteriores, entretanto, deve-se considerar que em ambos os estudos foram constatadas a importância na atuação deste componente psicossocial no caminho para se tornar um atleta.

Os pais por sua vez, tem atuação fundamental durante a trajetória esportiva dos atletas, por poderem proporcionar condições possíveis para o envolvimento do esporte de seus filhos, oportunizando esta prática com todos os recursos necessários (FRASER-THOMAS; CÔTÉ; DEAKIN, 2008b; BARREIROS; CÔTÉ, FONSECA, 2013; COUTINHO, 2014).

Tais recursos podem ser o suporte financeiro, equipamentos, transporte de e para sessões e competições de treinamento (FRASER-THOMAS; CÔTÉ; DEAKIN, 2008b; BARREIROS; CÔTÉ, FONSECA, 2013; COUTINHO, 2014). Este tipo de apoio é considerado uma condição prévia para um envolvimento sustentável e comprometido com o esporte precocemente, o qual constrói uma base sólida para um envolvimento prolongado na prática esportiva e desenvolvimento de talentos (FRASER-THOMAS; CÔTÉ; DEAKIN, 2008b; CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2003).

Por fim, a influência de amigos foi vista na pesquisa com atletas de esportes olímpicos (BARREIROS; CÔTÉ; FONSECA, 2013) de maneira diferente do presente estudo, ao não encontrar diferença estatística no grau de influência dos amigos ao comparar os anos da trajetória esportiva dos atletas. Por outro lado, os estudos (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2003; FRASER-THOMAS; CÔTÉ; DEAKIN, 2008a) convergem ao apontar um papel importante deste agente psicossocial nas fases dos atletas. Já a pesquisa de Coutinho (2014) corroborou com o presente estudo ao verificar aumento significativo da influência dos amigos dos Anos de Experimentação até os Anos de Investimento, assim, destacando o importante papel dos amigos em toda a trajetória esportiva de atletas de voleibol portugueses.

Desta maneira, fica evidente a importância da função dos amigos em toda a trajetória do atleta (CÔTÉ, 2002; CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2003; FRASER-THOMAS; CÔTÉ; DEAKIN, 2008a; BARREIROS; CÔTÉ; FONSECA, 2013). Para Coutinho (2014) e Fraser-Thomas, Côté e Deakin (2008a), os amigos são a razão para começar a jogar algum esporte, além de interferir na manutenção da motivação e engajamento à prática. Para tanto, a filiação com outras pessoas e o desenvolvimento de relações sociais positivas como principais motivos secundários ao interesse da criança para permanecer no esporte (FRASER-THOMAS; CÔTÉ; DEAKIN, 2008a).

Assim, o presente estudo mostrou o aumento de grau de influência dos componentes psicossociais na qual houve maior prevalência de atletas que indicaram ser “muito alta” em todos os componentes, este valor foi tendo um crescente comparados aos Anos de Especialização. Essa situação corrobora com algumas pesquisas da literatura da área (CÔTÉ, 2002; CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2003; FRASER-THOMAS; CÔTÉ; DEAKIN, 2008a; BARREIROS; CÔTÉ; FONSECA, 2013, que apontam como fundamental o papel dos pais/irmão/familiares, treinadores e amigos na trajetória esportiva para inserção, manutenção e expertise no esporte.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo da trajetória esportiva de atletas das categorias de formação de clubes de reconhecimento nacional no voleibol indicou pistas acerca do percurso por meio da prática diversificada até chegar a altos índices de prática deliberada, com experimentação de uma gama de esportes à prática formal do voleibol, assim como o grau de incentivo dos componentes psicossociais durante o processo da formação dos atletas.

Até os 12 anos de idade, os atletas indicaram uma formação diversificada, na qual passaram por uma alta quantidade de experimentação de atividades, assim como o conhecimento de inúmeras práticas esportivas. Além disso, houve um equilíbrio entre as atividades estruturadas e não-estruturadas, e um grau de incentivo similar de todos os componentes psicossociais nesta etapa de sua formação.

Nos Anos de Especialização, os atletas já indicaram altos índices de prática deliberada sob o jogo deliberado, ao passo que existiram altos índices de práticas de atividades físicas e esportivas nesta etapa. Assim como nos Anos de Experimentação, os componentes psicossociais se mantiveram fundamentais na trajetória esportiva dos atletas desta pesquisa.

Ao verificar as experiências em atividades físicas e esportivas e os componentes psicossociais no período nos Anos de Investimento, foi possível identificar uma etapa regada de prática deliberada (alta demanda de tempo) como especializada (prática de forma sistematizada de, praticamente, só o voleibol), indicando uma fase de especialização dos atletas. Foi possível, observar também, um grau de influência dos pais/irmão/familiares, treinadores e amigos acima das demais fases.

Na comparação entre as experiências em atividades físicas e esportivas durante as Etapas de formação da trajetória dos atletas constatou-se os Anos de Experimentação caracterizados pela diversificação de atividades e esportiva, assim durante sua trajetória havendo uma especialização no voleibol nos Anos de Investimento. Tal fato, também observou-se na quantidade de atividades estruturadas e não-estruturadas na qual houve maiores índices na fase inicial e uma diminuição desses valores até a última fase.

Contudo o tempo das atividades viu-se um aumento no que tange as estruturadas da 1º para a 2º fase se mantendo similar para a 3º fase. Esse aumento ocorreu em detrimento das atividades não-estruturadas na qual houve uma diminuição em cada etapa de formação priorizando a prática deliberada nos Anos de Investimento para a busca da expertise no esporte.

O grau de influência dos componentes psicossociais para a modalidade voleibol houve um aumento conforme o avançar da idade dos atletas, já para as demais modalidades esportivas se manteve constate durante toda a trajetória esportiva dos participantes do estudo. .

O trabalho ajudará a elucidar sobre a temática abordada para cientistas indicando possíveis estudos e auxiliando futuros estudos acerca da trajetória esportiva de atletas, sobretudo, no contexto brasileiro da modalidade voleibol assim como para as demais modalidades esportivas.

Uma das limitações encontradas do estudo está no delineamento, por se tratar de um estudo transversal que investigou a trajetória, sendo que uma alternativa seria o acompanhamento longitudinal para examinar a microestrutura de diferentes atividades experimentadas nas fases. Por outro lado, o estudo transversal permitiu investigar clubes de formação de referência nacional, contemplando diferentes escolas e permitindo uma extrapolação dos dados para o cenário nacional. Com isso, foi apresentado um panorama da trajetória esportiva destes atletas, tendo em vista a quantidade considerável de participantes da pesquisa.

A pesquisa contribui ao elucidar alguns questionamentos acerca da formação de atletas no contexto brasileiro sobre voleibol, possibilitando a atletas, clubes e federações pistas acerca dessa trajetória. Dessa forma, sugere-se que em próximas pesquisas utiliza-se a combinação de metodologias quantitativas e qualitativas a fim de proporcionar importantes pontos de vista para este campo de investigação com uma abordagem valiosa para analisar e explicar a trajetória esportivas de atletas de forma mais profunda e contextualizada.

Por fim, este estudo pode contribuir com federações, clubes e locais de iniciação esportiva da modalidade, auxiliando no recrutamento e em programas de formações de atletas e, sobretudo, agregar reflexões sobre as ações em programas de formação esportiva mais direcionadas no que diz respeito a idade de início à modalidade, as experiências esportivas, a quantidade de horas na qual crianças estão expostas na sua trajetória e relações interpessoais durante seu desenvolvimento.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBOTT, A.; COLLINS, D. A Theoretical and Empirical Analysis of a 'State of the Art' Talent Identification Model. **High Ability Studies**, v.13, n.2, 2002.

BAILEY, R. P.; MORLEY, D. Towards a model of talent development in physical education. **Sport, Education and Society**, v.11, n. 3, p. 211-230. 2006.

BAKER, J.; CÔTÉ, J.; ABERNETHY, B. Sport specific training, deliberate practice and the development of expertise in team ball sports. **Journal of Applied Sport Psychology**, Londres, v. 15, jun. 2003a. p.12-25.

BAKER, J.; CÔTÉ, J.; ABERNETHY, B. Learning from the experts: practice activities of expert decision makers in sport. **Research Quarterly for Exercise and Sport**, v.74, n.3. 2003b. p.342-347.

BAKER, J.; CÔTÉ, J.; DEAKIN, J. Expertise in ultra-endurance triathletes early sport involvement, training structure, and the theory of deliberate practice. **Journal of Applied Sport Psychology**, v.17. 2005. p.64-78.

BARBANTI, V.J. **Formação de esportistas**. Barueri (SP): Manole, 2005.

BARREIROS, A.; CÔTÉ, J.; FONSECA, A.M. Training and psychosocial patterns during the early development of Portuguese national team athletes. **Journal High Ability Studies**. v.24, n.1. 2013.

BENTO, J. **Desporto: discurso e substância**. Belo Horizonte (MG): Instituto Casa da Educação Física, 2013.

BERRIA et al, Seleção dos Informantes. In.: DOS SANTOS, S. G.; MORETTI-PIRES, R. O. (Orgs) **Métodos e técnicas de pesquisa qualitativa aplicada à Educação Física**. Florianópolis (SC): editora Tribo da Ilha. v.1. 2012. p.157-169

BERRY, J., ABERNETHY, B., CÔTÉ, J. The Contribution of Structured activity and Deliberate Play to the Developmental of Expert

Perceptual and Decision-Making skill. **Journal of Sport & Exercise Psychology**. n.30. 2008. p.685-708.

BETTEGA, O. B. et al, Formação de jogadores de futebol: princípios e pressupostos para composição de uma proposta pedagógica. **Revista Movimento**. Porto Alegre (RS), v.21, n.3, jul/set. 2015a. p.791-801.

_____. Pedagogia do esporte: o jogo como balizador na iniciação ao Futsal. **Revista Pensar a Prática**, Goiânia (GO): v.18, n.2, p.1-10, 2015b.

BIZZOCCHI, C. **O voleibol de alto nível**. 3ªed. Barueri: Manole (SP), 2008.

BÖHME, M. T. S. Talento esportivo. In: TANI, G.; GAYA, A; MARQUES, A. (Org). **Desporto para crianças e jovens: razões e finalidades**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

_____. **Esporte infantojuvenil**. São Paulo: Phorte, 2011

BOJIKIAN, J. C. M. **Ensinando voleibol**. Guarulhos: Phorte Editora (SP): 1999.

BOJIKIAN, J. C. M. et al, Talento esportivo no voleibol feminino do brasil: Maturação e iniciação esportiva. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**. São Paulo (SP), v. 6, n. 3, p.179-187. 2007.

BOJIKIAN, L.P. **Processo de formação de atletas de voleibol feminino**. 2013. Tese (doutorado em Educação Física) - Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Carlos (SP), 2013.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física / Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília: MEC/SEF, 2001, p. 13, 38, 81.

BRUNER, et al, Na appraisal of athlete developmental models through citation network analysis. **Psychology of Sport and exercise**. v.11, p.133-139. 2010.

CASSEPP-BORGES, V.; BALBINOTTI, M. A. A.; TEODORO, M. L. M. Tradução e validação de conteúdo: uma proposta para a adaptação de instrumentos. In: PASQUALI, L. (Ed.). **Instrumentação Psicológica: fundamentos e práticas**. Porto Alegre: ARTMED, 2009. p.506-520.

COLLET, C. 2015. **Questionário sobre a formação esportiva de atletas de elite do voleibol**, p.60. Localizado em: Projeto de tese de doutorado do Programa de Pós-graduação em Educação Física/Universidade Federal de Santa Catarina.

CÔTÉ, J. The influence of the family in the development of talent in sport. **The Sport Psychologist**, v. 13, p. 395-417, 1999.

_____. Coach and peer influence on children's development through sport. In.: SILVA, J.M.; STEVENS, D. (Eds.), **Psychological foundations of sport**. Boston (MA): Allyn and Bacon. (pp.520-540). 2002.

_____. Pathways to expertise in team sport. In: NASCIMENTO, J. V.; RAMOS, V.; TAVARES, F. (Orgs.). **Jogos Desportivos: formação e investigação**. Florianópolis (SC): Editora UDESC, v.4, p. 59-79, 2013.

CÔTÉ, J.; ABERNETHY, B. A developmental approach to sport expertise. In: MURPHY, S. (Ed). **The Oxford Handbook of Sport and Performance Psychology**. New York: Oxford University Press. p. 435-447, 2012.

CÔTÉ, J.; BAKER, J.; ABERNETHY, B. Practice and Play in the Development of Sport Expertise. In.: EKLUND, R.; TENENBAUM, G. (Eds.). **Handbook of Sport Psychology**. 3ª Ed. Hobken: Wiley. p. 184-202. 2007.

_____. From play to practice: a developmental framework for the acquisition of expertise in team sport. In: STARKES, J.; ERICSSON, K.A. (Eds.), **Expert performance in sports: Advances in research on sport Expertise**. 2003. p.89-113.

CÔTÉ, J.; ERICKSON, K. Diversification and deliberate play during the sampling years. In: BAKER, J.; Farrow, D. (Eds.). **The handbook of sport expertise**. London: Routledge. p.305-317, 2015.

CÔTÉ, J., ERICKSON, K.; ABERNETHY, B. Play and practice during childhood. In CÔTÉ, J; LIDOR, R. (Eds.), **Conditions of children's talent development in sport**. 2013. p.9-20.

CÔTÉ, J.; FRASER-THOMAS, J. Youth involvement in sport. In: CROCKER P. (Ed.), **Sport Psychology: A Canadian Perspective**. Toronto: Pearson. p.270-298, 2007.

CÔTÉ, J.; HAY, J. Family influences on youth sport participation and performance. In: SILVA, J. M.; STEVENS, D. (Eds.), **Psychological foundations of sport**. Boston: Allyn and Bacon, p.503-519, 2002.

CÔTÉ J.; LIDOR R.; HACKFORT D D. position stand: to sample or to specialize? seven postulates about youth sport activities that lead to continued participation and elite performance. **International Journal of Sport and Exercise Psychology**. v.9. 2009. p.7-17.

CÔTÉ, J.; MURPHY-MILLS, J.; & ABERNETHY, B. The development of skill in sport. In N. Hodges & A. M. Williams (Eds.), **Skill acquisition in sport - research, theory and practice**. Nova Yorke: Routledge, p. 269-286. 2012.

CÔTÉ, J.; STRACHAN, L.; FRASER-THOMAS, J. Participation, personal development, and performance through sport. In: HOLT, N. L. (Ed), **Positive Youth Development Through Sport**. Londres: Routledge. p.34-45, 2008.

CÔTÉ, J.; TURNNIDGE, J.; EVANS, M.B. the dynamic process of development through sport. **Kinesiologia Slovenica**, v. 20, n. 3, p. 14–26. 2014.

CÔTÉ, J. et al, Athlete development and Coaching. In.: LYLE, J.; CUSHION, C., (Eds.), **Sports coaching: Professionalisation and practice**. Elsevier: Oxford, p.63-85, 2010.

COUTINHO, P. **O percurso para a Excelência no Desporto: Estudo Retrospectivo de Fatores de Treino e Psicossociais em Voleibolistas Portugueses**. Tese (Doutorado em Ciência do Desporto) – Centro de Investigação e Inovação da Universidade do Porto, Porto (Portugal), 2014.

COUTINHO, P. et al, Patterns of Sport Participation in Portugueses Volleyball Players According to Expertise Level and Gender. **International Journal of Sports Science & Coaching**. v.9, n.4. 2014. p. 579-592.

_____. Early development in volleyball: the role of early sport activities and players' age and height. **Kinesiology**, v.4, n.2. 2015. p.215-225.

_____. How structured and unstructured sport activities aid the development of expertise in voleyball players. **Psychology of Sport and Exercise**. v.25, p. 51-59. 2016.

DANISH, S. J.; FORNERIS, T.; WALLACE, I. Sport-Based Life Skills Programming in the Schools. **Journal of Applied School Psychology**, v. 21, n. 2, p. 41–62, 2005

DANISH, S. J.; PETITPAS, A. L.; HALE, B. D. Life development intervention for athletes: Life skills through sports. **The Counselling Psychologist**, v.21, p.352-385. 1993.

DAVIDS, K.; BAKER, J. Genes, environment and sportperformance: why the nature-nurture dualism is no longer relevant. **Sports Medicine**. v.37, p.1–20. 2007

FRASER-THOMAS, J.; CÔTÉ, J. Structured sports and physical activities: Their critical role. **Physical and Health Education Journal**, v.74, n.1, p.27-29. 2008.

FRASER-THOMAS, J.; CÔTÉ, J. Understanding Adolescents' Positive and Negative Developmental Experiences in Sport. **The Sport Psychologist**, v. 23. 2009. p.3-23.

FRASER-THOMAS, J.; CÔTÉ, J. & DEAKIN, J. Examining Adolescent Sport Dropout and Prolonged Engagement from a Developmental Perspective. **Journal of Applied Sport Psychology**. n.20, v.3, p. 318-333. 2008a. p. 318-333.

_____. Understanding dropout and prolonged engagement in adolescent competitive sport. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 9, p. 645-662. 2008b.

FRASER-THOMAS, J.; STRACHAN, L.; JEFFERY-TOSONI, S. Family Influence on Children's Involvement in Sport. In. : CÔTÉ, J.; LIDOR, R. (Eds.), **Conditions of Children's Talent Development in Sport**. Morgantown: Fitness Information Technology. 2013. p. 179-196.

FORD, P.R. et al, The role of deliberate practice and play in career progression in sport: The early engagement hypothesis. **High Ability Studies**. v. 20, p.67-75. 2009.

FONSECA, G. M. M.; STELA, E. S. Família e esporte:A influencia parental sobre a participação dos filhos no futsal competitivo. **Revista Kinesis**. v. 33, n. 2, Jul-Dez 2015. p. 41 – 60.

GAIA, A.; MARQUES, A.; TANI, G. **Desporto para crianças e jovens: razões e finalidades**. Porto alegre: Editora UFRGS, 2008.

GALATTI, L. R. **Pedagogia do esporte**: esporte e clube sócio esportivo: percurso, contextos e perspectivas a partir de estudo de caso em clube esportivo espanhol. 2010. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas (SP), 2010.

GALATTI, L. R.; PAES, R.; R., DARIDO, S.; C. **Pedagogia do Esporte**: livro didático aplicado aos Jogos Esportivos Coletivos. **Motriz**. Rio Claro (SP), v.16, p.751 - 761, 2010.

GALATTI, L. R. et al, **Pedagogia do esporte: tensão na ciência e o ensino dos jogos esportivos coletivos**. **Revista da Educação Física/UEM**. Maringá (PR), v.25, n. 1. 2014.

GARGANTA, J. Para uma teoria dos jogos desportivos coletivos. In: GRAÇA, A.; OLIVEIRA, J. (Eds). **O ensino dos jogos desportivos coletivos**. 2 ed. Lisboa: Universidade do Porto, p. 11-25. 1995.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5 ed. São Paulo (SP): Atlas, 2010.

GOULD, D.; DIEFFENBACH, K.; MOFFETT, A. Psychological characteristics and their development in Olympic champions. **Journal of Applied Sport Psychology**, v.14, p.172–204. 2002.

JANSSEN, I.; LEBLANC, A. G. Review Systematic review of the health benefits of physical activity and fitness in schoolaged children and youth. **International Journal of Behavioural Nutrition and Physical Activity**, v. 7. 2010. p.1-16.

KEEGAN, R. et al, The Motivational Atmosphere in Youth Sport: Coach, Parent, and Peer Influences on Motivation in Specializing Sport Participants. **Journal of Applied Sport Psychology**, v. 22, n.1. 2010. p. 87-105.

LAUER, L. et al, Parental behaviors that affect junior tennis player development. **Psychology of Sport and Exercise**, v.11. 2010. p.487–496.

LAW, M.; CÔTÉ, J.; ERICSSON, K. A. Characteristics of expert development in rhythmic gymnastics: a retrospective study. **International Journal of Sport and Exercise Psychology**, v.5. 2007. p.82-103.

LEITE, N.; BAKER, J.; SAMPAIO, J. Paths to expertise in Portuguese national team athletes. **Journal of Sports Science and Medicine**, v.8, n.4. 2009. p.560-566.

LEITE, N.M.C.; SAMPAIO, J.E. Long-term Athletic Development Across Different Age Groups and Gender from Portuguese Basketball Players. **International Journal of Sports Science & Coaching**, v. 7, n. 2, jun. 2012. p.285-300.

LOVATTO, D. L.; GALATTI, L. R. Pedagogia do Esporte e Jogos Esportivos Coletivos: das Teorias Gerais para a Iniciação Esportiva em Basquetebol. **Movimento & Percepção**, Espírito Santo do Pinhal (SP), v.8, n.11, p. 268-277, jul/dez.2007.

MACHADO, D. R. L.; BARBANTI, V. J. Maturação Esquelética e crescimento em crianças e adolescentes. **Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano**. Florianópolis (SC), v.9, n.1, 2007. p. 12-20.

MACHADO, G. V.; GALATTI, L. R.; PAES, R. R. Pedagogia do Esporte e o Referencial Histórico-Cultural: interlocução entre teoria e prática. **Pensar a Prática**. Goiânia (GO), v. 17, n. 2, 2014.

_____. Pedagogia do esporte e projetos sociais: interlocuções sobre a prática pedagógica. **Revista Movimento**. Porto Alegre (RS); v. 21, n. 2, abr./jun. 2015. p. 405-418.

MARQUES, R. F. R. et al, Formação de jogadores profissionais de voleibol: relação entre atletas de elite e a especialização precoce. **Rev Bras Educ Fís Esporte**. São Paulo (SP); v.28, n. 2 Abr-jun, 2014. p.293-304.

MARTIN, D.; CARL, K.; LEHHERTZ, K. **Manual de teoria do treinamento esportivo**. São Paulo: Phorte Editora, 2008.

MEIRA, T.; BASTOS, F.C. Estruturas de organização e de promoção esportiva. In: BÖHME, M.T.S. (Org.) **Esporte infanto-juvenil**. São Paulo (SP): Phorte, 2011. p.211-256.

MESQUITA, I.; GRAÇA, A. Probing the strategic knowledge of an elite volleyball setter: a case study. **International Journal of Volleyball Research**, Austin, v.5, n.1, p.6-12, 2002.

MILISTETD, M. **As concepções dos treinadores Brasileiros Experts de Voleibol Acerca da Formação Desportiva a longo prazo do jogador de voleibol**. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciências do Desporto) – Universidade do Porto, Porto, 2007.

MILISTETD, M. et al, Concepções de treinadores “experts” brasileiros acerca do processo de especialização funcional na formação desportiva a longo prazo do jogador de voleibol. **Revista da Educação Física/UEM**. Maringá, v. 20, n. 2, 2.trim. 2009. p. 161-170.

_____. Concepções de treinadores “experts” brasileiros sobre o processo de formação desportiva do jogador de voleibol. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**. São Paulo (SP), v.24, n.1, jan./mar. 2010. p.79-93.

_____. Análise da organização competitiva de crianças e jovens: Adaptações estruturais e funcionais. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. v.36, n.3. 2014. p.761-678

MODESTO, M. C.; RUBIO, J. de A. S. A Importância da Ludicidade na Construção do Conhecimento. **Revista eletrônica saberes da educação**, v. 5, 2014.

MORGAN, T. K.; GIACOBBI, P. R. Toward Two Grounded Theories of the Talent Development and Social Support Process of Highly Successful Collegiate Athletes. **The Sport Psychologist**, v. 20, p.295-313. 2006.

NUNOMURA, M.; CARRARA, P. D. S.; TSUKAMOTO, M. H. C. Ginástica artística e especialização precoce: cedo demais para especializar, tarde demais para ser campeão! **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**. São Paulo (SP), v.24, n.3, p.305-14, jul./set. 2010.

PAES, R. R. A pedagogia do esporte e os jogos coletivos. In: DE ROSE JÚNIOR. **Esporte e atividade física na infância e adolescência**. São Paulo (SP): Artmed, 2002.

_____. Pedagogia do Esporte: Especialização Esportiva Precoce. In TANI, G.; BENTO, J. O.; PETERSEN, R. D. S. **Pedagogia do desporto**. 1. ed. Rio de Janeiro (RJ): Guanabara-Koogan, 2006. p. 219-226.

PATRICK, H., et al, Adolescents' commitment to developing talent: The role of peers in continuing motivation for sports and the arts. **Journal of Youth and Adolescence**, v.28, p.741–763. 1999.

PERES, L.; LOVISOLO, H. Formação esportiva: teoria e visões do atleta de elite no **Brasil**. **Revista da Educação Física**, Maringá, v.17, n.2, p.211-218, 2º sem 2006.

PHILLIPS, E. et al, Expert Performance in Sport and the Dynamics of Talent Development. **Sports Medicine**, v.40, n.4, p.271-83. 2010.

ROSADO, A.; MESQUITA, I.; COLAÇO, C. **Desporto e Atividade Física: Métodos e Técnicas de investigação qualitativa**. Lisboa: FMU, 2012

SANTANA, W. C. **Futsal: apontamentos pedagógicos na iniciação e na especialização**. 2a ed. Campinas: Autores Associados; 2008.

SANTANA, W.C.; REIS, H.B.; RIBEIRO, D. A iniciação de jogadores de futsal com participação na Seleção Brasileira. **Revista EFDeportes**, Buenos Aires, año 11, n.96, 2006.

SCAGLIA, A. **O futebol e os jogos/brincadeiras de bola com os pés: todos semelhantes, todos diferentes**. 2003. 164 f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação Física, Campinas (SP), 2003.

SEABRA, A.; CATELA, D. Maturação, crescimento físico e prática desportiva em crianças. **Horizonte**. Lisboa, v.14, n.83, p.7-15, 1998.

SILVA, S. G. et al, Caracterização da Pesquisa (tipos de pesquisa). In: SANTOS, S. G. (Org.), **Método e técnicas de pesquisa quantitativa aplicada à Educação Física**. Florianópolis: Tribo da Ilha. p. 67-75, 2011.

SOUZA, E. R. et al, Teaching Games for Understanding e Desenvolvimento Humano, Uma Interface Possível. In: **Educação Física, Lazer e Saúde: Perspectivas de desenvolvimento num mundo globalizado**. Leipzig (ALE): Ed. Universidade de Leipzig, 2016.

TUBINO, M. J. G. **Teoria geral do esporte**. São Paulo (SP): IBRASA, 1987.

_____. **Estudos brasileiros sobre o Esporte. Ênfase no esporte-educação**. Maringá (PR): EDUEM, 2010.

VIEIRA, A. F.; BOJIKIAN, J. C. M. Especialização no voleibol durante a grande infância. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**. v.7, n.3, 2008. p. 63-70.

VIEIRA, L. F.; VIEIRA, J. L. L.; KREBS, R. J. A trajetória de desenvolvimento de um talento esportivo: estudo de caso. **Kinesis**. Santa Maria (RS), n. 21, p. 47-55, 1999.

WALL, M.; CÔTÉ, J. Developmental activities that lead to dropout and investment in sport. **Physical Education & Sport Pedagogy**. n.12, v.1, p. 77-87. 2007.

WEINECK, J. **Treinamento ideal**. Tradução de Beatriz Maria Romano Carvalho. São Paulo (SP): Manole, 1999.

WRIGHT, A.; CÔTÉ, J. A retrospective Analysis of Leadership Developmental Through Sport. **The Sport Psychologist**. n. 17, p.268-291. 2003.

APÊNDICES

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - UFSC
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS
CEPSH



Termo de consentimento livre e esclarecido



O(a) Senhor(a) está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa, referente à Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação Física - Centro de Desportos - Universidade Federal de Santa Catarina (PPGEF/CDS/UFSC) do mestrando Felipe Goedert Mendes, intitulada " O PROCESSO DESENVOLVIMENTO ESPORTIVO DE ATLETAS DAS CATEGORIAS JUVENIL E INTANTO-JUVENOL EM CLUBE DE ELITE DE VOLEIBOL". Essa pesquisa tem como analisar o desenvolvimento esportivo de atletas das categorias oferecidas por um clube de voleibol de elite.

Esse estudo se dá relevância na formação e desenvolvimento atletas de voleibol. Trata-se de uma pesquisa estabelecida na abordagem quanti-qualitativa a qual exige enquanto coleta de dados a aplicação do questionário acerca da carreira esportiva de atletas, além da utilização de filmagens de jogos para ser feita a análise de desempenho dos atletas situação de jogo.

Os riscos desta pesquisa são mínimos, pois o questionário, contendo questões abertas e fechadas, exigirá apenas a seu preenchimento sobre a sua trajetória esportiva, entretanto é importante colocar que pode haver algum desconforto no preenchimento do mesmo, assim como, mesmo que remotamente, pode ocorrer quebra de sigilo por eventuais problemas involuntários e intencionais. Para minimizar esses desconfortos possíveis a aplicação do questionário será realizada em ambiente favorável, em uma sala fechada, com a presença apenas do entrevistado e do pesquisador.

Além disso, a qualquer momento da realização desse estudo, o (a) senhor (a) e/ou os estabelecimentos envolvidos poderão receber esclarecimentos adicionais que julgarem necessários por e-mail ou telefone e poderão se recusar a participar ou retirar seu consentimento da pesquisa em qualquer fase da mesma, sem nenhum tipo de penalidade, constrangimento ou prejuízo. Sua privacidade e o sigilo das informações serão preservados em todas as fases da pesquisa por meio de adequada

codificação dos instrumentos de coleta e análise de dados. Nenhum nome e identificação de pessoas interessam a esse estudo. Os benefícios e vantagens em participar desse estudo serão: a) o levantamento de informações sobre as percepções acerca das articulações intersetoriais desenvolvidas com relação ao tema, b) possibilidade de revelar possíveis ações que mereçam maior atenção no desenvolvimento de novos atletas de voleibol. Os pesquisadores declaram que a Resolução 466/12 será cumprida integralmente. Todos os registros efetuados no decorrer desta investigação científica serão usados para fins acadêmico-científicos e inutilizados após a fase de análise dos dados e apresentação dos resultados finais na forma de artigo científico.

Os pesquisadores envolvidos com esse estudo são: Felipe Goedert Mendes e Edison Roberto de Souza (docente da UFSC). Solicitamos autorização para uso de seus dados para a produção de artigos técnicos e científicos. A sua participação na presente pesquisa não acarretará em despesas para você, assim como não haverá o pagamento de nenhum valor financeiro em troca da sua participação, que é voluntária. No entanto, caso venha a ser comprovado algum prejuízo ou eventual dano decorrente da sua participação, você poderá ser ressarcido ou indenizado pelos pesquisadores. Os pesquisadores esclarecem que não haverá nenhuma forma de pagamento referente a sua participação no estudo e, se coloca à disposição para que possíveis danos causados em face a sua participação sejam assumidos pelos pesquisadores. Após o final da pesquisa os pesquisadores assumem o compromisso de agendar uma nova conversa com o entrevistado e apresentar um resumo dos principais resultados do estudo, a fim de que esses possam contribuir com sua atuação profissional.

Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido é feito em duas vias, que também serão rubricadas e assinadas pela pesquisadora, sendo que uma delas ficará em poder do pesquisador e outra com o sujeito participante da pesquisa.

Nome do pesquisador para contato: Felipe Goedert Mendes

Número do telefone: (48) 9616-5499. **E-mail:** Felipe_goedert@hotmail.com

Endereço: Rua Desembargador Gil Costa, nº310

Assinatura do pesquisador

Rua Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401, prédio Reitoria II - Trindade, Florianópolis/SC. CEP 88.040-400. E-mail: cep.propesq@contato.ufsc.br. Telefone para contato: (48) 3721-6094

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro que fui informado (a) sobre todos os procedimentos da pesquisa, recebi de forma clara e objetiva todas as explicações pertinentes ao projeto, fui esclarecido de que todos os dados a meu respeito serão sigilosos e posso me retirar do estudo a qualquer momento.

Nome por extenso: _____

Assinatura do participante

Florianópolis, ____/____/2016

APÊNDICE B – TERMO DE ASSENTIMENTO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - UFSC
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA COM SERES
HUMANOS CEP SH



TERMO DE ASSENTIMENTO

O(a) Seu(sua) filho(a) está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa, referente à Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação Física - Centro de Desportos - Universidade Federal de Santa Catarina (PPGEF/CDS/UFSC) do mestrando Felipe Goedert Mendes, intitulada " O PROCESSO DESENVOLVIMENTO ESPORTIVO DE ATLETAS DAS CATEGORIAS JUVENIL E INTANTO-JUVENOL EM CLUBE DE ELITE DE VOLEIBOL". Essa pesquisa tem como analisar o desenvolvimento esportivo de atletas das categorias oferecidas por um clube de voleibol de elite.

Esse estudo se dá relevância na formação e desenvolvimento atletas de voleibol. Trata-se de uma pesquisa estabelecida na abordagem quanti-qualitativa a qual exige enquanto coleta de dados a aplicação do questionário acerca da carreira esportiva de atletas, além da utilização de filmagens de jogos para ser feita a análise de desempenho dos atletas situação de jogo.

Os riscos desta pesquisa são mínimos, pois o questionário, contendo questões abertas e fechadas, exigirá apenas a seu preenchimento sobre a sua trajetória esportiva, entretanto é importante colocar que pode haver algum desconforto no preenchimento do mesmo, assim como, mesmo que remotamente, pode ocorrer quebra de sigilo por eventuais problemas involuntários e intencionais. Para minimizar esses desconfortos possíveis a aplicação do questionário será realizada em ambiente favorável, em uma sala fechada, com a presença apenas do entrevistado e do pesquisador.

Além disso, a qualquer momento da realização desse estudo, o (a) senhor (a) e/ou os estabelecimentos envolvidos poderão receber esclarecimentos adicionais que julgarem necessários por e-mail ou telefone e poderão se recusar a participar ou retirar seu consentimento da pesquisa em qualquer fase da mesma, sem nenhum tipo de penalidade, constrangimento ou prejuízo. Sua privacidade e o sigilo das informações serão preservados em todas as fases da pesquisa por meio de adequada codificação dos instrumentos de coleta e análise de dados. Nenhum nome e identificação de pessoas interessam a esse estudo. Os benefícios e

vantagens em participar desse estudo serão: a) o levantamento de informações sobre as percepções acerca das articulações intersetoriais desenvolvidas com relação ao tema, b) possibilidade de revelar possíveis ações que mereçam maior atenção no desenvolvimento de novos atletas de voleibol. Os pesquisadores declaram que a Resolução 466/12 será cumprida integralmente. Todos os registros efetuados no decorrer desta investigação científica serão usados para fins acadêmico-científicos e inutilizados após a fase de análise dos dados e apresentação dos resultados finais na forma de artigo científico.

Os pesquisadores envolvidos com esse estudo são: Felipe Goedert Mendes e Edison Roberto de Souza (docente da UFSC). Solicitamos autorização para uso de seus dados para a produção de artigos técnicos e científicos. A sua participação na presente pesquisa não acarretará em despesas para você, assim como não haverá o pagamento de nenhum valor financeiro em troca da participação do seu filho, que é voluntária. No entanto, caso venha a ser comprovado algum prejuízo ou eventual dano decorrente da sua participação, você poderá ser ressarcido ou indenizado pelos pesquisadores. Os pesquisadores esclarecem que não haverá nenhuma forma de pagamento referente a sua participação no estudo e, se coloca à disposição para que possíveis danos causados em face a sua participação sejam assumidos pelos pesquisadores. Após o final da pesquisa os pesquisadores assumem o compromisso de agendar uma nova conversa com o entrevistado e apresentar um resumo dos principais resultados do estudo, a fim de que esses possam contribuir com sua atuação profissional.

Este Termo de Assentimento é feito em duas vias, que também serão rubricadas e assinadas pela pesquisadora, sendo que uma delas ficará em poder do pesquisador e outra com o sujeito participante da pesquisa.

Nome do pesquisador para contato: Felipe Goedert Mendes

Número do telefone: (48) 9616-5499. **E-mail:**

Felipe_goedert@hotmail.com

Endereço: Rua Desembargador Gil Costa, nº310

Assinatura do pesquisador

Comitê de Ética de Pesquisa com Seres Humanos – CEPESH
Prédio Reitoria II (Edifício Santa Clara)

Rua Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401, prédio Reitoria II
- Trindade, Florianópolis/SC. CEP 88.040-400. E-mail:
cep.propesq@contato.ufsc.br. Telefone para contato: (48) 3721-6094

TERMO DE ASSENTIMENTO

Declaro que fui informado (a) sobre todos os procedimentos da pesquisa, recebi de forma clara e objetiva todas as explicações pertinentes ao projeto, fui esclarecido de que todos os dados a meu respeito serão sigilosos e posso me retirar do estudo a qualquer momento.

Nome por extenso da criança: _____

Assinatura da criança/adolescente: _____

Assinatura dos pais/responsáveis: _____

Florianópolis, ____/____/2016

ANEXOS

ANEXO A – Protocolo de autorização de pesquisa do CEPSPH

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA - UFSC



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: ELEMENTOS DINÂMICOS NO DESENVOLVIMENTO ESPORTIVO E SUAS CONTRIBUIÇÕES NO DESEMPENHO ESPORTIVO DE ATLETAS DA CATEGORIA JUVENIL DE VOLEIBOL

Pesquisador: Edison Roberto de Souza

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 57267716.2.0000.0121

Instituição Proponente: Universidade Federal de Santa Catarina

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.718.040

Apresentação do Projeto:

Dissertação de mestrado de Felipe Goedert Mendes orientado por Edison Roberto de Souza. Pretende entrevistar e observar gravações de vídeo de jogos de 24 atletas das categorias Infanto-Juvenil e Juvenil de um clube de elite de voleibol. Será solicitado a eles que respondam um questionário acerca da Carreira Esportiva de Atletas de Voleibol, Instrumento que tem como o tema central os elementos dinâmicos do desenvolvimento esportivo. O questionário irá abordar quatro dimensões, sendo elas: a) Dados sobre informações sócio demográficas, onde estão contemplados os indicadores: Nome, sexo, data e local de nascimento, local onde passou maior parte da sua infância, pré-adolescência e adolescência, informações acerca do início da modalidade e financiadores; b) Características sobre as atividades praticadas na infância (até 12 anos) onde serão exploradas informações sobre o engajamento pessoal nas atividades, as interações interpessoais e o contexto durante essa fase; c) Características sobre as atividades praticadas na pré-adolescência (13-15 anos) desta forma, buscando alcançar aspectos relevantes nos três elementos dinâmicos de desenvolvimento esportivo (engajamento pessoal nas atividades, as interações interpessoais e o contexto apropriado); d) Características sobre as atividades praticadas na adolescência (16-18 anos) onde será abordado questões acerca do engajamento pessoal nas atividades, as interações interpessoais e o contexto durante esse período. Serão ainda

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R. Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401
Bairro: Trindade **CEP:** 88.040-400
UF: SC **Município:** FLORIANÓPOLIS
Telefone: (48)3721-8094 **E-mail:** cep.propes@contato.ufsc.br

ANEXO B – Questionário da Carreira Esportiva de Atletas de Voleibol



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA CENTRO DE DESPORTOS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Campus Universitário Trindade - Florianópolis - SC – Brasil QUESTIONÁRIO: FORMAÇÃO ESPORTIVA DE ATLETAS DE ELITE DO VOLEIBOL

Sexo: () Masculino () Feminino
 Categoria atual na seleção brasileira: _____
 Mês e ano de nascimento: _____/_____
 Cidade/estado em que você nasceu: _____
 Cidade/estado em que passou a maior parte da infância (até 12 anos): _____
 Cidade/estado em que passou a maior parte da pré-adolescência (13 a 15 anos): _____
 Cidade/estado em que passou a maior parte da adolescência (16 a 18 anos): _____
 Escolaridade:
 Ensino Fundamental: Ensino Médio:
 () escola pública () escola pública
 () escola particular () escola particular

Clube em que treina atualmente: _____
 Clubes em que já treinou: _____
 Com quantos anos foi federado a primeira vez no seu estado? _____
 Ganha algum auxílio financeiro para treinar voleibol?
 () salário, bolsa-atleta () moradia, alimentação () outro: () nenhum
 Funções/posições em que já atuou:
 () levantador () meio () entrada/ponta () saída/oposto () líbero
 Principal função/posição em que atua:
 () levantador () meio () entrada/ponta () saída/oposto () líbero

Participações em seleções de voleibol (assinale um X nos parênteses das seleções em que participou):

Seleções estaduais	Participação em competições sulamericanas	Participação em competições mundiais
Feminino: <input type="checkbox"/> Infantil (sub-15) <input type="checkbox"/> Infante-juvenil (sub-17) <input type="checkbox"/> Juvenil (sub-19) Masculino: <input type="checkbox"/> Infantil (sub-16) <input type="checkbox"/> Infante-juvenil (sub-18) <input type="checkbox"/> Juvenil (sub-20)	Feminino: <input type="checkbox"/> Sub-18 <input type="checkbox"/> Sub-20 <input type="checkbox"/> Sub-23 Masculino: <input type="checkbox"/> Sub-19 <input type="checkbox"/> Sub-21 <input type="checkbox"/> Sub-23	Feminino: <input type="checkbox"/> Sub-18 <input type="checkbox"/> Sub-20 <input type="checkbox"/> Sub-23 Masculino: <input type="checkbox"/> Sub-19 <input type="checkbox"/> Sub-21 <input type="checkbox"/> Sub-23

Caso você tenha interesse em receber os resultados da pesquisa, indique seu nome e e-mail. Caso contrário, não há necessidade de preencher este espaço.

Nome: _____
 E-mail: _____

Parte 2: ATIVIDADES PRATICADAS ATÉ OS 12 ANOS DE IDADE

1. Assinale as atividades que você praticava nas aulas de Educação Física na **escola até os 12 anos** e assinale o quanto elas influenciaram seu interesse pela carreira esportiva.

Atividades praticadas na escola	Grau de influência				
	Muito baixo	Baixo	Moderado	Alto	Muito alto
() esportes. Principais: _____	1	2	3	4	5
() jogos e brincadeiras	1	2	3	4	5
() dança	1	2	3	4	5
() ginástica	1	2	3	4	5
() lutas	1	2	3	4	5

2. Indique as **atividades** que você praticava **até os 12 anos** e, para cada uma delas, indique a característica da atividade, quantas horas por semana e assinale o número que corresponde à sua motivação pessoal.

Atividades físicas ou esportivas praticadas (inclusive brincadeiras de rua)	Característica (lazer ou treinamento)	Quantas horas por semana (aproximadamente)	Motivação pessoal para a prática				
			Muito baixa	Baixa	Moderada	Alta	Muito alta
1-	() lazer () treino		1	2	3	4	5
2-	() lazer () treino		1	2	3	4	5
3-	() lazer () treino		1	2	3	4	5
4-	() lazer () treino		1	2	3	4	5
5-	() lazer () treino		1	2	3	4	5

3. Indique uma ou duas das principais atividades que você praticava **até os 12 anos** e assinale o número que corresponde ao grau de **incentivo** (apoio) das pessoas citadas.

Principais atividades praticadas	Grupo de pessoas	Grau de Incentivo (apoio)				
		Muito baixo	Baixo	Moderado	Alto	Muito alto
1-	Pais/irmãos/familiares	1	2	3	4	5
	Treinadores/professores	1	2	3	4	5
	Amigos	1	2	3	4	5
2-	Pais/irmãos/familiares	1	2	3	4	5
	Treinadores/professores	1	2	3	4	5
	Amigos	1	2	3	4	5

4. Assinale os números que correspondem à qualidade dos **locais** e dos **materiais** disponíveis para as atividades Físicas e esportivas que você praticava **até os 12 anos**.

Principais atividades praticadas	Local (rua, praça, clube, escola-para dos horários de aula...)	Qualidade da estrutura do local					Qualidade dos materiais				
		Muito ruim	Ruim	Moderada	Bom	Muito bom	Muito ruim	Ruim	Moderada	Bom	Muito bom
1-		1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
2-		1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
3-		1	2	3	4	5	1	2	3	4	5

Parte 3: ATIVIDADES PRATICADAS DE 13 A 15 ANOS DE IDADE

5. Assinale as atividades que você praticava nas aulas de Educação Física na **escola de 13 a 15 anos** e assinale o quanto elas influenciaram seu interesse pela carreira esportiva.

Atividades praticadas na escola	Grau de influência				
	Muito baixo	Baixo	Moderação	Alto	Muito alto
() esportes. Principais: _____	1	2	3	4	5
() jogos e brincadeiras	1	2	3	4	5
() dança	1	2	3	4	5
() ginástica	1	2	3	4	5
() lutas	1	2	3	4	5

6. Indique as **atividades** que você praticava **de 13 a 15 anos** e, para cada uma delas, indique a característica da atividade, quantas horas por semana e assinale o número que corresponde à sua motivação pessoal.

Atividades físicas ou esportivas praticadas (inclusive brincadeiras de rua)	Característica (lazer ou treinamento)	Quantas horas por semana (aproximadamente)	Motivação pessoal para a prática				
			Muito baixa	Baixa	Moderação	Alta	Muito alta
1-	() lazer () treino		1	2	3	4	5
2-	() lazer () treino		1	2	3	4	5
3-	() lazer () treino		1	2	3	4	5
4-	() lazer () treino		1	2	3	4	5
5-	() lazer () treino		1	2	3	4	5

7. Indique uma ou duas das principais atividades que você praticava **de 13 a 15 anos** e assinale o número que corresponde ao grau de **incentivo** (apoio) das pessoas citadas.

Principais atividades praticadas	Grupo de pessoas	Grau de Incentivo (apoio)				
		Muito baixo	Baixo	Moderação	Alto	Muito alto
1-	Pais/irmãos/familiares	1	2	3	4	5
	Treinadores/professores	1	2	3	4	5
	Amigos	1	2	3	4	5
2-	Pais/irmãos/familiares	1	2	3	4	5
	Treinadores/professores	1	2	3	4	5
	Amigos	1	2	3	4	5

8. Assinale os números que correspondem à qualidade dos **locais** e dos **materiais** disponíveis para as atividades Físicas e esportivas que você praticava **de 13 a 15 anos**.

Principais atividades praticadas	Local (rua, praça, clube, escola-fora dos horários de aula...)	Qualidade da estrutura do local					Qualidade dos materiais				
		Muito ruim	Ruim	Moderação	Bom	Muito bom	Muito ruim	Ruim	Moderação	Bom	Muito bom
1-		1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
2-		1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
3-		1	2	3	4	5	1	2	3	4	5

Parte 4: ATIVIDADES PRATICADAS DE 16 A 18 ANOS DE IDADE

9. Assinale as atividades que você praticava nas aulas de Educação Física na **escola de 16 a 18 anos** e assinale o quanto elas influenciaram seu interesse pela carreira esportiva.

Atividades praticadas na escola	Grau de influência				
	Muito baixo	Baixo	Moderado	Alto	Muito alto
() esportes. Principais: _____	1	2	3	4	5
() jogos e brincadeiras	1	2	3	4	5
() dança	1	2	3	4	5
() ginástica	1	2	3	4	5
() lutas	1	2	3	4	5

10. Indique as **atividades** que você praticava de **16 a 18 anos** e, para cada uma delas, indique a característica da atividade, quantas horas por semana e assinale o número que corresponde à sua motivação pessoal.

Atividades físicas ou esportivas praticadas (inclusive brincadeiras de rua)	Característica (lazer ou treinamento)	Quantas horas por semana (aproximadamente)	Motivação pessoal para a prática				
			Muito baixa	Baixa	Moderada	Alta	Muito alta
1-	() lazer () treino		1	2	3	4	5
2-	() lazer () treino		1	2	3	4	5
3-	() lazer () treino		1	2	3	4	5
4-	() lazer () treino		1	2	3	4	5
5-	() lazer () treino		1	2	3	4	5

11. Indique uma ou duas das principais atividades que você praticava de **16 a 18 anos** e assinale o número que corresponde ao grau de **incentivo** (apoio) das pessoas citadas.

Principais atividades praticadas	Grupo de pessoas	Grau de Incentivo (apoio)				
		Muito baixo	Baixo	Moderado	Alto	Muito alto
1-	Pais/irmãos/familiares	1	2	3	4	5
	Treinadores/professores	1	2	3	4	5
	Amigos	1	2	3	4	5
2-	Pais/irmãos/familiares	1	2	3	4	5
	Treinadores/professores	1	2	3	4	5
	Amigos	1	2	3	4	5

12. Assinale os números que correspondem à qualidade dos **locais** e dos **materiais** disponíveis para as atividades Físicas e esportivas que você praticava de **16 a 18 anos**.

Principais atividades praticadas	Local (rua, praça, clube, escola- fora dos horários de aula...)	Qualidade da estrutura do local					Qualidade dos materiais				
		Muito ruim	Ruim	Moderada	Bom	Muito boa	Muito ruim	Ruim	Moderada	Bom	Muito boa
1-		1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
2-		1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
3-		1	2	3	4	5	1	2	3	4	5

